

Convergência

Abril, Maio e Junho • 2025 • ANO LX • N. 549



CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário



CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

EDITORIAL	5
ARTIGOS.....	7
Espiritualidade ecológica: da contemplação de Deus à transformação das relações <i>Frei Vanildo Luiz Zugno</i>	7
Práticas sustentáveis e VRC: ecologia integral em ação <i>Irmão Afonso Murad</i>	21
Dez lições das enchentes <i>Frei Gilmar Zampieri</i>	29
Florescer com a irmã Terra. Ecos da oficina de ecologia no Congresso de 70 anos da CRB <i>Irmão Afonso Murad</i>	51
Com Jesus no ar condicionado. Uma conversa com Deus sobre o assunto mais importante <i>Frei Johannes Gierse</i>	59
REPAM: uma experiência sinodal da Igreja na Amazônia <i>Irmão João Gutemberg Sampaio</i>	71
A Comunidade Intercongregacional Pe. Josimo: um caminho de ecologia integral <i>Frei Wilson Zanatta</i>	87
Ecologia integral e mundo urbano <i>Frei Marcelo Toyansk Guimarães</i>	101
Orientações para os/as colaboradores/as	119





A Igreja do Brasil, através da Campanha da Fraternidade de 2025, mais uma vez nos apresenta a temática ecológica como tema para reflexão e ação dos cristãos. Há duas razões para isso. A primeira, circunstancial, são os dez anos da Encíclica *Laudato Si*. Através dela, o Papa Francisco introduziu o cuidado da casa comum no rol dos grandes desafios e compromissos éticos dos cristãos. Nove anos depois, com a Exortação Apostólica *Laudato Deum*, ele veio confirmar essa opção e recolocar o desafio de uma permanente conversão ecológica para a Igreja.

A outra razão, esta mais de fundo, é a constatação cada vez mais inegável de que as mudanças climáticas provocadas pela ação humana estão colocando em risco a sobrevivência de nossa espécie e de toda forma de vida no Planeta Terra. Os eventos climáticos extremos são cada vez mais frequentes e devastadores e nossa capacidade de dar resposta a eles é cada vez mais limitadas. Sem falar, é claro, daqueles e daquelas que fingem ignorar a responsabilidade que temos em tudo isso.

Contribuindo com o chamado à reflexão e a indicação de possíveis alternativas, este número da Revista Convergência se debruça sobre o tema e é inteiramente dedicado a ele.

Os dois textos do Irmão Afonso Murad, são muito práticos. Eles nos indicam modos concretos como, no cotidiano de nossas comunidades religiosas, das comunidades eclesiais e em nossos ambientes de missão, podemos colocar em prática medidas que protegem e restabelecem o equilíbrio ecológico. E, por serem em ambientes públicos, tem uma dimensão pedagógica na medida em que mostram às pessoas a possibilidade de se viver harmoniosamente com a criação.

A relação entre a experiência de fé e as demandas ecológicas é refletida nos textos de Frei Vanildo Luiz Zugno e Frei Johannes Gierse. Eles nos convidam a pensar a relação entre a espiritualidade cristã que afirmamos viver e o modo como nos sentimos em meio a um planeta que sofre ameaças.

Ameaça concreta refletida no texto de Frei Gilmar Zampieri

sobre as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. O que aprendemos com elas? Dez são, segundo Frei Gilmar, as lições que devemos reter para que tais eventos não voltem a se repetir no futuro.

A partir de outro ambiente, do mundo urbano, Frei Marcelo Toyansk Guimarães nos provoca a pensar sobre as relações entre as pessoas e destas com as cidades em que vivemos. E isso é urgente, pois muitos ainda pensam a ecologia apenas como cuidar de bichinhos e plantinhas. Através do conceito de *ecologia integral*, o Papa Francisco na *Laudato Si* nos convida a pensar em todos os espaços e em todas as interações que impedem ou possibilitam relações. E o ambiente urbano é, hoje, um dos espaços onde as relações estão mais degradadas e precisam ser reconstruídas.

Para completar o conjunto, dois relatos provenientes de dois

extremos geográficos do Brasil. Desde a Amazônia, Irmão João Gutemberg Sampaio, faz um relato dos 10 anos da Rede Eclesial Pan-Amazônica que, neste curto tempo, tornou-se uma presença profética da Igreja junto aos povos e ao Bioma Amazônico. Do sul do Brasil, em meio ao Bioma Pampa, Frei Wilson Zanatta relata a presença e missão da Comunidade Intercongregacional Padre Josimo entre os camponeses sem terra, assentados, pequenos agricultores, quilombolas e comunidades de povos originários.

Desejamos a cada leitor e cada leitora que a Campanha da Fraternidade 2025 seja um tempo para reforçarmos a convicção de que *tudo está interligado* e que *cada vida tem um valor absoluto* e nós, humanos, somos chamados a cuidar de toda criação.

Frei Vanildo Luiz Zugno
OFM Cap.



ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICA: DA CONTEMPLAÇÃO DE DEUS À TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES

Frei Vanildo Luiz Zugno¹

Resumo: Tendo como referência o Magistério do Papa Francisco, o texto apresenta elementos para uma espiritualidade que contemple a relação do ser humano com a criação. O ponto de partida para tal movimento é o retorno ao centro da experiência de Deus com a humanidade: um Deus que se faz presente e assume a carne em Jesus de Nazaré. O objetivo é passar de uma espiritualidade que apenas contemple a Deus a uma experiência de Deus que transforme as relações.

Palavras-chave: Espiritualidade. Ecologia. Trindade. Criação. Humanidade. Sacramentos.

Introdução

A espiritualidade é o sustento de toda experiência de fé e de missão. A VRC tem sido, na história da Igreja, fonte e lugar de cultivo de muitas espiritualidades. Cada uma a seu modo foi um caminho

para encarnar a fé cristã em seu ambiente histórico e cultural.

Na atualidade, uma das grandes preocupações da humanidade e da Igreja é a crise ecológica que ameaça a vida sobre o planeta

¹ Frade Menor Capuchinho. Doutor em Teologia. Professor na ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana). Assessor para a Formação Continuada da CRB Nacional. Editor da Revista Convergência. Endereço para contato: freivanildo@gmail.com

Terra e, nele, da própria humanidade. Para poder dar uma resposta aos desafios que nascem deste contexto, é preciso incorporar em nossa espiritualidade a dimensão ecológica.

Partiremos, neste texto, de uma aproximação do que é uma espiritualidade cristã e, na sequência, alguns elementos de nossa fé que poderão servir de pontos de referência nesta construção.

A espiritualidade

Espiritualidade, em seu sentido mais amplo, é um modo de ser cristão, uma atitude vital, global e sintética que dá forma à totalidade e a cada detalhe de nossa vida (GUTIÉRREZ, 1985, p. 20).

Como nos atesta a pluralidade de textos do Novo Testamento, não há uma única espiritualidade cristã. Não temos apenas um Evangelho. São quatro os Evangelhos, cada um deles transmitindo-nos um modo diferente de ser cristão. Mais plural ainda é o mundo das cartas neotestamentárias. A espiritualidade das cartas paulinas, em sua interna diversidade, é bem diferente da espiritualidade da Carta aos Hebreus, ou da de Pedro e Tiago.

A razão de tal diversidade é que cada um dos autores, a partir de sua comunidade eclesial e de seu

entorno social e cultural, buscou expressar a experiência de Deus de modo a dar sentido ao todo e à cada parte da vida daquele grupo humano que se reunia pela fé em Jesus Cristo.

A razão disso é que, seguindo o caminho do Verbo que assume a condição humana, a espiritualidade cristã é sempre encarnada. Assim como o Filho de Deus nasceu de Maria na gruta de Belém “no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judéia, e Herodes tetrarca da Galileia, e seu irmão Filipe tetrarca da Itureia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes” (Lc 3, 1-2), nós somos chamados a viver a presença de Deus que dá sentido ao todo e a cada detalhe de nossa vida em nosso tempo e em nosso lugar.

Um passeio panorâmico pela história do cristianismo nos permite atestar com facilidade a variedade dos caminhos espirituais percorridos pelos diversos grupos que compuseram a comunidade eclesial. Por isso podemos falar de uma *história da espiritualidade cristã*. Se houvesse um só modo de dar sentido ao todo da vida cristã, não haveria *história*. O cristianismo seria algo petrificado, imóvel, imutável, insensível e, provavelmente, infrutífero.

Tal pluralidade não é um fenômeno apenas do passado. Ela é também presente. Basta observar o multicolorido panorama das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo e nos vários grupos sociais que compõem cada uma das sociedades.

Tanta variedade poderia fazer com que alguém afirmasse jacosamente que há uma espiritualidade “para todos os gostos”. A questão séria que nos devemos por, no entanto, é se estas espiritualidades são do gosto de Jesus. Ele é o critério de toda espiritualidade que se afirma cristã. E, como dissemos anteriormente, o núcleo estruturador da experiência espiritual do Filho de Deus é a Encarnação. Não apenas a encarnação no ventre de Maria em Nazaré da Galileia. Nesta primeira Encarnação, ele assumiu a humanidade. E não apenas a *humanidade humana* tão vivamente expressa em nossos presépios de Natal onde vemos o menino Jesus deitado na manjedoura ladeado por Maria, José, os animais e os anjos.

A Encarnação do Filho de Deus, como bem nos lembra Paulo (Fl 2,5-11), consiste também em assumir a *humanidade desumanizada* pelas atrocidades da injustiça e da violência da qual nós somos capazes. Ele assumiu a humanidade na condição dos

últimos da sociedade, os escravizados, e padeceu a morte de cruz reservada a todos aqueles que ousavam desafiar as autoridades religiosas e políticas do Império Romano. Foi a partir da condição dos últimos entre os últimos que Ele deu sentido ao todo de sua existência e, nesse caminho, foi exaltado acima de todos os nomes.

Há muitas espiritualidades cristãs. Na história do cristianismo, a influência das doutrinas maniqueístas, gnósticas e racionalistas fizeram com que, aqui e ali, surgissem correntes espirituais que, afirmando-se cristã, pretendiam desenraizar a vida da fé do *humus* da humanidade e do mundo apresentando o caminho para Deus como um abandono das realidades terrestres e uma elevação da alma solitária para uma realidade divina para além deste mundo.

Na *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco chama a atenção para os perigos destas pseudoespiritualidades que, ao invés de abrir a pessoa para o mistério divino, “quer domesticar o mistério, tanto o mistério de Deus e da sua graça, como o mistério da vida dos outros” (GE 40), especialmente a vida dos mais pobres (GE 46).

Para merecer o qualificativo de cristã, uma espiritualidade tem que estar com *os pés no chão*.

O chão ecológico

O chão que pisamos é cada vez mais movediço. A cada passo, nossos pés sentem a insegurança que dele brota. Não porque a Terra na qual vivemos tenha mudado. Nós, humanos, é que mudamos a Terra. Deus nos criou com a capacidade de cuidar a obra que ele começou e ajudá-la a desabrochar e frutificar cada vez mais abundantemente. A opção dos humanos, no entanto, parece ser a de *predadores* e não a de *cuidadores*. Transformamos as outras *criaturas* que também são obra de Deus em *natureza*, *matéria-prima*, *recurso natural* para a fabricação de produtos a fim de suprir nossas necessidades reais e imaginárias ou simplesmente para obter mais lucro. Nos colocamos em meio à criação como *senhores* e não como *zeladores*.

As consequências estão aí: aquecimento global, extinção de milhares de espécies, degelo das calotas polares, aumento do nível dos oceanos, desregulação do ciclo das chuvas. São mudanças macro que experimentamos nos eventos climáticos extremos que cada vez mais frequentemente assolam o planeta todo. Para ficar bem perto de nós e apenas no ano de 2024, como não lembrar das enchentes que em maio atingiram o Rio

Grande do Sul, da seca que atingiu a Amazônia logo em seguida e dos incêndios que tomaram conta de todo o centro-sul do Brasil?

Estes fenômenos e muitos outros que poderíamos aqui elencar, não são *desastres naturais* como se fala nos noticiários televisivos ou nas redes sociais. São *desastres socioambientais*, ou seja, mesmo que tenham em sua origem e composição um fator natural – chuva, seca, fogo, vento – são potencializados e tornados *desastrosos* graças ao modo como nós humanos nos inserimos e atuamos sobre a criação.

Como bem nos recorda o Papa Francisco na *Laudato Si* ao falar da ecologia integral (LS 137-162), se é verdade que a ecologia tem uma dimensão ambiental, ela envolve necessariamente a dimensão econômica, social, cultural, a vida quotidiana, a política e a perspectiva intergeracional. Como produzimos, distribuimos e consumimos os bens produzidos por nosso trabalho a partir das criaturas que Deus dispôs para nós? Como organizamos nossas relações com as outras pessoas? Com que critérios fazemos as opções do dia a dia, desde a construção de nossas casas, as opções de transporte, comida, lazer? Como gerenciamos as grandes opções sociais? Que mundo deixamos

para as gerações que virão depois da nossa?

Além de todos estes questionamentos, para nós, cristãos, há outro a acrescentar: que sentido damos, a partir de nossa fé, ao nosso ser no mundo com as outras criaturas?

Na história do cristianismo, muitos homens e mulheres viveram uma relacionalidade fraterna e sororal não apenas com os humanos, mas com todas as criaturas. Dentre todos, talvez Francisco de Assis tenha sido aquele que, com mais profundidade, expressou a fraternidade universal. Seu Cântico das Criaturas é até hoje paradigma de sensibilidade ecológica. Ele canta *com* as criaturas o louvor ao Criador e, nesta louvação, ele expressa sua humanidade universalmente reconciliada (CROCOLI, 2018).

O modo como Francisco de Assis se relaciona com as criaturas não deveria, no entanto, ser exceção. Deveria ser a regra. Jesus nos ensina a olhar as outras criaturas como um lugar da manifestação de Deus e exemplo a ser seguido: “Olhem para as aves do céu, olhem para os lírios do campo e parem de acumular gananciosamente”, nos diz Jesus! (Mt 6, 25-34). Para quê acumular indefinidamente bens materiais se nossa vida é necessariamente finita? (Lc 12,16-21).

A crise ecológica que vivemos é, com certeza, “um sinal do céu” (Mt 16,1-20) para que repensem nosso ser mundo e o sentido que o todo de nossa vida e, nele, cada aspecto em particular, encontra fundamento em nossa experiência de fé. Um *kairós* para uma espiritualidade ecológica que não nasce e cresce espontaneamente. É preciso preparar o ambiente, adubar o terreno, colocar a semente com cuidado, “e há que se cuidar do broto” para que a vida nos dê flor e fruto” (NASCIMENTO; TISO, 1983).

Na continuidade, assinalaremos alguns aspectos de nossa fé que podem nos ajudar neste processo de uma espiritualidade ecológica.

Deus-Trindade e suas criaturas

O modo como a fé cristã afirma o ser transcendente no qual acreditamos é muito particular. Tão particular que muitas vezes não nos damos conta de seu sentido profundo e inovador. Nós cremos na Trindade: *um só Deus* que é *três realidades distintas* que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Um só Deus e três realidades. Unidade na pluralidade. Algo difícil de ser pensado e, por isso, difícil de ser dito.

Os Santos Padres que, além de pastores, foram os primeiros teólogos cristãos, expressaram esse modo de ser de Deus ao mesmo tempo uno e plural, com a palavra *pericorese*. Ela indica que cada uma das realidades divinas, é, na medida em que se relaciona com as outras realidades divinas. O Pai é na sua relação com o Filho e com o Espírito; o Filho é na sua relação com o Pai e o Espírito; o Espírito, por sua vez, é na sua relação com o Pai e o Filho. Os padres latinos, para dizer esse modo de ser trinitário em que cada um só é na relação com os outros disseram que as pessoas trinitárias são *relações subsistentes*.

Na nossa experiência humana sempre condicionada pelo tempo e pelo espaço, cada uma das pessoas da Trindade é experimentada com uma ação própria:

O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflete e por Quem tudo foi criado, uniu-Se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos. (LS 238).

Mas isso não pode nos levar a esquecer que, na Trindade, tudo é comum a todas as pessoas divinas. Se, no nosso dizer, atribuí-

mos ao Pai a criação do mundo, não podemos esquecer que ele cria com o Filho e o Espírito Santo. Ao afirmarmos que o Filho é Redentor, não podemos deixar de lado o fato de que o Filho redime juntamente com o Pai e o Espírito. Ao dizermos que o Espírito é Santificador, precisamos afirmar que o Espírito Santifica com o Pai e o Filho.

Uma linguagem litúrgica mal articulada e expressões artísticas não suficientemente fundamentadas na experiência da fé cristã, podem nos levar a elaborações teológicas e espiritualidades triteístas onde cada uma das pessoas da Trindade é autônoma em relação às outras.

A consequência de uma espiritualidade triteísta não-trinitária é experimentar e nos relacionarmos com a criação de forma fragmentária, como se cada uma das criaturas não estivesse relacionada com as outras.

Ao afirmarmos que o Deus que tudo criou é o Triúno e que todas as criaturas e, cada uma em particular, reflete o ser de seu criador, nos “leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária” e que “*toda a criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária*, tão real que poderia ser contemplada espontaneamente, se o olhar do ser humano não

estivesse limitado, obscurecido e fragilizado” (LS 39).

O desafio que nasce da afirmação fundamental da nossa fé de que Deus é Uno e Trino é o de “ler a realidade em chave trinitária” que tem consequências muito importantes na forma como nos situamos e interagimos com as outras criaturas:

Isto convida-nos não só a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas leva-nos também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade. (LS 240).

O *ser ecológico* para o cristão não é apenas uma questão ambiental, ética, econômica, política ou cultural. Para o cristão, o *ser ecológico* é inerente à fé que professamos no Deus-Trindade que deixa sua marca em toda a criação e a faz ser relacional. Fragmentar, dividir, separar, é anti-divino, é diabólico.

Como nos lembra o Papa Francisco, “tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS 240).

A humanidade e sua salvação

Quem de nós, diante da grandeza da criação, já não se extasiou e se perguntou, tal qual o faz o salmista, “que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?” (Sl 8,4).

Ao contemplarmos o céu, o sol, a lua as estrelas, o universo e, nele, a miríade de criaturas, nos perguntamos: que lugar, nós humanos, ocupamos nele?

A tentação, como a expressa a sequência do próprio salmo (v. 6-8), é a de nos colocarmos acima das outras criaturas com a pretensão de domínio. Não podemos, no entanto, esquecer, como assinala anteriormente o salmista (v. 5), de que não somos deuses!

A maioria das criaturas com as quais convivemos sobre este planeta Terra existia muito antes da espécie humana e muitas delas sobreviverão ao desaparecimento de nossa espécie. Para darmos conta de quão restrita é nossa vida diante de toda a vida do

universo, “Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta” (LS 67).

A tradição antropológica ocidental costuma dizer que o ser humano é um *animal racional*. Mesmo que o comportamento cotidiano de humanos nos leve muitas vezes a duvidar da veracidade desta afirmação, não podemos desconhecer que a inteligência é uma característica muito especial dos humanos. Mas isso não nos permite desconhecer as diferentes formas de cognição e de sentimentos presentes em animais não humanos (DAMÁSIO, 2012).

Uma leitura situada da Bíblia, especialmente dos relatos da criação, não permite qualquer fundamento para o *antropocentrismo despótico* característico de nossa cultura ocidental (LS 68). Ousaríamos dizer mais: a tradição cristã não dá espaço para qualquer forma de antropocentrismo, por mais mitigado que seja. Cientes de sermos apenas uma fugaz espécie num universo que já conta mais de 13,7 bilhões de anos e de um planeta que existe a 4,5 bilhões de anos (STEINER, 2020) onde a vida teve suas formas primárias há 3,5 bilhões de anos e que destas formas originárias se desenvolveram as 7,8 milhões de espécies que hoje subsistem (PELLIZZARI; BENDIA, 2024) e que

nossas ancestrais hominídeos surgiram na África a apenas 200 mil anos e que o *homo sapiens* que dizemos não tem mais do que 80 mil anos de idade (ZORZETTO, 2007), cabe mais uma vez a pergunta: que é o ser humano diante da grandeza do universo? Se nos tomamos a sério e tomamos a sério a grandeza da criação, cai por terra toda pretensão antropocêntrica.

Para o cristão, o antropocentrismo não se justifica apenas pelas razões biológicas que acabamos de apresentar. A relatividade da existência humana se fundamenta na afirmação do absoluto de cada forma de vida que não se origina apenas do acaso, mas é expressão da vontade divina e que, se por um lado, podemos fazer um uso responsável das coisas, por outro, por serem todas as criaturas na sua variedade de espécies obra de Deus, “somos chamados a reconhecer que *os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus* e, pelo simples fato de existirem, eles O bendizem e Lhe dão glória, porque o Senhor Se alegra em suas obras” (LS 69).

Cada componente biótico, por minúsculo que seja, tem um valor único em si mesmo e não pode ser descartado. Sua ausência, além de provocar o desequilíbrio no ecossistema do qual faz parte

com consequência para o bioma e para todo o planeta (O que é um Ecossistema e um Bioma, 2014), coloca, para o cristão, uma questão fundamental que é o da relação entre a ação humana e a salvação.

Com efeito, se todas as criaturas são obras de Deus e têm um valor único na criação, a extinção de qualquer espécie em consequência da ação humana, é um pecado a ser considerado do mesmo grau que os pecados tradicionalmente elencados pela doutrina católica: “A destruição do ambiente é uma ofensa a Deus, um pecado que não é apenas pessoal, mas também estrutural, que coloca seriamente em perigo todos os seres humanos, especialmente os mais vulneráveis, e ameaça desencadear um conflito entre gerações” (FRANCISCO, 2024).

A doutrina da Igreja sempre afirmou que “ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos” (FT 32). Na recente pandemia da Covid-19 que teve sua origem no desequilíbrio ambiental provocado por nós humanos “caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair:

a pertença como irmãos” (FRANCISCO, 2020).

A crise ambiental que estamos vivendo reafirma este princípio fundamental da nossa fé e o alarga: não só nós humanos não nos salvamos sozinhos, mas só nos salvaremos se a salvação se estender a todas as criaturas. E, mais uma vez, mesmo que as espiritualidades cristãs tradicionais muitas vezes não tenham incluído este dado, tal afirmação não é novidade. Ela faz parte da doutrina cristã tradicional. Com efeito, “segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem. Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz” (LS 99).

Todas as criaturas têm em si a marca divina não só pela criação. Na Encarnação Um da Trindade assumiu a criaturalidade, a consagrou, como lembra o Papa Francisco que, em seguida, nos aponta a terceira dimensão da salvação na qual está inserido o conjunto dos seres:

O NT não nos fala só de Jesus terreno e da sua relação tão concreta e amorosa com o mundo; mostra-no-Lo também como ressuscitado e glorioso, presen-

te em toda a criação com o seu domínio universal (Cl 1, 19-20). Isto lança-nos para o fim dos tempos, quando o Filho entregar ao Pai todas as coisas “a fim de que Deus seja tudo em todos” (1 Cor 15, 28). Assim, as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa. (LS 100).

A extinção de qualquer forma de vida não é apenas um pecado contra a criação de Deus. É também uma oposição à obra redentora de Deus que acontece na história e um opor-se frontalmente ao desejo de Deus que todas as criaturas participem da festa final da criação na Segunda Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os Sacramentos e o Domingo

Os Sacramentos são um dos elementos fundamentais para a sustentação da espiritualidade cristã. A doutrina tradicional católica afirma que os Sacramentos são compostos por matéria, forma, intenção e ministro (CONCÍLIO DE TRENTO, Sessão 7^a, 3 mar.

1547: Decreto sobre os sacramentos). A matéria dos sacramentos

consiste na ação humana através da qual Cristo age. Nesta, em algumas vezes, é presente um elemento material (água, pão, vinho óleo); outras vezes, um gesto particularmente eloquente (sinal da cruz, imposição das mãos, imersão, infusão, consentimento, unção). Tal corporeidade é indispensável porque enraíza o Sacramento não só na história humana, mas também, mais fundamentalmente ainda, na ordem simbólica da Criação e o reconduz ao mistério da Encarnação do Verbo e da Redenção por Ele operada (DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2024).

Desse modo, os sacramentos “constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural” (LS 235).

Dentre todos os sacramentos, a Eucaristia é a que expressa de modo mais pleno a comunhão de Deus com a criação e, na sua recepção, a sagrada comunhão dos fieis com Deus e com todas as criaturas com as quais Cristo e nós compartilhamos a matéria:

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o

próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. [...] Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. [...] A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. [...] Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira. (LS 236).

Na mesma dinâmica sacramental, podemos vivenciar o dia de descanso da criação que é para os cristãos o Domingo. Ele nos é oferecido “como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (LS 237). Já no Livro do Deuterônomo, o descanso sabático é estabelecido como uma forma de restabelecimento das relações e convivência no qual participam não só os humanos, mas todas as criaturas:

nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas; para que o teu servo e a tua serva descansem assim como tu. (Dt 12,14).

A razão de tal ordem é a memória do passado do povo de Isra-

el: “Lembra-te de que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido; pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia do sábado” (Dt 12,15).

A tradição sacerdotal, no Livro do Levítico, amplia a dimensão ecológica da salvação expressa pelo sábado ao estabelecer o Ano da Graça no qual não só os humanos e os animais restabelecerão a harmonia. Na graça da presença de Deus no meio de seu povo são incluídos os vegetais e a própria terra:

Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso será para a terra. (Lv 25,3-5).

Ao apresentar-se publicamente para a missão, Jesus assume esta perspectiva sabática que inclui toda a criação a partir dos mais pobres da sociedade (Lc 4,16-23).

Na *Laudato Sì*, o Papa Francisco resume o sentido cristão do descanso dominical na sua dupla dimensão de festa e compromisso:

A espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. O dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres. (LS 237).

Uma espiritualidade que transforma

Impulsionado pela *Laudato Si*, o Sínodo para a Amazônia colocou o cuidado para com a criação no centro das preocupações missionárias. O anúncio da Igreja é chamado a ser Boa Nova para todos os humanos e também para as demais criaturas que são ameaçadas pelas forças da morte. Anúncio que passa, sim, pela palavra, mas vai além dela e exige ações pois a experiência de Deus passa pelos nossos corpos compostos pela mesma matéria que compõem as outras criaturas. Se professamos na fé que “cremos na ressurreição da carne”, ela só ressuscitará plenamente quando a carne de todas as criaturas for restabelecida.

No Documento Final da Assembleia Sinodal, várias ações são indicadas:

- apoiar uma cultura de paz e respeito – não de violência e ultraje – e uma economia centrada na pessoa e que também cuide da natureza;
- gerar alternativas de desenvolvimento ecológico integral a partir das cosmovisões construídas com as comunidades, resgatando a sabedoria ancestral;
- apoiar projetos que proponham uma economia solidária e sustentável, circular e ecológica, tanto a nível local como internacional, no âmbito da pesquisa e no campo de ação, nos setores formal e informal;
- sustentar e promover experiências de cooperativas de bio-produção, de reservas florestais e de consumo sustentável (DF, 73);
- proteger a terra;
- mudar nossa cultura de consumo excessivo;
- reduzir a produção de resíduos sólidos, estimulando o reaproveitamento e a reciclagem;
- reduzir a nossa dependência dos combustíveis fósseis e uso de plásticos;
- alterar nossos hábitos alimentares (consumo excessivo de carne e peixe/mariscos);
- comprometer-se ativamente no plantio de árvores;
- buscar alternativas sustentáveis na agricultura, energia e mobilidade que respeitem os direitos da natureza e os povos;
- promover a educação para ecologia integral em todos os níveis;
- implementar novos modelos econômicos e iniciativas que promovam uma qualidade de vida sustentável. (DF 84).

Mais do que ações, estes indicativos são elementos de uma espiritualidade ecológica possível. Elas carregam em seu bojo uma forma de relacionamento com a criação que envolve o todo da existência humana dando-lhe um sentido particular e global que para os cristãos se fundamenta no modo de ser trinitário de Deus e no modo pelo qual Ele escolhe para anunciar e realizar a Salvação: a Encarnação do Filho em Jesus de Nazaré. Ao fazer-se

humano, ele assumiu a criaturalidade e a materialidade compartilhada com todas as criaturas. Na sua ressurreição, Ele realizou em primícias a redenção de todo o Universo. Conviver com a criação sabendo que ela é partícipe do mistério da Redenção, renova o nosso modo de nos situarmos e relacionarmos na convivência com elas. Vivemos, no Espírito que antecipa a plenificação, um novo modo de ser transformados por Sua presença santificante.

Para sentipensar em comunidade:

1. Como relacionamos os nossos momentos de oração com a humanidade e as outras criaturas?
2. Os Sacramentos que celebrações, expressam a relação com nossa vida e a das outras criaturas ou são meros ritos vazios de corporeidade?
3. O nosso modo de rezar impulsiona a agir para o cuidado da criação?

Referências

- CONCÍLIO DE TRENTO. Sessão 7^a, 3 mar 1547: Decreto sobre os sacramentos. In: DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.
- CROCOLI, Aldir. Cântico do Irmão Sol. Uma leitura Antropológica. **CADERNOS da ESTEF**, n. 30, 2018, p. 7-30.
- DAMASIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Sobre a validade dos Sacramentos**. Roma, 2 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240202_gestis-verbisque_po.html#_ftn24. Acesso em: 30 out. 2024.

- FRANCISCO, Papa. **Discours du Pape François aux participants à la rencontre organisée par l'Académie Pontificale des Sciences et l'Académie Pontificale des Sciences Sociales**. Roma, 16 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/fr/speeches/2024/may/documents/20240516-pas-pass.html>. Acesso em: 30 out. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a Fraternidade Universal e a Amizade Social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Gaudete et Exsultate**. Carta Encíclica sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 1015.
- FRANCISCO, Papa. **Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia**. Roma, 27 de março de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 30 out. 2024.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Debate da tese de Gustavo Gutiérrez (1985). In.: *Confrontos*. Ed. Loyola: São Paulo - SP. 2000.
- NASCIMENTO, Milton; TISO, Wagner. **Coração de Estudante**. MBG/Ariola, 1983.
- O QUE É um Ecossistema e um Bioma. **Dicionário Ambiental ((o))eco**, Rio de Janeiro, jul. 2014. Disponível em: [Hhttp://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28516-o-que-e-um-ecossistema-e-um-bioma/](http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28516-o-que-e-um-ecossistema-e-um-bioma/). Acesso em: 30 out. 2024.
- PELLIZARI, Vivian H; BENDIA, Amanda G. **Origem da vida na Terra**. Disponível em: <https://www.io.usp.br/index.php/infraestrutura/museu-oceanografico/29-portugues/publicacoes/series-divulgacao/vida-e-biodiversidade/807-origem-da-vida-na-terra#:~:text=Estudos%20moleculares%20de%20term%C3%B3filos%20modernos,5%20bilh%C3%B5es%20de%20anos%20atr%C3%A1s>. Acesso em: 30 out. 2024.
- STEINER, João. Como os cientistas sabem a idade da Terra? **Radio USP**, 7 de agosto de 2020. Disponível em https://jornal.usp.br/radio-usp/atualidades-steiner_07-08-como-os-cientistas-sabem-a-idade-da-terra/#:~:text=Nossa%20casa%20no%20Universo%20%C3%A9,4%2C5%20bilh%C3%B5es%20de%20anos. Acesso em: 30 out. 2024.
- ZORZETTO, Ricardo. **Pelo mundo afora**. Pesquisa FAPESP, Ed. 142, 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/pelo-mundo-afora/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20c%C3%A1lculos,ter%20ocorrido%2E%80%9D%2C%20diz%20Bonatto>. Acesso em: 30 out. 2024.

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E VRC: ECOLOGIA INTEGRAL EM AÇÃO

Irmão Afonso Murad¹

Resumo: A preservação do meio ambiente é uma postura cultural que perpassa todas as dimensões de nossa existência. A Vida Religiosa Consagrada, tanto em suas dinâmicas internas como em sua missão, pode incorporar práticas que preservam o meio ambiente e servem de modelo para a sociedade. No artigo, o autor propõe atitudes pessoais e institucionais que caminham nesta direção.

Palavras-chave: Ecologia. Meio-ambiente. Atitudes pessoais. Atitudes institucionais.

Introdução

Apresentaremos aqui algumas sugestões para casas de formação, comunidades religiosas, Institutos de Vida Religiosa Consagrada (VRC) suas obras e presenças apostólicas. Não são receitas, mas somente de algumas considerações, que devem ser refletidas, discernidas e aplicadas e enriquecidas em cada realidade local.

Começamos com uma constatação: reverter a destruição ambiental e começar um novo ciclo de cuidado com o planeta exige simultaneamente atitudes pessoais, gestos e práticas comunitárias no local de moradia, ações institucionais, educação para a sustentabilidade, ecoeficiência na cadeia produtiva, políticas públi-

¹ Irmão Marista. Doutor em Teologia. Professor na FAJE (Faculdade Jesuíta – Belo Horizonte). Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: amurad@marista.org.br

cas e governança global. Nenhuma instância substitui a outra ou lhe antecede. Os consagrados/as devem fazer sua parte, como indivíduos, comunidades e instituições e se alinhar nesta grande corrente em defesa da vida em toda sua extensão. Vejamos algumas dicas.

Atitudes individuais

Cada um/a de nós, como ser humano, exerce um impacto sobre o ambiente, tanto por aquilo que consome, quanto pelos resíduos que gera. Experimente calcular por um mês seu impacto ambiental.

Veja os itens mais comuns:

- a) Consumo de energia elétrica, resultante de várias atividades: iluminação, refrigeração ou aquecimento, uso de utensílios eletro-eletrônicos (geladeira, máquina de lavar, chuveiro elétrico, ferro de passar roupa, computador, forno de micro-ondas, televisão, umidificador, secador de cabelo, máquina de barbear). Em alguns casos, portão elétrico, elevador, alarme.
- b) Consumo de água: na cozinha, no banheiro, na limpeza da casa, para regar plantas... Some a isso a geração
- c) Uso de transporte público ou privado: uso de combustíveis, emissão de poluentes e gases de efeito estufa.
- d) Alimentação: de onde vem o que você come; água e energia necessárias para plantio, colheita, transporte e venda, até chegar à sua mesa. Quantidade de agrotóxicos e adubos químicos. Se é alimento processado, incluir o impacto da produção industrial. Considerar ainda os resíduos (lixo) da elaboração, das embalagens e dos restos de comida.
- e) Lixo eletrônico e os produtos industrializados descartados após o uso (computadores, fogão, geladeira). Para onde vão? Que impacto causam no solo, na água e no ar?
- f) Produção de textos em papel: Energia, papel, tinta, e outros elementos materiais utilizados na produção de

textos, livros, jornais e revistas. Destinação e reutilização (ou não) do papel.

- g) Consumo de matéria e energia, e a geração de resíduo resultante de cada atividade profissional, pastoral ou de entretenimento.

Há alguns sites que ajudam você a calcular o impacto que exerce sobre o meio ambiente, através da “pegada ecológica”. O resultado é surpreendente e faz pensar.

O primeiro passo consiste em tomar consciência do impacto (negativo) que cada um/a exerce sobre o planeta, a partir de onde vive e atua. A partir daí, estabelecer algumas atitudes pessoais, que implicam simplicidade de vida, evitar o desperdício, exercitar o consumo consciente. E mais: gerar menos resíduos sólidos e efluentes, e efetivamente colaborar na coleta seletiva, separando ao menos lixo seco para ser reciclado.

Além disso, a postura ecológica, em nível pessoal, implica a adoção de um estilo de vida que “aprende da natureza”. Um ritmo saudável que conjuga trabalho e descanso, atividade e sono, momentos e experiências de reconexão com a água, o solo, o ar; cultivo de relações humanas saudáveis fundadas na cooperação.

Pequenos gestos de se alegrar ao ver o sol da manhã, contemplar a lua cheia, ouvir o canto dos pássaros. Por fim, compete a cada um manter-se informado/a sobre as questões ambientais, os problemas e as alternativas em curso.

Por muitas décadas a pobreza religiosa foi compreendida e vivida não só como renúncia a acumular pessoalmente proventos e salários, mas também como adoção de um padrão de vida simples e despojado, centrado no necessário. Na América Latina o voto de pobreza, assumiu também um perfil social e crítico: estar com os pobres e denunciar as injustiças sociais que geram a pobreza. No atual momento, apesar da sedução do consumismo que arrasta a muitos/as, a ecologia acrescenta outro fator. Os religiosos/as são convocados a romper com a postura de depredação do ambiente e de coisificação dos outros seres, a serem sinais de simplicidade voluntária e de consumo responsável.

Atitudes e gestos comunitários

A vida em comunidade, nos Institutos religiosos, tem alguns elementos “familiares” (de relações primárias e cotidianas) e institucionais. A adoção de atitudes comunitárias sustentáveis

é eficiente quando resulta de um processo de estudo, reflexão e discernimento comunitário. Começa-se com um simples diagnóstico ambiental: onde estamos, o que consumimos, que impactos ambientais produzimos. Retome os itens listados acima, nas atitudes individuais.

Importa ressaltar também os impactos positivos. Por exemplo:

- a) Se a comunidade separa os resíduos sólidos orgânicos (lixo), faz compostagem e utiliza posteriormente como adubo na horta.
- b) Se no quintal da casa se cultivam árvores frutíferas. Se parte do terreno é ocupada por diversos tipos de arbustos e árvores, sobretudo da região. Elas contribuem para o microclima da área, são refúgio para os pássaros, exercem importante função de captura do carbono e de lançamento de vapor d'água no ar.
- c) Se há coleta de água da chuva no telhado, que depois é utilizada para diversos fins, reduzindo assim o consumo de água tratada.
- d) Se membros da comunidade contribuem na formação da consciência sócio-ambiental, ampliando assim a rede de pessoas e grupos

empenhados no cuidado com o planeta.

Para ajudar no diagnóstico ambiental da comunidade, é necessário ter em mãos dados e informações. Por exemplo:

- a) Contas de água de ao menos três meses normais. Ver o consumo em metros cúbicos (m^3). Cada metro cúbico corresponde a mil litros. Fazer a média. Dividir pelo número de pessoas que ocupam a casa.
- b) Contas de energia elétrica. Conhecer a média do valor do custo mensal e o consumo em Kilowatts.
- c) Lista dos produtos de limpeza: quantidade utilizada cada mês (detergente de cozinha, sabão em pó, amaciante, outros materiais).
- d) Quantidade e tipos de alimentos mais comuns na comunidade, consumidos no mês. Quais deles são "in natura", quais são semi processados, quais são processados ou ultraprocessados. Por exemplo: milho verde (in natura), grãos de milho congelados (semiprocessado), milho em conserva (processado), salgadinhos de milho (ultraprocessado). Quanto menos industrializado, melhor para a saúde e para o meio ambiente.

- e) Percentual aproximado do alimento que é jogado fora.
- f) Peso e quantidade de lixo gerado na casa. Se é separado ou não. Para onde se destina.
- g) Outros aspectos e impactos ambientais, típicos de sua comunidade.

Por vezes, torna-se custoso lidar com todos estes dados ao mesmo tempo. A comunidade pode escolher quais aspectos ambientais irá priorizar. Após o diagnóstico, decidem-se quais ações empreender, os responsáveis e os resultados esperados. É fundamental estabelecer metas e avaliar os resultados em cada semestre. Por exemplo: reduzir o consumo de água em 10%.

Há alguns fatores, que influenciam o consumo de água e de eletricidade, mas não dependem somente da boa vontade dos membros da comunidade. É comum encontrar nas casas religiosas equipamentos antigos, obsoletos, que não são ecoeficientes. Conforme as condições econômicas, é bom estabelecer um processo de substituição destes equipamentos. Por exemplo:

- Válvula e bacia (vaso) de sanitários. Aqueles antigos, embutidos na parede, consomem muita água. É melhor substituí-los pelas cai-

xinhas externas, desde que estejam sempre reguladas.

- Tipo de chuveiro elétrico. Hoje há chuveiros que consomem menos água e menos eletricidade. O ideal é implantar sistema misto, que conjuga energia solar e elétrica. Para isso, é recomendável a instalação de sistema de aquecimento solar para água. Normalmente, o investimento se paga em menos de um ano.
- Ferro de passar roupa.
- Geladeiras e freezers. Aquelas que tem mais de 15 anos de uso, embora sejam resistentes, foram feitas com tecnologia inadequada para os tempos atuais. Há comunidades que mantêm até três geladeiras velhas, enquanto poderiam usar somente uma, espaçosa e com padrão de consumo econômico.

O que apresentamos aqui é ilustrativo e estimulador. Visa ajudar você e sua comunidade a despertarem para a questão ecológica no seu dia a dia. Há muitas alternativas disponíveis. Basta a gente ter a consciência alerta, buscar informações e exercitar a criatividade.

Política institucional

Vários institutos religiosos mantêm obras, ou seja, iniciativas sob sua gestão e coordenação. As mais comuns são os centros socio-educativos para crianças e jovens pobres, as escolas, os hospitais, as casas de retiro. Há também Instituições de Ensino Superior, creches, asilos, centros de terapia holística, editoras, emissoras de rádio e paróquias.

A maior parte de nossas instituições ainda não incorporou na sua missão a questão ecológica. Enquanto grandes empresas do mercado e instituições financeiras de renome tomam para si a bandeira da sustentabilidade, por vezes com interesses meramente mercadológicos, predomina no ambiente eclesial certa indiferença. Parece que o tema não é importante, nem nos diz respeito. Neste campo da consciência ecológica, estamos muito atrasados.

Seguem algumas sugestões para que nas nossas obras se desenvolva a consciência planetária: reconhecer que somos filhos/as da Terra e responsáveis para que o planeta continue habitável.

- a) O primeiro passo consiste na tomada de consciência do corpo diretivo da instituição. Para uns, consistirá em apurar a sensibilidade

e reforçar as convicções. Para outros/as, serão descobertas. E para alguns, uma verdadeira conversão. Este processo de conscientização se inicia com acesso a informações, reflexão e experiências que tocam o coração, a partir dos nossos mecanismos sensoriais: tocar, ouvir, cheirar, degustar, olhar. Inclui ainda a pesquisa e identificação de práticas sustentáveis em instituições similares. Então, a equipe gestora deixa sua zona de conforto e é impulsionada a buscar soluções para diminuir o impacto ambiental negativo e dar passos para a sustentabilidade.

- b) A seguir, empreende-se um longo e contínuo processo educativo com os colaboradores, em diversos níveis (coordenações, executores, funcionários e voluntários). Alguns aspectos serão comuns, pois visam despertar, sensibilizar, cativar. Outras tocarão seu trabalho específico. Para quem atua em escritório, por exemplo, os gestos estarão ligados à redução do uso de papel, utilização de rascunho, separação dos resíduos sólidos, iluminação adequada. Para

quem trabalha na limpeza, implicará o uso equilibrado da água, de detergentes e de outras substâncias.

- c) É importante que os gestos da instituição se traduzam em “política ambiental”. E isso não se faz de maneira amadora. Em instituições grandes e complexas deve-se recorrer aos profissionais da área de planejamento e gestão ambiental. É importante também ouvir os colaboradores e valorizar as suas iniciativas.
- d) As instituições educacionais (creches, escolas) ou paróquias apresentam um diferencial. Elas envolvem diretamente o público-alvo, como as crianças e os adolescentes. As pessoas se tornam protagonistas da mudança;
- e) A instituição deve dar sua contrapartida. Por vezes, com pequenos gestos, como substituir os copos descartáveis por canecas ou copos de vidro, para uso de seus colaboradores. Outras vezes, com investimentos que expressem, de forma clara e pública, seu compromisso com a sustentabilidade. Recordem as sugestões que demos para as comunidades.

Aqui, seguem outras, a título de exemplo:

- Modernização de sanitários e pias, para reduzir consumo de água.
- Substituição e adequação de lâmpadas incandescentes por fluorescentes e leds.
- Gradual substituição de equipamentos eletro-eletrônicos por outros mais econômicos.
- Implantação de sistema de reaproveitamento de água de chuva;
- Redução de uso de material descartável, e uso de material reutilizável.
- Nas reformas e construções, incorporar as conquistas do ecodesign, no que se aplica a tipo de materiais, sistemas hidráulico e elétrico, iluminação e ventilação.
- Definir e aplicar um processo de redução de geração de resíduos sólidos (lixo) e destinar o material reciclável para associações que separam e reciclam.
- Favorecer os fornecedores alinhados com a sustentabilidade. Quando possível, estabelecer parcerias com iniciativas de economia solidária (no setor de alimentos e de alguns serviços).

Estas e outras medidas não podem ser tomadas de forma aleatória. Elas exigem ousadia, criatividade, estudo, consultoria, discernimento e previsão em orçamento. As instituições religio-

sas devem ser sinais proféticos desta forma nova de lidar com o ambiente. Eis uma forma concreta de avançarmos na prática cotidiana da ecologia integral.

Para sentipensar em comunidade:

1. Costumamos conversar, em nossa comunidade e em nossa instituição mais ampla sobre o impacto ambiental de nosso modo de vida e de nossa missão?
2. Quais atitudes cotidianas podemos assumir, como opção pessoal, para dar passos em direção a uma vivência ecologicamente integral?
3. Quais atitudes cotidianas podemos assumir, como comunidade, para dar passos em direção a uma vivência ecologicamente integral?

DEZ LIÇÕES DAS ENCHENTES

Frei Gilmar Zampieri¹

Resumo: O artigo pretende pensar as enchentes que aconteceram no Rio Grande do Sul, desde uma perspectiva transdisciplinar, aliando diagnóstico, causas e atitudes que se impõe para o pensamento e ação, reposicionando-nos política, ética e educacionalmente frente aos desafios das mudanças climáticas. O artigo faz isso em forma de lições e ensinamentos que se podem tirar das enchentes, conectando temas e problemas de uma forma circular e integralmente.

Palavras-chaves: Enchentes. Aquecimento Global. Mudanças Climáticas. Conversão Ecológica.

Viver é perigoso (Guimarães Rosa).

Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaimém, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor (Guimarães Rosa).

¹ Frade Menor Capuchinho. Mestre em Filosofia e Teologia. Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF – Porto Alegre). Endereço para contato: gil.pieri@uol.com.br

Introdução

Se Deus se revela por obras e palavras, é por obras e palavras que o humano, imagem e semelhança de Deus, se dá a conhecer. Agora que viver se tornou ainda mais perigoso, o que é urgente é a ação, a obra. “Mãos à obra”, ouve-se dizer, para reconstruir o que as enchentes destruíram. Para os práticos e homens de ação, talvez seja cedo para tirar lições e interpretar o acontecimento de maio e, por enquanto, dizem estes, mais do que interpretar, cabe reconstruir e transformar o estado de coisas do Estado. Contudo, não há contradição entre ação e palavra, entre ação e *logos* (*pensamento*), entre ação e tirar lições da ação ou tirar lições da inação, caso tenha ocorrido. A ação confirma a palavra e a palavra ilumina a ação. “No princípio era a ação” (Goethe). “No princípio era o logos” (Jo 1,1). Entre Goethe e João, fiquemos com os dois. O que vem antes, o que inaugura a existência e o movimento das coisas, a palavra ou a ação? Talvez possa se dizer que há uma circularidade e o “círculo é a festa do pensamento” (HEIDEGGER, 1977, p. 12). Até porque agir já é uma forma de falar e falar é uma forma de ação. É da circularidade entre palavra e ação, ação e palavra que se pode

almejar reconstruir as vidas, as estruturas e o sentido da vida depois da catástrofe.

Por muito tempo se disse que estamos na “era da incerteza” (Heisenberg). Heisenberg falava do mundo subatômico, do infinitamente pequeno. Isso parece não ter mudado, a física quântica ainda reina no meio científico. Contudo, no infinitamente grande, no global, pelo menos no planeta terra, as coisas mudaram e já não há incerteza de que estamos diante do perigo. Nunca antes a frase do Guimarães Rosa teve o real significado que ela indica. Viver se tornou perigoso. As ameaças à vida advêm de todos os lados e, agora, de uma potência inigualável, a natureza.

As chuvas torrenciais que atingiram o Estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, não foram um fato, uma manifestação previsível e circunscrita no tempo e no espaço. Não. Fatos ou eventos de chuva, às vezes torrenciais, acontecem a todo instante. O que ocorreu não foi um fato corriqueiro dentro da normalidade, mas foi, antes, um *acontecimento* no sentido de Alain Badiou, isto é, “uma coisa que acontece e cujas consequências são incalculáveis” (2012, p. 18), que além de romper a rotina e beirar ao extraordinário, tem força de mudar o curso

da história, e como tal precisa ser tratado, pensado e interpretado. Pensar o ocorrido como *acontecimento* e não simplesmente como mais um fato ou evento chuvoso, significa pensá-lo em sua complexidade e em sua totalidade, pelo poder que tem de reconfigurar estruturas e modos de nos relacionarmos uns aos outros, com a terra e com as cidades. Para abarcar a totalidade não basta falar a partir, unicamente, da técnica, da engenharia, da governança, das soluções de contenções e da logística das casas das bombas que ajudam conter e drenar as águas. Um acontecimento é “acontecimento” exatamente porque atinge todas as dimensões do saber e do fazer. E esse atingiu, e tem o poder de mudar os rumos da história, se dela quisermos aprender algo. Assim, merece ser tratado, interdisciplinarmente, sob pena de fracassarmos novamente.

A reconstrução do Estado, por palavras e ações será obra coletiva e as formas de interpretações desse fenômeno que, dizem os sábios e entendidos, tende a se repetir de agora em diante com mais frequência, também só poderá ser coletiva. Não há gênio da lâmpada, nem mágico e sua cartola e nem mesmo Deus fará o que nos cabe a cada um. Claro que podemos contar com Deus e, como nos diz, novamente, Guimarães Rosa, “com

Deus existindo, tudo dá esperança, sempre um milagre é possível”.

De minha parte sugiro 10 lições que podemos tirar do acontecimento e que, além de se aproximarem de uma tentativa de interpretação e compreensão, pretendem demarcar as camadas ou níveis de aproximação da totalidade do fenômeno. As lições não estão em ordem de importância hierárquica. Elas são circulares, uma reclamando e complementando a outra e por conta disso, tal como um círculo, não importando onde se está, sempre se estará equidistante do centro e, aqui, o centro são os acontecimentos de maio.

O aquecimento global

As fortes chuvas de abril e maio que causaram deslizamentos e enchentes sem precedentes no Estado do Rio Grande do Sul, superando em muito as enchentes de 1941, com conseqüente inundação e deslocamento de milhares de pessoas, são um acontecimento dentro de um acontecimento ainda maior: o aquecimento global. Quem não conseguiu fazer essa conexão terá perdido a oportunidade de ligar a parte ao todo, o local ao universal, reconciliar-se com a ciência e com a racionalidade e, finalmente, livrar-se do negacionismo climático, reposicionando-se assim frente aos novos tempos.

Cientistas do clima² e, mais recentemente o Papa Francisco³,

² O ambientalista José Lutzenberger, por exemplo, já nos anos 70, profetizava o que ocorreria se continuássemos a marcha insana do consumo e da destruição dos bosques, das florestas e a queima de combustíveis fósseis. Num artigo em que analisa uma enchente ocorrida em 1974 ele diz: “No dia em que uma parte significativa da hileia amazônica deixar de existir, teremos uma mudança fundamental do clima na terra. As irregularidades climáticas que há vários anos atingem quase todo o mundo podem representar irregularidades esporádicas, como as que sempre tem havido e que se repetem a cada três ou quatro décadas, mas é possível que já estejamos presenciando o começo da inevitável inversão climática global. O homem moderno estraga, uma a uma as peças da engrenagem – e ainda joga areia no mecanismo, preparando o colapso [...] Está claro que a espécie humana não poderá continuar por muito tempo com sua cegueira ambiental e com sua falta de escrúpulos na exploração da natureza. Tudo tem seu preço. Quanto maior o abuso, maior será o preço. Devemos compreender que a ecossfera é uma unidade funcional, onde todas as peças são complementares. Não podemos causar danos apenas locais. Tudo está ligado com tudo”. (2024).

³ O Papa Francisco escreveu dois textos tratando do tema. No primeiro, mais amplos e sistemático, *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*, escrito em 2015, só pontualmente trata das mudanças climáticas, mas de forma explícita e incisiva. Nele podemos ler: “Há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático” (LS 23). O outro é um texto mais recente, 2023, intitulado *Laudate Deum*, com o subtítulo *A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática*, e trata especificamente da crise climática. Nele o Papa faz um apelo profético para que acordemos para o fenômeno que não é mais possível negar. Diz o Papa: “Por mais que se tente negá-los, escondê-los, dissimulá-los ou relativizá-los, os sinais da mudança climática se impõem a nós de forma cada vez mais evidente. Ninguém pode ignorar que, nos últimos anos, temos assistido a fenômenos extremos, a períodos frequentes de calor anormal, à seca e a outros gemidos da terra, os quais são apenas algumas expressões palpáveis de uma doença silenciosa que afeta a todos nós” (LD 5). Por fim o Papa diz, meio indignado, que se vê obrigado a dizer essas coisas óbvias “por causa de certas opiniões ridicularizantes e pouco racionais que encontro mesmo dentro da Igreja Católica” (LD 14).

tentaram desesperadamente nos alertar para o fato que o aumento dos gases de efeito estufa (dióxido de carbônico, metano e óxido nítrico) elevaria a temperatura acima dos 1,5 graus em relação ao início da revolução industrial (1850-1900) e nos conduziria, inevitavelmente, a acontecimentos extremos (chuvas torrenciais, ondas de calor, incêndios florestais, aumento do nível do mar, secas, furacões;). Acontecimentos tão extremos com possibilidade de eliminação de boa parte da biodiversidade a tal ponto de já ser possível falar em *ecocídio* ou *sexta extinção*⁴. Essas previsões já não são projeções, mas realidade, bem antes do esperado, o que tem surpreendido o maior climatologista brasileiro, Carlos Nobre (2024), chegando este a dizer que está literalmente “apavorado” com a velocidade da degradação dos biomas brasileiros, sobretudo o cerrado e a Amazônia e que, talvez, já não haja ponto de retorno, caso não se reduza as emissões de gases de efeito estufa, evitando que a temperatura média passe dos 1,5°C. Na mesma direção vai David-Wells (2019, p. 11) que há

⁴ A *Sexta Extinção* é o título do livro de Elizabeth Kolbert (2015) e conta a história das cinco grandes extinções em massa que já aconteceram no planeta terra, mostrando como há sinais muito evidentes que já está em curso a sexta extinção e será acelerada caso o aquecimento global não seja contido.

cinco anos nos alertava em seu livro, *Terra Inabitável*: “é pior, muito pior do que você imagina”. David-Wells traça cenários assustadores, caso não ocorra uma mobilização mundial para conter o aumento da temperatura na terra.

Mas por várias razões, por acharmos inevitável, imprudência ou por negarmos, não levamos os alertas a sério. Agora, contudo, não dá mais para desconhecer que o *Capitaloceno*⁵ tem nos colocado num estado de crise e de temor pela irreversibilidade do apocalipse climático. Porém, é melhor temermos e agirmos, caso ainda haja tempo, do que continuarmos alegando a fatalidade do fenômeno ou que o aquecimento global não passa de narrativa criada com interesses ideológicos por ambientalistas e ecologistas de matriz progressista.

⁵ *Capitaloceno* é o termo utilizado por alguns cientistas para demarcar, objetiva e realisticamente, o responsável maior da degradação ambiental e as condições de vida no planeta. Os autores que criaram e utilizam esse termo, criticam a ideia generalista dos que usam o conceito *antropoceno* para descrever a atual era geológica. Esses autores, Andreas Malm, Jason Moore e Donna Haraway, por exemplo, ao preferirem utilizar o termo *Capitaloceno* ao invés de *antropoceno*, dizem que não dá para responsabilizar todos os humanos pelo aquecimento global e a pela destruição dos ecossistemas e da biodiversidade. O responsável responde pelo nome de *capitalismo* e seu modo de produção, distribuição e consumo.

Essa postura, típica de uma forma de pensar a política com viés distópico, mais do que com horizonte utópico, defensora do capital exploratório, insensível aos destinos da terra e dos pobres, ao invés de pensar em resolver a redução de gases de efeito e estufa, através de uma ampla transição energética, e reduzir a desigualdade no mundo, dobra a aposta, acelerando o processo apocalíptico para, se for o caso, eliminar uma parcela da população mundial ou, no mínimo, deixá-lo sem condições dignas de existência. Isso nos obriga a nos reorientarmos politicamente, como bem mostrou Bruno Latour (2020), se almejamos um futuro comum como espécie humana. Dobrar a aposta, colocando o pé no acelerador em direção ao abismo, ao invés de frearmos e encontrarmos saídas para todos, só pode vir de pessoas irresponsáveis e inconsequentes, preocupados tão somente em tirar proveitos financeiros individuais das catástrofes.

Apoiar esses negacionistas oportunistas, será como se estivéssemos extasiados, nos jardins Herculanos, cinco minutos antes do Vesúvio cuspir lavas, somente que agora, sem as bençãos da ignorância.

A bem da verdade, está mais do que na hora de pararmos de

ideologizar o aquecimento global, como se fosse coisa dos progressistas e da esquerda. A ciência não é nem de esquerda e nem de direita, ela pertence à verdade. Negar a verdade não é uma sábia atitude e pode ter consequências desastrosas, inclusive para quem a nega.

Contudo, para além do debate ideológico, há uma metáfora que explica o comportamento relutante diante das mudanças climáticas. Trata-se da metáfora do “sapo na panela”. Não sugerimos que se faça o teste, por respeito ao sapo! A narrativa diz que se colocarmos um sapo dentro de uma panela de água fervente, ele, imediatamente, pulará fora e se salvará. Contudo, se colocarmos um sapo dentro de uma panela de água fria e adicionarmos fogo, aquecendo a água lentamente, ele não se aperceberá que está sendo cozido vivo. Já estamos dentro da panela e a água está esquentando. Sermos cozidos vivos não é uma boa alternativa, sobretudo para seres inteligentes como nos intitulamos. Aliás, chega a ser paradoxal nos considerarmos uma espécie inteligente, já que fazemos tantas coisas que conspiram para nossa autodestruição. Nenhuma espécie, fora a humana, conspira para a autodestruição. Não podemos chegar ao ponto de ter que dizer, com Heidegger (1976), que “já só um Deus nos pode ainda salvar”.

Heidegger dizia, nos anos 60, num contexto de modernidade em crise de valores e com alto poder tecnológico, capaz de autodestruição. Parece que nada mudou, e se mudou não foi para melhor. Essa parece ser a lição maior!

Antropocentrismo desordenado

O antropocentrismo é uma perspectiva filosófica, teológica e científica, com pretensão de posicionar o ser humano como centro do universo, postulando ser a humanidade a entidade mais significativa do cosmos, com status tão excepcional a ponto de considerar que somos uma substância mais próxima de Deus e dos anjos do que de um animal. Essa perspectiva de soberania humana sobre todas as outras espécies, sustenta que valores e necessidades humanas estão acima de qualquer valor e necessidade das outras criaturas. Em última instância, a postura antropocentrista trata como coisas e recursos naturais todos os outros seres vivos, animais e vegetais, e a terra em sua totalidade, não como “irmã e mãe”, como pensava São Francisco de Assis, mas como um ser a ser dominado e explorado em benefício e utilidade humana. Essa concepção utilitarista, capitaneada pelo

sistema capitalista, sem limites, nos levou ao estado de coisas que agora sofremos as consequências.

Por postura antropocêntrica desmatamos as florestas, matamos impiedosamente bilhões de animais todos os anos e desertificamos solos férteis através de monoculturas que dão retorno financeiro imediato, mas que a longo prazo causam danos irreversíveis à terra. Por antropocentrismo criamos um sistema econômico que estimula desejos ao invés de necessidades. Por antropocentrismo tratamos a terra como um depósito infinito de recursos a nosso dispor. Por antropocentrismo consumimos tudo o que podemos como se não houvesse amanhã. Por antropocentrismo aliado a um sistema de lógica de acumulação e crescimento infinito, tornamo-nos incompatíveis com um planeta finito. Vai ser por antropocentrismo aliado ao capitalismo que, se não mudarmos, escolheremos o fracasso e conheceremos o esgotamento dos recursos naturais e a biodiversidade, por um lado, e a convivência com efeitos extremos por outro. Vai chegar a hora em que teremos que escolher entre viver saudavelmente ou viver perigosamente, tendo a natureza não mais como aliada da comunidade de vida, mas revoltada e inóspita.

A questão que se coloca é o seguinte: haveria uma outra forma de viver e pensar que não fosse antropocêntrica? Papa Francisco discute essa questão na *Laudato Si'* e argumenta que seria fundamental distinguir o antropocentrismo desordenado (LS 118) do antropocentrismo ordenado no sentido de que o homem seja um “administrador responsável” (LS 116), que supere uma cultura do descarte e do relativismo que “provoca ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social” (LS 122).

Antropocentrismo ordenado e administrador responsável. Essa é a solução proposta pelo Papa. Talvez poderíamos pensar, para efeito conceitual, além do Papa e propor o *biocentrismo diferenciado*. O que seria o biocentrismo diferenciado? O centro da criação e todo o processo da evolução da natureza conduziu para a comunidade de vida e não para o humano. O homem foi criado no sexto dia, mas a culminância se dá no sétimo dia, no sábado da confraternização da comunidade de vida. Toda a comunidade de vida, por isso *biocentrismo*. Contudo, na comunidade de vida o ser humano ocupa um lugar especial, pois é através dele que o universo toma consciência e pode ser contado. O ser humano é a voz do universo. O

ser humano é a boca do universo. Sem o humano o universo deixaria de ser narrado, contado e isso não é pouca coisa. Ou como diz Marcelo Gleiser (2024, p. 11), também defensor do biocentrismo, “o universo só tem história porque estamos aqui para contá-la”.

Mas isso não é tudo. O humano é, além da voz e da consciência do universo, o único animal vivente que carrega a lei moral dentro de si e, portanto, age não só por necessidade e por prazer, mas também por dever. Então, pode ser que não sejamos o ser mais forte da natureza e muito menos um ser independente das outras espécies, superior e separados das menores das criaturas, afinal, como nos diz Tsing (2019, p. 73ss):

noventa por cento das células em nossos corpos não têm assinatura genética; elas são bactérias. No entanto, elas estão conosco, e nós precisamos delas. Nossos corpos vêm a ser através delas... somos mais parecidos com fungos micorrízicos do que imaginamos...isso faz uma enorme diferença para nossa teoria de ação humana no mundo. Como os humanos podem agir como uma força autônoma se o nosso “nós” inclui outras espécies que fazem de nós quem somos?

Essa é uma pergunta perturbadora e verdadeira, contudo não podemos não continuar dizendo

que somos o único ser livre e com autonomia moral e, portanto, responsáveis no sentido do termo. Essa diferença, contudo, não nos dá nenhum direito de agir despoiticamente contra outras espécies e a natureza. Pelo contrário. A diferença eleva o nosso papel e com ele a nossa responsabilidade. Será que estamos à altura do lugar que deveríamos ocupar de cultivar e cuidar da natureza? Ou nos pervertemos a tal ponto de merecermos o revés da natureza?

A lição que se depreende da catástrofe é de que precisamos pensar em um novo humanismo, agora mais modesto e integrado ao conjunto dos seres vivos e não vivos, porque não estamos acima dos outros seres e muito menos acima da terra. Pertencemos à terra e o que lhe acontece, repercute em nós. Salvar a terra, é salvar-nos, e não o contrário. Quem quiser salvar a si mesmo, sem salvar a terra, perderá a vida, sem ganhar o cêntuplo no céu...

Governança local

Uma terceira lição que se pode tirar da catástrofe é de que os novos tempos requerem agentes políticos capacitados, com o mínimo de preparo intelectual na compreensão das mudanças e emergências climáticas e com o máximo de interesse público para prepara-

rarem as cidades e os cidadãos para um outro patamar de resiliência. A questão climática é global e as soluções ou serão globais ou não serão soluções. Contudo, nada mais global do que o local. As governanças globais não farão o que cabe a cada um fazer no seu jardim. E os problemas acontecem mesmo no local, no jardim. O jardim pode ser o jardim mesmo, da casa, mas pode ser o bairro, a cidade ou o Estado como ente da federação. “Cultivar o nosso jardim”⁶ pode ser uma metáfora para dizer que o prefeito nas cidades e o governador do Estado não podem justificar sua inércia alegando ignorância ou surpresa no excesso de chuvas, protegendo-se, assim, atrás da ignorância ou da surpresa. Já não dá para negar e muito menos esperar que as desgraças aconteçam para agir. E quando as catástrofes acontecem, não parece ser prudente entregar o problema às mãos da sociedade civil e os seus membros, os cidadãos. Cabe ao poder público a responsabilidade maior. Assim como foi na pandemia, a sociedade civil

e os indivíduos em sua ação, puderam muito, mas o decisivo foi o que veio das autoridades em seus vários níveis. Um agente político despreparado e insensível aos dramas, sobretudo da população mais vulnerável, é uma desgraça para todos.

No caso específico das enchentes de maio no Rio Grande do Sul, são muitos os estudos e relatórios de especialistas dando conta que houve negligência no gerenciamento dos sistemas de contenção e de drenagem das águas com casas de bombas mal projetadas e sem os devidos cuidados na manutenção. Não dá para continuar transferindo responsabilidades. O que cabe aos cidadãos, à sociedade civil, as empresas e até a organismos internacionais, que lhe seja atribuído responsabilidades. Mas, o que é de responsabilidade dos prefeitos e do governador, que lhe seja imputada responsabilidade, se não for jurídica, que seja moral. Só como exemplo, o caso de Porto Alegre é paradigmático. O poder público tem sido incansável em favorecer a indústria da construção civil, ocupando áreas nobres da cidade, desmatando, aplainando, asphaltando, reduzindo tudo a cimento, inclusive na orla, lugar que deveria ser de reflorestamento e não de desmatamento em nome do “progresso” de uma cidade vertical e sem hori-

⁶ Essa expressão é usada por Voltaire no *Cândido*. Esta obra é uma sátira a Leibniz que considera que o mal do mundo tem uma razão de ser e que, portanto, não deveríamos nos preocupar em mudar o mundo, mas contemplá-lo. Voltaire, através da fórmula “cuidar do nosso jardim” sugere que cada um deveria fazer algo, começando por onde se encontra e aquilo que está ao seu alcance, e não se resignar diante do mal do mundo.

zontalidade harmoniosa e acolhedora da biodiversidade.

A lição que se impõe nesse aspecto é de que, de agora em diante, não é prudente entregar o poder político a quem não demonstra sensibilidade ecológica. De outro lado não é razoável entregar o poder público a quem se preocupa mais com os donos do poder imobiliário do que na população em geral, sobretudo os mais vulneráveis. Nesse aspecto as cidades precisam repensar-se a partir do horizonte de criação harmoniosa do espaço vital e de convivência para todos.

Educação ambiental

Aqui a lição parece evidente. Da criança ao ancião, é urgente uma alfabetização ambiental que prepare e desperte as consciências da atual geração e as gerações futuras para viverem e enfrentarem os desafios que virão das mudanças climáticas. E mais, os processos formativos formais, nas escolas e universidades, terão que incluir na sua agenda os conteúdos mínimos que fazem parte da “matéria” ambiental. Estamos passando por uma mudança de tempo em que ou se muda a relação dos humanos com a natureza ou quem mais sofrerá será o próprio humano. Isso tem que ser en-

sinado nas famílias, nas escolas, nas igrejas, nos sindicatos, nas empresas e em qualquer espaço da vida ativa.

O conhecimento das causas do caos climáticos e seus responsáveis maiores, a saber, o “paradigma tecnocrático” capitalista, como nos diz o Papa Francisco na *Laudato Si'*, que se estrutura sobre a queima de combustíveis fósseis que representam 70% das emissões dos gases de efeito estufa, a mineração e agropecuária, bem como o conhecimento sobre ecossistemas, biodiversidade, preservação do meio ambiente e relação entre produção e consumo consciente, não pode mais ser reservado a especialistas. Há um enorme desafio educacional que deverá entrar em pauta em todos os âmbitos da formação da consciência. Seria temerário perdermos novamente a oportunidade de estarmos à altura do tempo. Continuar vivendo como se nada tivesse acontecido, seria a continuidade da tragédia na forma mais elementar de alienação.

A educação é exatamente o processo de passagem da ignorância à ciência, da inconsciência à consciência, da alienação à apropriação de si para viver na autonomia e responsabilidade própria de adultos livres. As escolas, de forma particular, estão convoca-

das a aproveitar o que aconteceu no Rio Grande do Sul e incluir nos seus currículos de forma específica ou transversal, os temas acima elencados.

Pesquisas apontam que os indivíduos até conectam o que está acontecendo com as mudanças climáticas, não as negam, contudo, pensam que não serão atingidos ou que não são responsáveis por elas. O individualismo é uma névoa espessa que não nos deixa enxergar que na medida em que participamos do sistema de produção e consumo atual, direta ou indiretamente somos todos responsáveis e que estamos todos no mesmo barco, mesmo ocupando acentos diferentes. Educar para a ideia de que “todos somos um”, e que “tudo está interligado” e que o que afeta o meio ambiente nos afeta, mas que em relação a natureza somos a parte mais fraca, é o desafio maior. Os próprios educadores estão convocados a passar por um processo de reeducação em que a educação ambiental lhe seja natural. O fato é que não estamos preparados para o que já está entre nós e essa parece ser a lição a ser aprendida e ensinada.

Ciência, técnica e política

A ciência está fazendo sua parte. O consenso científico é quase absoluto quanto às mudanças cli-

máticas, suas causas e o que nos espera se continuarmos o comportamento atual de exploração desenfreada dos recursos naturais, poluindo e matando o que vem pela frente, queimando as florestas e queimando os combustíveis fósseis que redundam em aquecimento global. Sólidas evidências científicas reunidas ao longo das últimas décadas dão conta de que a atividade humana é a principal responsável pelas alterações climáticas e que estas vieram para ficar.

Além disso os cientistas do clima e do meio ambiente são incansáveis em chamar atenção para o perigo do incorreto manejo do solo, do perigo das monoculturas, da necessidade de respeitar e preservar as florestas, de preservar as matas ciliares e de encostas, do desassoreamento e despoluição dos rios, da reciclagem dos resíduos sólidos, do uso racional da água, da proteção das nascentes dos rios.

Por outro lado, os experts têm alertado para a necessidade de prepararmos as cidades para o novo normal. Cidades resilientes capazes de resistir e se recuperar rapidamente em casos de catástrofes, requerem sistema de cidades-esponjas, que facilite a absorção da água e evite alagamentos reduzindo assim os danos

das chuvas torrenciais que serão mais frequentes por conta dos efeitos extremos do aquecimento global. Para isso, as cidades construídas ao longo ou ao lado de rios ou grandes lagos necessitam repensar sua relação com as águas, reflorestando as beiras com máximo de vegetação para absorção da água, que evite erosões e que evite que a lama corra para o rio ou lago.

A questão, então, é como conectar racionalmente o que a ciência diz e o que a técnica é capaz de fazer, com a vontade política dos líderes e gestores públicos. Nesse aspecto cabe incluir outro elemento na relação ciência, técnica e política. Esse outro elemento é a economia. E a economia que é a ciência de gerenciamento de recursos escassos, precisa ser repensada a partir da consciência ecológica integral e num planeta com recursos finitos. Mas quem deve repensá-la? Os agentes econômicos, sim, até porque as perdas na economia serão astronômicas com o aquecimento global, sobretudo, o Estado e a Política. Não dá para continuar subordinando a política à economia de mercado que pensa o mundo a partir do interesse imediato, do privado, do lucro e da exploração dos recursos naturais sem o mínimo de preocupação com as gerações futuras.

Nesse aspecto é preciso resgatar o sentido do poder político que Hannah Arendt (2016) formulou, a saber, o poder político como “capacidade de agir em conjunto” visando contribuir para que uma comunidade histórica possa fazer a sua história. Só a política tem a capacidade de “agir em conjunto”, visando o bem comum e não somente o bem privado. Nesse aspecto o neoliberalismo que prega o Estado mínimo e o lucro máximo do grande capital, precisa ser revisado e superado, para o bem-estar geral.

Seria imprudência continuar entregando à técnica e à economia de mercado os destinos de um povo. Uma grandeza tão nobre igual ao destino de um povo só pode ser entregue às mãos do povo sob representação política, conduzida por princípios e valores éticos. Políticos que representam os donos do poder econômico de uma cidade ou Estado, mais do que representar os anseios e necessidades populares, ou as demandas da ciência, no caso em questão, a ciência ecológica, deveriam, de alguma forma, passar por algum tribunal em que fossem confrontados com a verdade e não com as narrativas diversionistas de caráter ideológico que sustenta o sistema capitalista de desastre.

Solidariedade radical

Uma lição positiva que aprendemos das enchentes foi de que a solidariedade, pelo menos nas desgraças, é mais forte do que o egoísmo que nos governa no dia a dia. Não que seja propriamente novidade. Isto sempre ocorre. Parece ser algo natural. Na alegria e felicidade do outro, o sentimento que aflora é a inveja ou a indiferença. Na dor e no sofrimento, a empatia e compaixão despertam com força e vigor. A evolução que nos trouxe até aqui, no processo civilizacional, só foi possível pela colaboração e estreitamentos de laços de conexão e de pertencimento a um único destino, o destino humano. Na dor e sofrimento, o destino humano é comum, e é por conta disso que, naturalmente, nos solidarizamos. É como se o que acontece ao outro me dissesse respeito, mesmo que não o conheça. Seria insuportável conviver com a própria consciência, indiferente a dor alheia.

Os sentimentos e valores mais profundos, os valores éticos, quase exigem dos sobreviventes e dos de melhor destino que se dobrem e desdobrem para que os infelizes tenham algum tipo de consolo e respiro através do socorro prestado, até o ponto do auto sacrifício em nome do resgate da

dignidade do outro. É como se todos disséssemos juntos: a minha dignidade resulta da dignidade do outro.

O sentimento de culpa, um dos sentimentos morais mais profundos, afloraria caso ficássemos insensíveis ao sofrimento do outro quando o que se pode fazer, sem prejuízo equivalente nosso, puder salvar o outro em sua vida e dignidade.

Foi o que aconteceu nas enchentes e de alguma forma nos orgulhou de pertencermos a espécie. Foi emocionante ver tantas pessoas anônimas ajudando, resgatando e se voluntariando em várias frentes de ação, tanto nos abrigos de acolhimento como, posteriormente, na reconstrução das moradias e no suporte de alimento, água, material de limpeza. A solidariedade é um valor ético que envolve empatia, compaixão e disposição de sair de si para uma causa maior, a causa dos outros. É da solidariedade, e não do egoísmo, que se pode almejar uma sociedade mais justa, com menos necessidades e sofrimento. Se o egoísmo mata, a solidariedade e o amor regeneram. Essa lição marcou as consciências do povo brasileiro e permanecerá na memória como algo que engrandece a alma humana.

Conversão ecológica

Uma sétima lição que se pode tirar das enchentes é de que precisamos passar de um tipo de conversão espiritualizante e desencarnada, que abre mão desse mundo em favor de um outro mundo, com movimento de terra para o céu, para uma espiritualidade do céu para a terra, com fidelidade à terra, sem fuga do mundo. Em palavras simples isso significa dizer que cuidar e salvar a terra e os animais é salvar-se a si mesmo. Na radicalidade, daria para dizer que fora da ecologia não há salvação possível. A Soteriologia não pode ser reduzida a ecologia, mas não haverá verdadeira salvação sem salvar o que possibilita e nutre a vida, isto é, a terra. Assim como não há alma sem corpo, não haverá vida possível sem uma nova espiritualidade que passe por uma profunda conversão ecológica. Não adianta continuar afirmando que Deus salva, se não colaborarmos com ele na salvação do espaço vital que é a nossa mãe e irmã terra.

Para os cristãos, o Evangelho pode ser fonte de uma espiritualidade e conversão ecológica que muda a forma de pensar, sentir e viver. Os cristãos têm uma tradição rica a ser recuperada em favor de uma espiritualidade ecológica,

mas é preciso vencer os obstáculos do realismo pragmático e do utilitarismo, que tomou conta da vida, e da passividade que nos impede de mudar hábitos. Para isso, o encontro com Jesus pode ser uma fonte inesgotável de conversão, de mudança interior e mudança comunitária no trato da “casa comum”. E não podemos esquecer de São Francisco de Assis, aquele que encarnou como ninguém a conversão ecológica, tratando a todos como irmãos e irmãs, sendo incapaz de fazer o mal, sequer à menor das criaturas.

Enfim, a conversão ecológica requer uma mudança profunda na forma como nos relacionamos com a natureza, com os animais e conosco mesmo, sobretudo os mais vulneráveis. O Papa Francisco nos dá a direção quando se trata de conversão ecológica. Recordando São Francisco, ele nos diz: “Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação, como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro” (LS 218).

O processo de conversão pode emergir e despertar por variados estímulos, internos ou externos. Meditar, ler, informar-se e tomar

conhecimento pode dar origem a mudanças de posição frente ao mundo. Às vezes um filme, um documentário ou mesmo uma conversa com alguém, pode ser ocasião de mobilização das energias para uma mudança de relação com o outro e com a natureza. Contudo, nada é mais poderoso para despertar para a conversão ecológica do que um acontecimento tão grandioso como foram as enchentes de maio. Continuar vivendo como se nada tivesse acontecido, seria pecar contra o Espírito Santo, único pecado que não tem perdão. Pecar contra o Espírito Santo é se recusar a ver o que é evidente aos olhos e se impõe como uma espécie de manifestação divina.

Sobriedade feliz

Sobriedade feliz é uma bela expressão utilizada pelo Papa Francisco, na encíclica *Laudato Sí*, para caracterizar o hábito de viver, não segundo a lógica do consumismo estimulado pelos desejos, mas com o que é necessário para que todos tenham vida digna. A expressão acena para uma outra forma de estar no mundo, sem antropocentrismo desordenado e sem consumismo destrutivo da natureza e do humano. Destrutivo do ser humano porque viver segundo os desejos do consumo

cava no centro da alma humana uma falta permanente, uma angústia e uma sensação de vazio sempre que não se estiver em sintonia com a moda, com a marca, com o novo produto que o mercado oferta. Sobriedade feliz é uma forma alternativa de vida humana capaz de alterar os rumos da sociedade, possibilitando um fôlego de esperança que o capitalismo não nos consuma. Sobriedade feliz é a atualização daquilo que Marcuse dizia nos anos sessenta, nos tempos da contracultura. Ele dizia que para fazer frente ao capitalismo e o derrotar, só dançando. Dançar, contemplar e viver feliz com o mínimo necessário e não o máximo permitido, eis o segredo para frear o encontro com o abismo. Essa lição deveríamos ter aprendido dos acontecimentos de maio.

A conversão ecológica implica em ser feliz e alegre, vivendo em paz com o que se tem, pois ao que o pouco não basta, nada basta. Alegrar-se com o pouco que se tem e não com o muito que se poderia ter e que causa angústia, eis o segredo. Este é um segredo da espiritualidade franciscana e cristã. Quem tudo quer, não encontra porto seguro para a alegria com o que tem, e vive a angústia do insatisfeito. Por que seguir os desejos, se esses são infinitos? Quem vive de alimentar esses de-

sejos, vive infeliz e causa estragos à natureza. Importa recuperar o ato de rezar, agradecer e contemplar, mudar a forma de pensar e se reposicionar no mundo.

Vale aqui destacar uma sabedoria que vem de longe, com vários matizes e representantes. É atribuída a Sócrates a ideia de que cada vez que ele passeava nos mercados de Atenas e percebia a quantidade de coisas à venda, dizia para si mesmo: “quantas coisas me são desnecessárias para viver”.

Mais paradigmático ainda é Diógenes de Sínope. Ele renunciou absolutamente tudo o que a sociedade e o mercado lhe poderiam oferecer e se bastava em sua liberdade e autonomia com aquilo que a natureza lhe havia munido. Vivia num barril e convivia com os cachorros, tal mendigo, mas mendigo não era, pois era filósofo. Ele dizia que para viver bem e feliz não é necessária uma vida abastada, no sentido de possuir meios de acomodação e conforto, mas viver bem, na simplicidade, porque, como ele proclamava frequentemente, “os deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista este benefício, pois necessitam de bolos de mel, de unguentos e de coisas semelhantes” (LAERTIOS, 1977, p. 163).

Nesse sentido pode-se compreender melhor o mais famoso episódio de sua vida. Um dia Diógenes estava tomando banho de sol em seu barril e Alexandre, o Grande, sabendo de sua fama de sábio, procurou-o para se aconselhar. Quando chegou junto a Diógenes, Alexandre ofereceu a Diógenes o que ele bem quisesse em troca de seu saber. Diógenes o surpreende e lhe diz: “Senhor, apenas não tire de mim o que não pode me dar”. Assim respondeu, pois Alexandre se interpunha entre ele e o sol. O que são as coisas do mundo perto do prazer e da felicidade dos raios do sol no corpo? Sobriedade feliz, eis o segredo!

Nesse aspecto há uma longa sabedoria indígena com uma forte crítica ao consumismo do homem ocidental branco. David Kopenawa representa bem essa sabedoria quando diz que “os brancos quase não dormem. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias” (KOPENAWA, 2015).

O Papa Francisco sintetiza lúcida e sabiamente essa tradição, quando fala da sobriedade feliz, fazendo eco a uma longa tradição franciscana que faz conviver a alegria com a sobriedade, ao dizer:

É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo, quando se é capaz de dar espaço aos outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece (LS 223).

Os compositores Tavito e Zé Rodrix, na canção popularizada na voz de Elis Regina, resumem em poesia o que a tradição filosófica e teológica trata de forma sofisticada e com bons argumentos. A Canção diz,

Eu quero uma casa no campo
Do tamanho ideal, pau-a-pique
e sapé
Onde eu possa plantar meus
amigos
Meus discos e livros
E nada mais...

E nada mais. Tantas coisas seriam possíveis, mas Elis diz o que todos os que pautam a vida pela sobriedade feliz gostariam de dizer: “e nada mais”.

Viver diferentemente, sem ser engolido pela lógica do consumo infinito que o capitalismo propõe, controlando os desejos em nome de uma vida mais saudável e com menos impacto negativo para a

natureza, eis o segredo. Essa parece ser uma lição importante a ser tirada da tragédia como acontecimento dentro de um acontecimento maior, o aquecimento global e seus efeitos extremos.

Deus e o mal

Outra lição importante a ser aprendida das enchentes diz respeito a já clássica relação entre Deus e o mal. Sempre que acontece uma catástrofe que não conseguimos explicar totalmente, passamos, quase de imediato, para uma explicação religiosa e teológica dizendo ser um recado de Deus ou até mesmo um castigo divino por conta dos nossos equívocos e pecados. Retrocedemos assim à mentalidade bíblica anterior a Jó. Que mentalidade é essa? A que pensa a partir da relação simplista de que se algo de bom fizermos, Deus nos recompensa e se algo de errado fizermos, Deus nos punirá e nos amaldiçoará.

Essa postura ficou conhecida como a *teologia da retribuição*, com forte apelo popular por conectar causa e efeito de uma forma linear e sem complexificações. Acontece que essa leitura cria uma imagem distorcida de Deus e não faz jus ao que temos de mais límpido na compreensão de Deus, isto é, que ele é bom e que ele é amor. A imagem de Deus punidor foi construí-

da à nossa imagem e semelhança, isto é, é antropomórfica e não faz parte do Deus revelado. Nós punimos e recompensamos conforme o mérito, mas Deus está para além do mérito ou demérito. Não entender isso é perverter o que há de mais sagrado na revelação divina que é a doutrina da graça. Não fosse assim, estaríamos todos irremediavelmente perdidos. E mais, estaríamos entrando em contradição insolúvel, pois Deus puniria inocentes e não dá para acreditar num Deus arbitrário que pune inocentes. Ou alguém acredita que a criança de 7 meses que morreu nas águas em Canoas, morreu por castigo de Deus? E os milhares de animais mortos, que mal fizeram? Não daria para acreditar num Deus que arbitrariamente resolvesse punir uma cidade inteira como se aí não houvesse um único justo ou inocente.

A imagem de Deus que tira o bem do mal, ou castiga os pecadores, precisa ser refeita a partir de Jesus. A bem da verdade nunca deveríamos colocar na conta de Deus, nem a responsabilidade e muito menos a causa das desgraças humanas. Deveríamos colocá-las em outros, menos em Deus. Durante as enchentes houve até padre dizendo que “Deus queria o RS de joelhos”, induzindo-nos a pensar que seria um castigo por algum desvio que teríamos cometido.

No caso do padre em questão, o desvio estaria por conta de que somos um Estado pouco religioso e até com demasiadas religiões não católicas, sobretudo em Porto Alegre. Esses falsos profetas não são novidade. Eles passam e o que permanece é a verdade e a verdade sobre Deus é que ele não é autor do mal e da desgraça, pelo contrário, se há alguma coisa de certa em relação a Deus é que ele também sofre, afinal morreu na cruz, e sofre no sofrimento do mundo e está ao lado dos sofredores e das vítimas do mal, contra o mal. Essa verdade foi encarnada em muitos outros padres, freis, religiosas consagradas e líderes religiosos que, acertadamente, ao invés de especularem sobre questões metafísicas, se colocaram em ação de solidariedade no socorro de pessoas e na pronta ajuda na reconstrução do cenário desolador que tomou conta das cidades atingidas.

Que fique a lição, Deus não é autor do mal, pelo contrário, ele é o anti-mal e está lá onde há lama, sofrimento e cruz em busca de redenção e ressurreição.

Há esperança para o futuro?

A esperança é uma virtude teológica para tempos difíceis. Em tempos saudáveis, bons e prósperos são a fé e a caridade que mais

crecem. Mas em tempos difíceis e desafiadores, a esperança nos carrega no colo. Em tempos de crise e incertezas, sem a esperança, o futuro se fecha e mergulhamos no medo ou no desespero.

O desespero e o medo são dois afetos tristes e imobilizadores. A esperança, como nos ensina Spinoza, é uma “alegria instável surgida da imagem de alguma coisa futura de cuja realização temos dúvida”. Persiste a dúvida se haverá futuro promissor ou se o futuro está fechado para nós. Não há como não admitir que persiste a dúvida, mas a esperança de que o bem aconteça, também persiste e é ainda mais forte. Há uma dialética, contudo, entre graça e obra, dom e tarefa. Esperar sem nada fazer, seria apostar no mágico e no milagre improvável.

A esperança cristã é um esperar no sentido de fazer acontecer o que se espera. A esperança cristã, contudo, não duvida. Ela é quase uma certeza, pois está vinculada a Deus e Deus não decepciona. Diz São Paulo: “A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramando em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Santo Agostinho, mesmo que em boa parte seja paulino, parece se afastar dele e se aproximar mais da dialética spinoziana

quando acena, de forma poética, para uma atividade, mais do que para uma atitude passiva. Diz Agostinho “a esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão, a coragem, a mudá-las”.

Indignação e coragem. Indignação com o que? Coragem para que? No caso do aquecimento global e antropocentrismo, aliado ao sistema econômico predador e estimulador do consumismo irresponsável, a indignação representará uma mudança de sensibilidade e percepção das causas últimas do problema. Sem uma ajustada analítica das causas, a indignação provavelmente será manipulada pelos moralistas oportunistas ou, simplesmente, não trará resultados eficazes. A coragem de mudar só acertará o alvo se a identificação das causas, mesmo que complexas, for acertada.

Para tanto, há uma tarefa permanente que cabe aos educadores e líderes em geral, qual seja: mobilizar energias para uma nova consciência e reposicionamento, para que estejamos à altura dos desafios que o tempo nos colocam. Sobretudo, é fundamental fazer as coisas acontecerem diferentemente do habitual que nos trouxe até aqui. A esperança só será realista se o processo de conversão

ecológica tomar conta de nossas vidas a tal ponto de levarmos a sério as gerações futuras e o direito que elas têm de receber um mundo habitável e em condições favoráveis de existência.

Não custa lembrar, ou nos salvamos juntos ou nos perderemos juntos, não dá para esperar

um Noé salvador. Por fim, vale lembrar da epígrafe desse artigo: “Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra”.

Para sentipensar em comunidade:

1. Em nossa região, aconteceu algum evento climático ou desastre ambiental semelhante às enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul?
2. Como reagiram as pessoas diante da situação?
3. Depois do acontecido, algo mudou ou tudo continuou como antes?
4. Como podemos incorporar as “dez lições” acima citadas à nossa vida cotidiana e à nossa missão?

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BADIOU, Alain. **O ser e o evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FRANCISCO, Papa. **Laudate Deum**. São Paulo: Paulinas, 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GLAISER, Marcelo. **O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **Clima com cultura científica**, Campinas - SP, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LAERTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. ed. Brasília: UnB, 1977.
- LATOURE, Bruno. **Onde aterrar**. Como se orientar politicamente no antropoceno. Rio de Janeiro: Bazer do tempo, 2020.
- LUTZENBERGER, José. **Inundações, suas causas e consequências**. Disponível em: <https://www.fgaia.org.br/texts/lutz%20inunda%C3%A7%C3%B5es.html>. Acesso em: 25 out. 2024.
- MOORE, Jason W. **Antropoceno ou capitaloceno**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TSING, Anna Lovenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- VOLTAIRE. **Cândido**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- WALLACE-WELLS, David. **A terra inabitável: uma história do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**BEM VIVER PARA
BEM ENVELHECER
2025**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

São Gonçalo, RJ

*De 11 a 17 de
maio de 2025*

**PROFOLIDER
2025**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: formacao@crbnacional.org.br
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros das Irmãs de N.
Sra. de Lurdes - São Gonçalo, RJ*

*De 28 de setembro a 06
de novembro de 2025*

FLORESCER COM A IRMÃ TERRA. ECOS DA OFICINA DE ECOLOGIA NO CONGRESSO DE 70 ANOS DA CRB

Irmão Afonso Murad¹

Resumo: O Congresso dos 70 Anos da CRB Nacional celebrado em junho passado foi um marco para refletir sobre a memória, mística, profecia e esperança na e da Vida Religiosa Consagrada. Uma das temáticas abordadas nas oficinas foi a Ecologia. Foram compartilhadas práticas e desafios para que religiosos e religiosas sejam sinal profético e esperançador para a construção de uma ecologia integral. O texto recolhe alguns dos elementos destacados e refletidos na oficina para servir de inspiração para as comunidades religiosas em todo o Brasil.

Palavras-chave: Vida Consagrada. Ecologia. Sustentabilidade. Congresso CRB.

Introdução

Nossa oficina de “Ecologia e Vida Religiosa” no Congresso da CRB consistiu na partilha de experiências de ações socioambientais de comunidades religiosas, em diferentes lugares do Brasil. Na medida em que cada participante apresentava as iniciativas locais, conversávamos também sobre a importância dessas ativi-

¹ Irmão Marista. Doutor em Teologia. Professor na FAJE (Faculdade Jesuíta – Belo Horizonte). Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: amurad@marista.org.br

dades e sua força solidária, educativa e pastoral. Os relatos orais nos impressionaram, devido à sua criatividade. Saímos da oficina com o coração cheio gratidão, alegria e esperança. Agradecemos a Deus por tanto compromisso das religiosas, suas comunidades e obras. Ficamos contentes ao escutar relatos que nos emocionaram. E nutrimos nossa esperança na Vida Consagrada e no empenho de cuidar da Casa Comum. Duas pessoas anotaram os casos compartilhados. Talvez alguma informação não expresse a exatidão dos fatos, ou se falta o nome das consagradas ou das comunidades religiosas envolvidas.

Apresentamos aqui a beleza e a diversidade das experiências, seguindo uma ordem aleatória, pois todas são importantes e dignas de nota. Como é bom ver a Vida Religiosa Consagrada abrindo caminhos de sustentabilidade à luz da fé em Jesus Cristo, junto com outras pessoas, grupos e instituições!

As Irmãs Beneditinas missionárias atuam no hospital maternidade São Vicente de Paulo, em Barbalha, interior do Ceará, no Vale do Cariri. Elas assumiram uma política ambiental no hospital, especialmente no que diz respeito aos resíduos sólidos (lixo). Destinam os resíduos infectantes

para o local adequado. Quanto aos outros materiais, os que podem ser reciclados, nada se perde. Separam, recolhem e enviam para reciclagem embalagens, papelão e outras coisas. Também há reaproveitamento de objetos. Por exemplo: leitos usados são doados para pessoas acamadas, que moram em bairros da periferia.

As Irmãs transformaram sua antiga residência na “Casa de Acolhida São Bento”, que conta com 26 camas. Ali elas recebem gratuitamente pessoas pobres da região, portadoras de câncer, que vem fazer tratamento de quimioterapia e radioterapia e ali permanecem em média por um mês. Além da hospedagem, os doentes recebem alimentação, transporte até o Centro de Oncologia e agasalhos, frutos de doações. As Irmãs Beneditinas, com outros grupos da Igreja, assumem a assistência espiritual. Vários voluntários aderiram à iniciativa. A casa vive de doações. Uma das fontes de receita provém da parceria com uma empresa que recolhe e transforma o óleo de fritura usado em sabão. Envolve-se grande número de restaurantes e de famílias. Um momento forte para a coleta são as festas religiosas da cidade, especialmente a de Santo Antônio.

As Irmãs Servas de Maria Reparadora têm um colégio parti-

cular em Rio Branco, capital do Acre. Irmã Augusta nos contou que elas colocam em prática a proposta pedagógica e pastoral que busca integrar a ecologia no processo de ensino-aprendizagem. Lentamente, a mentalidade dos professores e dos alunos se modifica, inclusive na linguagem, de forma a sentirem que a Terra é nossa mãe. Além das atividades em sala de aula, há um cuidado com a alimentação e a merenda escolar, oferecendo alimentos saudáveis. Uma cooperativa de coletores de material reciclável recolhe o papel já utilizado. A “feira do conhecimento” é realizada em perspectiva socioambiental. A escola estimula a limpeza de rios e de igarapés. As Irmãs também têm uma casa de retiro, na qual estão implantando uma política ambiental, incluindo alimentação equilibrada, redução de plástico, adoção de utensílios reutilizáveis, uso consciente da água e da energia.

Irmã Flávia nos ofereceu um bom exemplo de política ambiental nas obras religiosas. Sua comunidade, de carisma franciscano, coordena uma escola de 700 alunos, no sertão do nordeste. Para enfrentar a escassez de água, elas construíram seis grandes cisternas de captação de água da chuva. Em 2022 essa água foi suficiente para abastecer a escola durante todo o ano. As Irmãs também instalaram um sistema

produção de energia solar (fotovoltaica). Ela contou que o trabalho de conscientização ambiental é difícil, pois a tentação do consumismo é forte, no meio dos alunos e da comunidade educativa. Mesmo assim, elas acreditam no que fazem e estão colhendo bons frutos.

Irmã Fátima nos contou sobre o trabalho da ANEC (Associação Nacional da Educação Católica), que dá um importante apoio às instituições de Ensino (Escolas sociais, Colégios e Instituições de Ensino Superior). A ANEC se transformou numa rede para fortalecer a educação católica, nesse momento em que muitas escolas perdem alunos e estão fechando suas portas. A ANEC estimula as escolas a aderirem ao pacto educativo global proposta pela Papa Francisco e oferece sugestões de atividades.²

Os quatro testemunhos acima nos mostram que nas nossas obras (colégios, hospitais, escolas conveniadas) é necessário realizar ao mesmo tempo a educação ambiental (ou para a sustentabilidade), as escolhas sustentáveis e a gestão ambiental. A primeira desperta e forma as consciências para o cuidado da nossa Casa Comum. A segunda diz respeito às práticas comunitárias que sinali-

² Disponível em: https://anec.org.br/tipo_documento/documentos-institucionais/

zam uma opção real, não somente de palavras. A terceira exige mais tempo e organização, pois exige investimentos e muda o rosto da instituição. Acontece então um processo de conversão ecológica. Os alunos, professores, a direção da escola e um grupo de famílias experimentam que não são dominadores, e sim irmãos e irmãs das outras criaturas. Situação semelhante acontece com os colaboradores dos hospitais e outras instituições nossas. A conversão ecológica não acontece somente na cabeça das pessoas. Ela toca também o coração e as mãos. Por isso, são fundamentais as iniciativas pessoais e comunitárias. Um bom começo consiste na forma como tratamos os resíduos sólidos (lixo). Vamos além da coleta seletiva. Deve-se promover os cinco “Rs” da sustentabilidade: Recusar, Reduzir, Reparar, Reutilizar e Reciclar.³ Mas não pode ficar limitado ao tema dos resíduos.

Nas sociedades urbanas, outra expressão da conversão ecológica consiste na escolha dos alimentos. Ou seja: renunciar aos alimentos industrializados ultraprocessados, que apresentam altas doses de açúcar, sódio e conservantes que fazem mal à nossa saúde. Os ultraprocessados também exercem um impacto negativo sobre o

meio ambiente, devido à poluição do solo e a geração de muitos resíduos. Dentre eles se destacam os refrigerantes, os biscoitos adocicados, as salsichas, a margarina, e os “salgadinhos” industrializados. Uma alimentação saudável compõe-se de frutas e verduras frescas, legumes, carboidratos bons (pão integral, arroz integral, batata doce, milho) e proteína animal ou vegetal. Nossas comunidades e instituições devem ser um exemplo de opções alimentares ecológicas. Como é a realidade da instituição onde você e sua comunidade atuam?

Veremos a seguir os testemunhos de comunidades religiosas que atuam na alimentação, plantio de árvores, opções para enfrentar a fome e processos de educação para a ecologia. Convém lembrar que todas essas práticas acontecem junto com a evangelização, o anúncio de Jesus Cristo e o fortalecimento de comunidades cristãs.

Iniciativas socioambientais de comunidades religiosas nas periferias e na roça

Durante a oficina, escutamos com atenção e emoção vários testemunhos da Vida Religiosa e de sua atuação em comunidades inseridas e obras sociais, nos bair-

³ Disponível em: <https://sustentabilidadeagora.com.br/os-7-rs-da-sustentabilidade/>

ros e no campo. Vamos citar algumas.

Uma comunidade de Irmãs, que atua no vale do Cariri (interior do Ceará), atua com leigos/as na limpeza dos riachos, na proteção dos rios e no plantio de árvores nativas. Espera-se com o tempo plantar 1 milhão de árvores na região. Começou-se a educação ambiental com os Romeiros que vão ao santuário do Padre Cícero. Faz-se uma parceria com o poder público.

Experiência semelhante, Irmã Maria Luiza relatou o trabalho pastoral e ecológico de sua comunidade na região de Crateús. Elas se dedicam à evangelização em áreas de assentamento rural e com pequenos produtores. Já se veem os bons resultados ecológicos e sociais. Por exemplo: os quintais produtivos e as plantações da agricultura familiar. A CPT (Comissão Pastoral da Terra) conscientiza sobre como evitar o uso dos agrotóxicos, que envenenam o solo, a água, as plantas e as pessoas. A EMATER distribui mudas. Os Camilianos mantem um projeto de saúde integral. Um grupo de mulheres cultiva plantas medicinais e tem a “farmácia popular”. No fundo das capelinhas há hortinhas. Também se recolhem pilhas, que destinam aos locais corretos. Assim, evita-

-se que pilhas e baterias poluam o solo e a água.

Irmã Isaura falou para nós acerca da coleta e separação de material reciclável, promovido pelas Salesianas em Teresina. Um grupo de voluntários realiza essa tarefa, e já se retirou mais de 10 toneladas daquilo que iria para o lixo: plástico, alumínio e ferro. O resultado da venda desse material é usado na compra de cestas básicas para os mais pobres.

De lá, “fomos” para o Sul do Brasil. Irmã Iolanda, da comunidade das Irmãs de São José de Chambéry, nos contou sobre a experiência delas, próxima a Curitiba. Elas colaboram na recuperação de fontes de água em terras indígenas e atuam em uma escola agrícola. Esse tipo de escola ajuda a formar a consciência ecológica nas crianças e jovens que vivem na roça.

Então, demos um grande salto e escutamos a VRC na Amazônia. Irmã Ivoneide, de um instituto de carisma franciscano, relatou sobre a atuação da sua comunidade em Juriti, no interior do Pará. Elas estão engajadas no projeto de agroecologia que valoriza uma importante palmeira da região, do delicioso e nutritivo açaí. Já começou o plantio de mudas de açazeiro, que deve alcançar 5 mil palmeiras. Na casa de Polpa

se retira esse precioso líquido, também chamado “vinho do açaí”. Em outras regiões do Norte o açaí recebe o nome de “Juçara”. Elas também produzem um fitoterápico (remédio à base de plantas) do Maracujá.

Voltando para o Ceará, ouvimos o testemunho da Irmã Irene, das Beneditinas dos Anjos. Elas estão presentes em comunidades rurais espalhadas em 38 setores. Destaca-se a atuação com o povo na apicultura, que produz um mel delicioso e saudável. Para isso, plantam-se flores que as abelhas gostam. As flores também embelezam o ambiente. As mulheres produzem bolos de mandioca e abóbora, além de doces saborosos (Grupo “mulheres adoçando a vida”). Há uma cozinha comunitária. Infelizmente, a prefeitura não colabora com essas iniciativas. Mesmo acima a população está mais consciente e começa a cuidar da terra de muitas maneiras. A Feira solidária é um momento especial de trocar produtos da comunidade e de festejar!

Ainda do Ceará, da cidade de Tauá, Irmã Cristina contou sobre a atuação dela e de sua comunidade, em dois espaços diferentes: no hospital e nas CEBs. A diocese se envolve também nessa missão de cuidado da vida e da terra. Há muitas iniciativas como: trabalho

de seleção de sementes crioulas, plantio de árvores, quintal produtivo, cisternas, criação de galinha e de peixes. Na agricultura familiar, tudo gira em função do orgânico e não do veneno. E são tantas as coisas boas para a gente se alegrar, como a distribuição de mudas nas festas, os grupos de mulheres com as farmácias alternativas, a valorização das ervas medicinais, a orientação pra fazer hortas comunitárias e remédios caseiros.

Irmã Lúcia relatou que sua comunidade de Franciscanas Bernardinas está associada à rede JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação). Elas promovem a leitura e reflexão da Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco. Para isso usam a “Cartilha Laudato Si”, em linguagem popular. Como gesto concreto, ela contou sobre a “Campanha de tampinhas”.

Vimos então que há muitas iniciativas socioambientais pelo país, na qual as comunidades religiosas estão envolvidas “de corpo e alma”. Poderíamos refletir sobre o valor de cada uma delas. Vamos nos concentrar em duas.

Há várias iniciativas atuais para promover a alimentação ecológica. A primeira consiste na produção de alimentos sem agrotóxicos e com adubo orgânico, sobretudo aqueles provenientes da

agricultura familiar e da agroecologia. A segunda consiste nas pequenas hortas familiares ou de comunidades religiosas, para consumo próprio. A terceira diz respeito a oferecer espaço físico para que essa produção seja vendida diretamente aos consumidores. Há também cooperativas e centros de distribuição desses alimentos. Por fim, supermercados e lojas tem vendido alimentos agroecológicos ou orgânicos. Você e sua comunidade optam por esse tipo de produto?

Escolhas sustentáveis são diversas, dependendo da vida das pessoas e de onde elas moram. O critério é simples: diminuir os impactos ambientais negativos e aumentar os positivos. Um exemplo de redução de impacto ambiental negativo consiste no controle e uso equilibrado da água e da energia elétrica, que são bens coletivos. Plantar e zelar de árvores frutíferas, de flores e de arbustos, preferencialmente aqueles que são próprios ou bem adaptados ao bioma onde moramos causa impacto positivo. As árvores captu-

ram parte do carbono que provoca as mudanças climáticas, liberam vapor d'água que ajuda a formação das nuvens de chuva, favorecem a retenção do solo em casos de tempestade, ajudam a penetração da água da chuva na terra, contribuem para amenizar a temperatura com sua sombra, fornecem alimento e proteção para os pássaros.

Conclusão aberta

Quantas práticas estimuladoras! Os relatos de experiências nos mostram que já há iniciativas significativas e criativas de práticas de ecologia integral em muitos lugares do Brasil. Eles sinalizam também que o desejo de cuidar da “Casa Comum” se concretiza em atitudes pessoais, ações comunitárias e políticas institucionais. Que o nosso compromisso se expanda, seja divulgado e se consolide. Que nosso empenho se alimente com uma espiritualidade de (re)florescer com a Terra. Amém!

Para sentipensar em comunidade:

1. Quais das experiências aqui relatadas mais nos impactou?
2. Qual delas pode servir de inspiração para iniciarmos uma prática semelhante em nosso lugar de vivência?



PÓS-GRADUAÇÃO PARA FORMADORES/AS DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Qualificar religiosas e religiosos que atuam
ou atuarão em processos formativos da
Vida Religiosa Consagrada

INSCREVA-SE

secretaria@estef.edu.br

(51) 99107-2640



CRB NACIONAL
Conférence des Religieuses do Brasil



@estef.poa



Nova turma: Abril de 2025



PÓS-GRADUAÇÃO EM VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E PRESBITERAL

Aulas online e ao vivo
Todas as terças-feiras à noite

Garanta sua vaga e aprimore sua
formação espiritual e pastoral!

Mais informações: (41) 3222-7716

Inscrições pelo site:

www.faculdadevicentina.com.br

ou escaneando o QR Code ao lado.



COM JESUS NO AR CONDICIONADO. UMA CONVERSA COM DEUS SOBRE O ASSUNTO MAIS IMPORTANTE

Frei Johannes Gierse¹

Resumo: Em um imaginário diálogo do autor com Deus, o texto reflete sobre a crise climática atual e suas raízes nas opções econômicas e políticas da humanidade. Opções globais que também incluem opções pessoais e que questionam elementos fundamentais da fé como a compreensão de Deus e o relacionamento dos humanos com Ele e com toda a criação. Tendo como referência a tradição bíblica e a Encíclica *Laudato Si*, o diálogo indica a necessidade de uma espiritualidade que inclua o cuidado da criação na dimensão da fé como caminho para a salvação.

Palavras-chave: Mudanças climáticas. Ecologia. Espiritualidade.

João: Jesus! Paz e bem! Prazer em encontrá-lo. Podemos conversar sobre o assunto mais importante? Já escrevi muito sobre as mudanças climáticas do ponto de vista político, social e eclesial. Só me falta a saber o que o Senhor tem a dizer sobre este assunto quente. Faça isso com o maior res-

peito prometendo que a conversa fica entre nós!

Jesus: Pois não, João! Estou à disposição, fique bem à vontade. Espero poder responder tudo!

João: Bem, o que me dá vontade de dirigir algumas perguntas curiosas ao Senhor, é o fato de ter

¹ Frade Menor da Província Franciscana Nossa Senhora da Assunção (Maranhão/Piauí). Endereço para contato: johannesjoachimgierse@gmail.com

encontrado você aqui na capela, com ar condicionado. O Senhor também sente as mudanças climáticas na pele, como nós?

Jesus: Com certeza! Na minha terra natal, Israel, eu estava acostumado com o calor no verão. Você se lembra quando andei pela Samaria e ao meio dia senti tanta sede que fui ao poço de Jacó, e aí aconteceu um encontro maravilhoso com aquela samaritana. Mas hoje, “estando no meio de vocês” o calor está insuportável, tanto aqui no Nordeste como em qualquer lugar do mundo; pior, a tendência é de aumentar muito mais e rapidamente!

João: Aqui no Brasil, algumas pessoas mais, outras menos, estão impactadas com o drama da enchente que destruiu 85% do Estado do Rio Grande do Sul. Falo de drama e não de catástrofe, pois aquilo não era um acontecimento desastroso relacionado a fenômenos naturais, mas causado pela atividade e omissão humanas.

Jesus: Pura verdade, concordo contigo! Eu também estou impactado... até hoje!

João: Quando o mundo questionou “onde estava Deus em Auschwitz?” – o famoso lugar do holocausto dos judeus –, Papa Bento respondeu que “Deus estava em Auschwitz”. – Hoje, 80 anos

depois, faço a mesma pergunta: Onde o Senhor estava no Rio Grande do Sul? Onde está Deus “num século tão avançado que teve a sorte de ser o último?”²

Jesus: Naqueles dias das enchentes no Rio Grande do Sul, Eu estava lá presente, sofrendo com os gaúchos. Como estou presente em qualquer drama que atormenta a humanidade. Quando a terra geme e grita, Eu gemo e grito as dores da Paixão na Cruz e morro!

João: Isso é importante saber, pois às vezes a gente pode ter a impressão de que Deus esteja ocupado, ausente ou de viagem, dormindo e precisa ser acordado (1 Rs 18,27).

Jesus: Entendo bem essa sensação angustiante de quem sofre muito: Onde está Deus, meu Pai? Jó se perguntou isso; Eu mesmo gritei na cruz “Pai, porque me abandonaste”, e muitos santos e santas passaram pelo abandono das noites traiçoeiras. Mas, Eu garanto a você e todos que meu Pai não é indiferente ao sofrimento, Ele não vive num mundo distante. A criatura humana não está abandonada à desesperança de sua existência terrena, pois meu Pai no céu se importa com cada um de seus filhos e filhas.

² Expressão de Vladimir Soloviev (1853-1900), teólogo russo, citado na Encíclica *Laudate Deum* (LD), n. 28.

João: Bem, naquela tempestade no mar, quando os discípulos gritaram “Mestre, estamos perecendo e tu não importas”? (Mc 4,26-34), o Senhor se levantou e ameaçou o vento. Porque o Senhor não se levantou no Rio Grande do Sul para acalmar as chuvas?

Jesus: Aquela tempestade no mar foi causada pelo meu Pai, para testar a fé dos meus discípulos. Portanto, eu domino os ventos no mar; mas, aquelas tempestades na terra gaúcha foram causadas por vocês mesmos. Eu não posso interferir no livre arbítrio de vocês! Um exemplo: quem dirige seu carro ou sua moto em alta velocidade, talvez na escuridão da noite e ainda caindo uma chuva grossa, numa estrada esburacada, arrisca propositalmente sua vida e não há anjo da guarda que pudesse salvá-lo, caso acontecesse um acidente.

João: Com isso, o Senhor está jogando uma direta a respeito da causa do Colapso Climático.

Jesus: Você, Eu e a maioria esmagadora da humanidade sabe que “a origem humana – antrópica – da mudança climática já não pode ser posta em dúvida” (LD 11). A causa são “os enormes progressos conexos com a desenfreada intervenção humana sobre a natureza nos últimos dois séculos” (LD 14). “A inteligência artificial e os re-

centes progressos tecnológicos se baseiam na ideia de um ser humano sem limites...” (LD 21).

João: Concordo Jesus! Também já pensei nisso: a inteligência artificial quer ser mais que a inteligência natural que é reflexo da sabedoria divina. Os estudantes têm uma educação ambiental fragmentada nas escolas, mas o investimento no “pensamento computacional” (*made makers*) está em ascensão. Quem reconhece que estamos incluídos na natureza e somos parte dela, não é considerado inteligente! Com razão diz o provérbio indígena: “Somente quando for cortada a última árvore, pescado o último peixe, poluído o último rio, que as pessoas vão perceber que não podem comer dinheiro.”

Jesus: A consequência quando um ser humano pretende tomar o lugar de Deus é que ele torna-se o pior perigo para si mesmo (cf. LD 73). Basta um pouco de lucidez e honestidade para reconhecer que o poder e o progresso que vocês geram estão se virando contra vocês mesmos (cf. LD 28).

João: A causa disso é que as grandes potências econômicas se preocupam em obter o maior lucro ao menor custo e no menor espaço de tempo possíveis (cf. LD 13). A culpa não é dos pobres, pois “uma reduzida parcela mais rica da po-

pulação mundial polui mais do que os 50% mais pobres...” (LD 9). – Senhor, pode me dizer se a crise é gravíssima?

Jesus: Vocês já não podem deter os danos enormes que causaram. Estão a tempo, apenas, de evitar danos ainda mais dramáticos (cf. LD 16). Portanto, devido à reação insatisfatória este mundo, que acolhe vocês, está desmoronando e talvez se aproximando de um ponto de ruptura (cf. LD 2).

João: Agora me tire essa dúvida: Deus viu que “tudo era muito bom” (Gn 1,31). Então, o mundo criado por livre vontade e cooperação amorosa da Trindade Santa era ou ainda será um paraíso, ou nós filhos degredados de Eva, somos condenados a gemer e chorar neste vale de lágrimas até que entremos finalmente no paraíso além da morte?

Jesus: A maldade da criatura humana já causou muitas vezes desgosto e ira para nós Três. Adão e Eva comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal. Depois, no tempo de Noé, quando vimos que todo projeto do coração humano era sempre mau, chegamos ao ponto de nos arrependermos de ter criado o homem (Gn 6,5-6). No entanto, sempre voltamos à trás, pois agimos como pessoas divinas e não como vocês. Afinal, meu Pai que fez os céus, meu Pai que fez

a terra e a fixou, Ele a criou não para ser um deserto, mas a formou para torná-la habitável (Is 45,18). E mesmo que a criatura humana peque – e o que isso significa verificamos bem ao longo da história da humanidade decaída – nós nunca desprezamos nossa “imagem e semelhança”: a pessoa humana. Nada anula a dignidade humana! Por isso, por causa do nosso amor incondicional, sofri a Paixão para o perdão dos pecados e para manifestar a nova criação! Afinal, nós Três somos os amigos da vida (Sb 11,26).

João: Obrigado por ter tirado minha dúvida. Mas, diante deste cenário tão apocalíptico – calor insuportável, enchentes, furações, longas secas etc. – muitas pessoas comentam que é o início do fim do mundo e que o Senhor estaria voltando, é verdade?

Jesus: Quanto a este dia e a essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos do céu, nem o Eu. Somente o Pai é quem sabe” (Mt 24,36). No entanto, isso não deveria levar vocês a ignorar a real possibilidade de chegar a um momento crítico (LD 17).

João: Agora estou aliviado! Então, eu e a humanidade toda, nós temos (ainda) um tempo para nossa conversão! “Sabemos que as coisas podem mudar” (LS 19), já afirmava papa Francisco. Mas,

será que a humanidade vai se realmente converter? O que levará as pessoas a se converterem individual e coletivamente?

Jesus: Como um dependente químico muda de vida? O que leva uma pessoa com hábitos alimentares nocivos a assumir uma alimentação saudável? A sabedoria popular diz que “se não é pelo amor, é pela dor”, até chegar ao fundo do poço. Os caminhos do meu Pai que age pela suave força do Divino são insondáveis! Ele respeita a liberdade de cada pessoa, de cada povo até que a ficha caia: alguns vão pelo “caminho de dentro”, do amor e da boa vontade; outros buscam a verdade através da educação, da ciência ou filosofia; outros ainda se tocam somente quando as perdas são imensuráveis. Seja como for, mais cedo ou mais tarde vão se cumprir as palavras que meu Pai colocou na boca do profeta Amós: “Eis que virão dias, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor” (8,11). Agora, em relação ao Colapso Climático, Eu lhe digo: a conversão ecológica urge e precisa ser radical! Favor, leia o que Eu disse em Lucas 13,1-9!

João: O Senhor, perdoe minha pouca fé, mas olhando as Igrejas que pregam a Sua Palavra, não vejo como essa viravolta ou con-

versão possa acontecer: tanta divisão, polarização, fundamentalismo, alienação, abuso de poder, tanta indiferença ou até negacionismo! Há cristãos acreditando que “Deus está no comando de tudo” e vai nos salvar de forma mágica, e assim, lavam as mãos e não assumem nenhuma responsabilidade. O que está faltando?

Jesus: Meu filho, não se admire! Já meu Servo, o Papa Francisco, dizia que há “certas opiniões ridicularizantes e pouco racionais (...) mesmo dentro da Igreja Católica” (LD 14). Eu observo um enorme descompasso entre a fé cristã, entendida como ‘doutrina revelada’, e a consciência cristã que é a assimilação da fé, ou seja, quando o conteúdo da fé se torna o conteúdo da existência concreta (GUARDINI, 2017, p. 113). A questão da consciência é ‘crucial’ para quem diz que crê em mim!

Um exemplo: Em junho de 1940, quando o Vaticano e a Igreja na Alemanha refletiram como se posicionar diante do nazismo, o Cardeal Tisserant, em Roma, escreveu ao cardeal Suhard em Paris: “Pedi com insistência ao Santo Padre a escrever uma encíclica sobre o dever de cada pessoa de seguir à voz da consciência; pois este é o ponto crucial do cristianismo. Receio que a história acusará à Santa Sé por ter feito uma

política de conveniência para si própria e nada mais” (BEIL, 1968, p. 42). O que quero dizer com isso: o Colapso Climático é uma questão de consciência, sobretudo para aqueles que creem em mim!

João: Verdade! E o que acontece quando alguém segue a sua consciência cristã? Na Oração das Horas consta essa prece: “Lembrai-vos também dos que se dedicam ao serviço do próximo, para que, nem o fracasso nem a incompreensão dos outros, os façam desistir de seus propósitos”.³ O Senhor sabe como fico triste e indignado por causa da destruição da casa comum. No entanto, às vezes eu mesmo tenho dúvidas se faço o certo. Uns anos atrás recebi um comentário de um ‘católico muito praticante’ que me questionava assim: “Tantos clérigos ocupam os púlpitos para falar do que estão cheios: de Ecologia, Socialismo, Comunismo, Economia, Política. São coisas terciárias, nem secundárias em referência às Palavras de Jesus”.

Jesus: Muita calma João! Não duvide das suas convicções, você faz o certo! Ouça o que os bispos no Sínodo da Amazônia – e mais ainda os bispos africanos – declararam com muita ênfase: “Não se trata de uma questão secundá-

ria ou ideológica, mas sim de um drama que traz danos para todos nós (...) as alterações climáticas evidenciam um exemplo trágico e marcante de pecado estrutural” (LD 3). Então, está mais do que comprovado de que a questão ‘ecológica’ – o cuidado com a vida do planeta terra – está em plena sintonia com as minhas Palavras no Evangelho. O pecado não consiste no engajamento. Pelo contrário, peca gravemente aquele cristão e aquela cristã que, vendo o drama, omitem-se a salvar.

Agora me diga, João, como você se sente diante deste cenário?

O Senhor sabe muito bem o quanto ando suado e angustiado neste calor incandescente! Como isso não fosse suficiente, fico também decepcionado por causa da lentidão da Igreja em promover a Pastoral da Ecologia. Será que a CF 2025 seja o último cartucho para acordar os fiéis? Igualmente fico desesperançoso com a má vontade política, pois o tempo urge! Como o profeta Elias, me dá vontade a gritar: “Basta Senhor! Tira a minha vida!” (1 Rs 19,4). Mas aí, vendo as lutas populares pelo Brasil afora, a Tua graça me anima na esperança contra toda esperança (Rm 4,18).

Nada muda minha consciência e convicção. Nos meus ouvidos ecoam as palavras que Ir.

³ III Semana, Quarta-feira, Vésperas.

Dorothy Stang pronunciou ao Procurador da República, Felício Pontes, pouco antes de ser assassinada: “Nunca desista! Estás me ouvindo? Tu precisas continuar a luta. Tu não deves desistir e tu não deves abandonar nosso povo, compreendes? Tu precisas continuar lutando, porque Deus está contigo”.

João: Então, Jesus, nossa vocação e missão é lutar pelo Reino de Deus – como o Senhor nos ensinou em palavras e ações. Portanto, o que me diz a respeito das soluções? Como salvar a criação? Quem começa e como fazer? Os pobres não têm culpa, são vítimas!

Jesus: Para iniciar o caminho da conversão integral e de forma individual, coletiva e estrutural, é importante ‘repensar’ as seguintes coisas:

1. Repensar o risco de ficar bloqueado na lógica do consertar, remendar, retocar a situação, enquanto no fundo avança um processo de deterioração (cf. LD 57). A sensibilidade ao problema é só verdadeira, quando se traduz na coragem de efetuar **mudanças substanciais** (LD 56);
2. Repensar o **poder humano**, o seu significado e os seus limites (LD 28). Vocês precisam acabar com

a ideia de um ser humano autônomo, onipotente e ilimitado, e repensar a vocês mesmos, a fim de se compreender de maneira mais humilde e mais rica (LD 68). Afinal, “ninguém pode servir a dois senhores!” (Mt 6,24);

3. Repensar a **conversão pessoal** modificando os hábitos nocivos em vista de uma alimentação saudável, de compras de produtos locais e sem agrotóxicos na feira e não no supermercado *Mateus* ou *Carvalho*, de mais cuidado com os resíduos sólidos, de mais uso de energias limpas, de um desmatamento e queimados zero;
4. Repensar a **conversão estrutural**, pois “as soluções mais eficazes não virão só dos esforços individuais, mas, sobretudo, das grandes decisões da política nacional e internacional” (LD 69). Só quando os cidadãos controlam o poder público – nacional regional e municipal –, também é possível combater os danos ambientais (LS 179).

Os pobres deste mundo, sem dúvida, não são os culpados e,

sim, as maiores vítimas do Colapso Climático. No entanto, se os pobres não lutarem pela justiça climática, eles se tornarão cúmplices deste sistema ecocídio, já que os ricos e poderosos nunca irão sanar as causas pela raiz. Os pobres devem ser os protagonistas dessa mudança substancial:

- Primeiro, unindo e organizando-se possuem um grande potencial de militância e inovação, como já acontece na agricultura familiar e na economia solidária;
- segundo, através do voto livre e consciente influenciam o poder político. Porém, isso requer educação (ambiental) e cidadania para romper o círculo vicioso da dependência e opressão. Por isso digo: as eleições 2024 e o meio ambiente têm tudo em comum!

Eu louvo meu Pai, porque revelou essas coisas aos pequeninos! (cf. Mt 11,25).

João: O que diz a providência divina sobre nosso futuro próximo? O avanço do Colapso Climático vai resignificar – talvez até frear – as demais crises mundiais: as guerras por causa de brigas geopolíticas, a polarização da sociedade, o aumento da Extrema Direita, dos governos totalitários e nacionalistas, enfim, o capitalismo neoliberal; ou o cenário

continua piorando? Com outras palavras: a humanidade vai se infernizar ainda mais ou, movida pela necessidade vai buscar a fraternidade e amizade social?

Jesus: Essa pergunta é muito pertinente. Eu imagino o quanto você e todos gostariam saber a resposta. De fato, este caldeirão de conflitos humanitários seria propício para suscitar uma crescente consciência planetária, um senso de “família universal”; mas também pode acontecer o contrário: um caos generalizado no qual todos brigam contra todos.

Diante da humanidade estão a vida e a morte, a bênção e a maldição – ela precisa saber escolher! (Dt. 30,19). Meu Pai, que é Amor-Liberdade, deixou a história da salvação aberta: ela não é um mecanismo ou uma garantia, ela é convite e possibilidade. Há o risco que o seu ‘plano’ pudesse fracassar.

Este é exatamente o espírito contido no Pai nosso: o mundo está nas mãos do Deus vivo; porém, meu Pai entregou seu Reino também nas mãos frágeis do ser humano para cuidar dele. Portanto, quem acredita na divina providência não pode lavar suas próprias mãos delegando toda responsabilidade a nós Três. Através da meditação, uma pessoa de fé há de discernir a vontade do meu Pai: O que Deus quer que eu faça

nesta situação? Só então, o Pai pode agir no coração da pessoa. (GUARDINI, 1957, p. 73;131).

João: Com isso chegamos à XV estação da nossa conversa: a ressurreição! Fale mais sobre aquela espiritualidade capaz de desbloquear nossos descompassos!

Jesus: Vamos lá! Vamos alargar o espaço da nossa tenda de espiritualidade (cf. Is 54,2)!

1. A **História Sagrada** não começou com o anúncio da minha encarnação a Maria pelo anjo Gabriel, nem com a vocação de Abrão, “o pai da fé”; e sim, a História Sagrada começou bilhões de anos atrás, quando meu Pai disse: “Fiat lux!” (Gn 1,3). Desde então, “o mundo canta um Amor infinito, como não cuidar dele?” (LD 65).
2. A espiritualidade convencional está engessada em doutrinas e exigências morais, devoções tradicionais e liturgias costumeiras que deixam a fé individual e a vida comunitária estáticas. A ‘nova narrativa’ que as ciências e a tecnologia proporcionam muda o imaginário rumo a uma consciência cristã em evolução: muda a imagem de Deus, da natureza e do ser humano. Muda a celebração da

Eucaristia que não se limita a um determinado tempo e espaço da Igreja; “a Eucaristia é sempre celebrada... sobre o altar do mundo” (LS 236), como já afirmava meu amigo Teilhard de Chardin, há 100 anos atrás.

3. A nova espiritualidade requer a integração equilibrada de três realidades: a alma, Deus e o futuro do planeta Terra. Também o progresso do mundo precisa ser inserido na perspectiva do Reino de Deus, a fim de que tudo aponte para uma **cosmovisão cristocêntrica** (PFLEGER, 1968, p. 65), pois Eu tomei a livre decisão “de levar a história à sua plenitude, reunindo o universo inteiro, tanto as coisas celestes como as terrestres” sob a minha Cabeça (Ef 1,9-10).
4. Com tudo isso, coloca-se a **questão do sentido**: qual é o sentido da sua passagem por esta terra? Qual é o sentido do seu trabalho e do seu compromisso (LD 33)? Qual é o sentido da terra? Pois, ninguém é uma máquina, apenas para trabalhar, comprar, consumir e...morrer. Numa época de tamanha decadência, este sentido, este chamado de Deus, se abre como fonte

no interior da vida de gente comum; é uma graça proporcionada livremente por meu Pai.

Muito obrigado Jesus! O Senhor conseguiu alargar a tenda da minha fé! Quero lhe agradecer com uma singela oração que fala da Terra, de Ti e de mim:

Terra querida!

*Eu te amo, Terra,
com tudo o que vive em ti.
Deus te criou.
Eu te amo, Terra,
Deus é fiel e te sustenta, sempre.
Apesar da destruição
que nós causamos em ti,
apesar da guerra, da violência e
do roubo implacável,
haverá sempre uma nova primavera,
um novo verão, outono e inverno;
virá sempre um novo dia
após a escuridão da noite.
Eu te amo, Terra,
pois Deus te criou muito bonita
com tuas árvores, flores e animais,
com as pessoas humanas.
Eu te amo, Terra,
por isso, quero aprender
a viver com amor
e assumir responsabilidade
pela criação de Deus.*

Jesus: Gostei do poema feito oração! Agradeço, também em nome do meu Pai e do Espírito Criador! Agora, antes de sair, quero lhe fazer um pedido, aliás dois...

João: Pois não Senhor, vou atender os dois pedidos com prazer e prontidão!

Jesus: Primeiro, você disse no início que nossa conversa sobre o assunto mais importante ficaria só entre nós. Mas, acho importante que muitos outros irmãos e irmãs de fé saibam o que conversamos. Depois de ter ouvido nossa conversa, talvez venha alguém entrar nesta capela e falar comigo sobre isso!

Obrigado pela sugestão. E o segundo pedido?

Jesus: Ao sair da capela, desligue o ar condicionado e apague a luz! Deus abençoe você!

Amém!

João: *Laudato si'*, meu Senhor!

Para sentipensar em comunidade:

1. Que questionamentos a atual crise ecológica coloca para a nossa vida de fé e de Igreja?
2. Os sofrimentos da criação estão presentes em nossas orações?
3. Como podemos *rezar*, pessoal e comunitariamente, os sofrimentos e esperanças da criação?

Referências

- BEIL, Alfons. Aufstieg oder Niedergang der Kirche? In: FÄRBER, Karl. **Krise der Kirche** – chance des Glaubens. Frankfurt, 1968.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Deum**. Exortação Apostólica a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. São Paulo: Paulus, 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- GUARDINI, Romano. **Vorschule des Betens**, 12. ed. Berlin, 2007.
- PFLEGER, Karl. Auf der Suche nach einer neuen Spiritualität. In: FÄRBER, Karl. **Krise der Kirche**. Frankfurt, 1968.

Curso CRB - Totalmente on-line - 2025

CURSO

ATENÇÃO NA PRÁTICA DO CUIDADO EM DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS

Duração:
Início em 14 de maio de 2025
Término em 3 de setembro de 2025
Quartas-feiras à noite. Horário: 19h30min às 21h30min



Formulário <https://forms.gle/Kfjgxp9EBi1zz2B9>

Quer Saber Mais formacao@crbnacional.org.br



Luspe
Instituto de Psicologia

Realização:
Setor Formação CRB Nacional
e Faculdade Vicentina



CRB NACIONAL
Conferência dos Bispos do Brasil

Início em maio de 2025

CURSO DE EXTENSÃO EM ANIMAÇÃO VOCACIONAL

Realidade Juvenil e Animação Vocacional

Período: maio a julho de 2025
Aulas: Quartas-feiras, das 19h às 21h45, em formato online e ao vivo
Mais informações: (41) 3222-7716
Inscrições pelo site:
faculdadevicentina.com.br

O curso é voltado para quem deseja ampliar suas habilidades pastorais e aprofundar o diálogo com a juventude, entendendo seus desafios e oportunidades na promoção vocacional.



REPAM: UMA EXPERIÊNCIA SINODAL DA IGREJA NA AMAZÔNIA

Irmão João Gutemberg Sampaio¹

Resumo: Em seus dez anos de existência, a Rede Eclesial Pan-amazônica estabeleceu um novo modo de presença da Igreja Católica no mais extenso bioma da América do Sul. Ao lado de povos amazônicos e seus territórios, a REPAM busca ser presença profética na construção da justiça socioambiental e do bem viver a partir das culturas e realidades locais. As diversas parcerias fortalecem e ampliam esta ação e indicam que um novo modo de ser Igreja é possível.

Palavras-chave: Rede Eclesial Pan-amazônica. Igreja. Amazônia. Casa comum.

Introdução

Em 2014, já com a animação eclesial do Papa Francisco, foi fundada, em Brasília, a Rede Eclesial Pan-amazônica (REPAM). Essa fundação é fruto de um processo de amadurecimento que vinha sendo intuído por vários grupos pastorais presentes no território e pelas suas organizações fundadoras: o episcopado,

através do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM); a vida religiosa consagrada, através da Confederação Latino Americana e Caribenha de Religiosas e Religiosos (CLAR); o laicato, através das Cáritas (SELACC). Teve também o apoio da Comissão Episcopal da Amazônia (CEA-CNBB), que já realizava um ca-

¹ Irmão Marista. Secretário. Secretário Executivo da REPAM. Endereço para contato: secretario@repam.net ou jgutembergms@gmail.com

minho identitário e de articulação em nível da Amazônia brasileira. Essa rede eclesial tem, pois, uma marcada característica sinodal.

O território Pan-Amazônico possui uma área de 8.470.209 km² (Cf. RAISG, 2022). A Igreja Católica ali está organizada em 105 jurisdições eclesiásticas, 663 Congregações Religiosas femininas e 295 masculinas.

O saudoso Cardeal Cláudio Hummes OFM, primeiro presidente da Rede, informava que a REPAM defende e promove a preservação da Amazônia e o respeito às suas populações e está a serviço da proposta da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 2007, em Aparecida (Brasil), que em suas conclusões propõe: “Conscientizar as Américas sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade”. (DAP, 475).

Ao celebrarmos a primeira década de caminhada da Rede, visibilizamos, neste artigo, vários pontos de sua história, de sua identidade e propostas de missão. São testemunhos de várias pessoas e organizações comprometidas com a vitalidade da REPAM apresentados na revista: *10 anos tecendo vida e esperança*.²

O atual Presidente da REPAM, Dom Rafael Cob García, bispo de Puyo, no Equador, afirma: Nossa Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) tem como objeto escutar os territórios que acompanha e defende; escutar os gritos da terra e dos povos que sofrem nesta Amazônia; cuidar dessa *Casa Comum* para que seja um lar para todos os seres vivos, para a terra sem males. Em 2024, a REPAM comemora uma década de existência. A Rede existe para que toda a criação cante e louve a Deus por seu amor por toda a criação, cujos cuidados foram confiados aos humanos.

A REPAM atua em oito países e em um território ultramarino na Pan-Amazônia: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guina, Suriname e Guiana Francesa; caminha da periferia ao topo das maiores esferas internacionais para denunciar a violação dos direitos humanos, para tornar visível a realidade em que vive nossa Amazônia, para unir vozes e lançar um SOS pela vida para o mundo inteiro. A REPAM luta pela harmonia e pela fraternidade dos povos; tornou-se uma artesã de paz e justiça.

² Cf. em: Fonte: <https://www.repam.net/pt/repam-comemora-10-anos-de-atuacao-com-o-lancamento-de-revista-especial-na-pan-amazonia/>

REPAM: 10 anos de intuições proféticas dos territórios

Essa afirmação é do cardeal Pedro Barreto Jimeno (Peru), Presidente da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA). Segundo ele, voltar às origens, a partir da nossa fé em Jesus, é um impulso para reconhecer a ação de Deus através das pessoas; daqueles que viveram – como o cardeal Cláudio Hummes (†) e daqueles que vivem hoje na amada Amazônia. É também uma oportunidade de contribuir, a partir da nossa região, para que a nossa Igreja se renove e se torne uma missão permanente.

A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), criada em 12 de setembro de 2014, foi um forte momento de irrupção do Espírito Santo. A escuta e o discernimento nos permitiram articular nossos esforços evangelizadores para *caminhar juntos e ser uma Igreja com rosto amazônico e em alcance missionário*.

O cardeal lembra que a Amazônia é um território devastado e ameaçado pelo extrativismo e pelas economias ilícitas. Os povos indígenas, ribeirinhos, camponeses, afrodescendentes e populações urbanas sofrem as consequências desse sistema predatório. O Papa Francisco, na exortação

apostólica *Querida Amazônia*, explicitou nossas intuições com os quatro sonhos da Igreja na Amazônia: social, cultural, ecológico e eclesial.

O chamado nos compromete a assumir com profetismo esse convite a sonhar, porque a “Igreja não está na Amazônia como quem fez as malas para partir depois de explorá-la. Desde o início, esteve presente nela, com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e sua presença é decisiva para o futuro da região” (Papa Francisco no Rio de Janeiro, 2013).

A REPAM é uma resposta de Deus a essa necessidade sentida e urgente de cuidar da vida das pessoas para que possam viver como irmãos e irmãs e em harmonia com a natureza. Agora, com a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) estamos mais fortalecidas/os.

Irmã Glória Liliana Franco (Colômbia), Presidente da CLAR, caracteriza a REPAM como **ferramenta vital para a Amazônia**. Segundo ela, os vários campos de missão da Igreja, a promoção da justiça social, a defesa dos direitos dos povos indígenas, a proteção do meio ambiente e a evangelização são razões pelas quais a Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos (CLAR) apoiou a fundação da Rede Eclesial

sial Pan-Amazônica (REPAM). O compromisso foi consolidado institucional e missionalmente por meio de comissões que têm impacto na Pan-Amazônia: *Ecologia Integral, Vida Religiosa Indígena e Afrodescendente e a Rede Itinerante da Amazônia*. A CLAR apoia a REPAM, pois a Rede é uma ferramenta vital para enfrentar os desafios da Amazônia de forma abrangente e eficaz.

O Padre Francisco Hernández (Colômbia), diretor do Centro de Programas e Redes de Ação Pastoral (CEPRAP-CELAM) considera o caminho estabelecido pela REPAM como a promoção de uma visão colaborativa pela *Casa Comum*. Ele relembra que, em 2014, a Cáritas da América Latina e do Caribe via a Amazônia como um bioma extremamente vulnerável em meio a uma grave crise socioambiental, exposto à voracidade de um sistema de desenvolvimento consumista, explorador, agressor da *casa comum* e produtor de pessoas marginalizadas. Assim, apoia-se a consolidação da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), impulsionada por uma visão colaborativa com outros atores, movimentos sociais e pessoas de boa vontade; na promoção de um continente solidário, justo, democrático e pluralista. Defendemos que cada homem e mulher vivam de acordo com sua dignida-

de, tenham suas necessidades básicas atendidas e usem de forma sustentável os recursos da criação para o bem comum.

A força da Rede eclesial como denúncia e anúncio, é destacada por Irmã Irene Lopes (Brasília), secretária da Comissão Episcopal da Amazônia (CEA-CNBB). Ela ressalta que as faces da igreja na Amazônia são diversas e frágeis. O território abriga um número significativo de povos ancestrais que vivem na Pan-Amazônia há milênios e que têm uma atitude de contemplação e cuidado com a nossa *casa comum*. A Amazônia é composta por vários ciclos migratórios que circulam a diversidade dos povos da região. A missão da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) tem sido marcada pela profecia da denúncia contínua; ao mesmo tempo em que anuncia a boa nova e se constitui como uma organização estratégica que busca responder aos gritos dos povos e do bioma, em defesa da vida de nossa amada Amazônia.

Dinamismo e vitalidade nos 10 anos de atuação da REPAM

Compartilhamos a visão de Mauricio López Oropeza (Equador), coordenador do Programa Universitário Amazônico

(PUAM), que foi o primeiro secretário executivo da REPAM. Para ele, **o dinamismo e a vitalidade da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) baseiam-se em sua identidade e na configuração que o Espírito quis dar-lhe desde seus primórdios.** Em abril de 2013, em Puyo, Equador, representantes de equipes missionárias de vários países do território amazônico, a Equipe Itinerante, organismos eclesiais como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), agentes de pastoral social Cáritas, pastorais indígenas, congregações missionárias inculturadas no território, representantes dos povos e aliados internacionais, expressaram em comunicado que:

Esperamos que esta ação coordenada que começa a florescer no Equador, acompanhada por agentes de pastoral de outros países irmãos, possa, em breve, ser articulada em uma Rede Eclesial Pan-Amazônica que, pouco a pouco, busque uma linguagem própria e seja capaz de definir, a partir de inspiração evangélica, propostas alternativas aos atuais modelos de desenvolvimento na América Latina.

A partir desse momento, e em encontros posteriores realizados em Lima e Manaus, iniciou-se a tecelagem da identidade de uma

rede inédita sem saber o que o futuro reservava. Afirmou-se uma vocação territorial, sua configuração como rede (acima de uma estrutura formal) e até mesmo sua relação com cada país como elemento subordinado à dimensão territorial.

Em setembro de 2014, esse apelo foi confirmado:

Esta iniciativa nasce da ação do Espírito Santo que guiou e está guiando a Igreja no processo de encarnação do Evangelho na Pan-Amazônia (...). É através deste mandato pastoral que a REPAM é fundada como resposta a esta necessidade sentida e urgente de cuidar da vida em harmonia com a natureza.

A REPAM sustenta sua vitalidade e dinamismo a partir de uma espiritualidade profunda, profética, encarnada e territorializada, sem a qual perde sua identidade e sentido. Define-se da seguinte forma:

É rede! Sustentada por uma dinâmica colegial, na escuta e na unidade na diversidade, rompe esquemas e fronteiras pré-existentes (geográficas e existenciais); inspira um serviço que conecta experiências. Promove um processo em permanente reconstituição, com uma estrutura flexível; busca gerar o encontro entre culturas e compreender que

os povos originários e as comunidades amazônicas nos apresentaram outras formas de contemplar e de sentir a realidade; procura superar a enorme fragmentação da Igreja no território e abandonar as características da eclesialidade colonial-autorreferencial que ainda estão presentes.

É eclesial. Reflete a Sinodalidade como um modo de ser Igreja baseada no diálogo, na escuta, no discernimento e em um ritmo compartilhado pelos membros do território; reconhece a encarnação em meio à diversidade cultural; quer criar consciência regional e global sobre essa realidade, suas ameaças e contribuições para a vida do planeta.

É pan-amazônica. A Rede quer acompanhar os atores no território para que sejam sujeitos de sua própria história. Desde o início, a configuração das REPAMs nacionais tem sido na busca de uma eficácia apostólica que permita abrir o caminho para o novo, para o essencial e para o territorial do ecossistema amazônico.

De mãos dadas com os povos amazônicos e seus territórios

Para Daniela Andrade (Peru), participante do núcleo Povos Amazônicos, ser uma rede nes-

ses tempos de ameaça e violência para a Amazônia é um ato profético e revolucionário. A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) conseguiu tecer espaços de encontro a partir dos lugares profundos dessa grande Amazônia. Centenas de povos amazônicos foram violentados por uma história de extrativismo que se repete continuamente; e que os reprimiu, martirizou, ameaçou e até desapareceu. A Igreja, sem dúvida, e como foi dito muitas vezes pelas vozes dolorosas do próprio povo, teve sua parte nessa história.

Os pedidos de perdão e o compromisso de não repetição não ficaram em palavras vazias. A REPAM proporcionou espaços para uma escuta profunda, respeitosa e legítima de uma escuta que cura. Realizaram-se encontros de diálogo intercultural e inter-religioso, para além das línguas e das fronteiras. Encontros determinados pelo fluxo do rio, a partir da intuição amazônica dos povos indígenas. As bacias conectam, convergem e preservam a memória histórica dos povos, sua força espiritual e sua capacidade de narrar seu passado, presente e futuro. As bacias hidrográficas vão além da lógica do mundo ocidental, dos países e das fronteiras. A REPAM tem fomentado encontros transfronteiriços, permitindo o encontro de parentes, que

é uma palavra muito importante na Amazônia, que reúne povos, espiritualidades, lutas e, sobretudo, sonhos.

As coordenadoras do Núcleo Direitos Humanos e Incidência Internacional da REPAM, Lily Calderón e Pe. Peter Hughes (Peru) e Sonia Olea Ferreras (Espanha), reafirmam o tema da Amazônia e Incidência Política Internacional como Ferramentas de Luta pela Justiça Social. Eles enfatizam a prioridade da Rede Eclesial Pan-Amazônica que tem como objetivo **defender e promover** os direitos individuais e coletivos de pessoas empobrecidas e excluídas da vasta região amazônica. Desde 2016, a Rede promove escolas de formação, defesa e exigibilidade de direitos. Por meio de uma escola itinerante na qual participam equipes formadas por um agente pastoral e um líder comunitário, são apresentados casos de violações de direitos humanos; aprende-se sobre direitos individuais e coletivos; documentam-se casos e estratégias para influenciar os diferentes espaços interamericano e universal. As equipes retornam aos seus territórios e replicam o que aprenderam. Até o momento, três escolas foram realizadas (Equador, Peru e Brasil) e três relatórios foram publicados.

A Incidência Política da REPAM perante organizações internacionais e no Fórum de Empresas e Direitos, em Genebra, previu três objetivos essenciais: ser uma ferramenta para a participação cidadã; ser um processo de experiência democrática; e alcançar um espaço próprio de poder. A dinâmica das escolas de formação e promoção facilitou a participação nos relatórios globais dos Relatores Especiais das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas e destaca o papel e o valor dos povos indígenas, bem como os direitos à água potável e à moradia adequada.

A REPAM reconhece a voz de lideranças indígenas, camponesas, afrodescendentes e ribeirinhas da Amazônia.

Justiça socioambiental e bem viver

Outra urgência da REPAM é tecer caminhos para a justiça socioambiental e o bem viver dos povos e comunidades do território pan-amazônico. Sobre esse tema nos fala Viviana Wilches (Colômbia), do núcleo Justiça Social e Bem-viver: Nos 10 anos da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), queremos agradecer a todos aqueles que fizeram parte da tecelagem do Núcleo Justiça Socioambiental

e Bem Viver; especialmente, aos povos amazônicos cuja resistência, resiliência e sabedoria inspiraram e orientaram o trabalho de defesa da vida, dos ecossistemas e da promoção de experiências sociais, ambientais e econômicas, com base no respeito à natureza e ao *bem viver* na Pan-Amazônia.

Reconhecemos os desafios socioambientais enfrentados pela região: desmatamento e perda de biodiversidade; a exploração excessiva dos recursos naturais; a crise climática, alimentar, migratória e sociocomunitária; as necessidades de proteção e respeito dos direitos dos povos. O *bem viver* está enraizado nas tradições indígenas locais que nos ensinam a estar em harmonia com a natureza e em equilíbrio com nossas necessidades materiais e espirituais.

Seguimos no processo de reconhecimento, posicionamento e fortalecimento das práticas socioambientais transformadoras existentes no uso da terra, entrelaçando caminhos com esperança, para que, juntos, possamos contribuir para a proteção dos direitos da natureza, preservar os ecossistemas e construir um futuro justo e sustentável na Pan-Amazônia.

Continuamos a promover diferentes encontros para o intercâmbio de experiências e promovendo

o acompanhamento de projetos de segurança e soberania alimentar em conjunto com os povos do território e as REPAMs nacionais.

Uma importante realidade inerente à Amazônia se refere às várias fronteiras internacionais onde as culturas se encontram, mas são muito fragmentadas. As fronteiras são lugares de muita mobilidade humana, com seus consequentes sofrimentos. Verónica Rubí (Tríplice fronteira Peru, Brasil, Colômbia), que participou da coordenação do Núcleo Igreja em Fronteira, nos fala sobre esse tema:

O rio não nos divide, mas nos une!

Celebrar os 10 anos da REPAM é celebrar uma rede comprometida com o projeto de 'amor de Jesus por todos'; especialmente, aqueles que mais sofrem. A REPAM conta com o compromisso de mulheres e homens em favor da vida, tecendo relações de respeito, diálogo e serviço.

Celebrar os 10 anos da REPAM é reconhecer-nos como membros de uma Igreja que não tem fronteiras e que, nos territórios amazônicos, gera laços de confiança, incentivando as lideranças locais a construir um mundo mais fraterno; é entender a importância

dos rios não como fronteiras existenciais, mas como pontes de comunicação e cenários de encontro.

Celebrar o 10º aniversário da REPAM é reforçar o compromisso missionário com os povos indígenas, compartilhando com eles a vida, seus ritos, aprendendo suas línguas e abraçando suas lutas; é trabalhar pelos direitos das pessoas, dos povos e da natureza em tantos lugares de conflito e violência, onde a exploração indiscriminada e a corrupção se intensificam.

Comemorar os 10 anos da REPAM é assumir que tudo está interligado para considerar nossas ações e decisões desde uma perspectiva ampla. Celebremos a primeira década da REPAM como fonte de vida e esperança para a humanidade. Incentivemos o compromisso com a justiça social, a ecologia integral e a defesa dos direitos nos territórios, junto aos povos amazônicos.

Para melhor realizar sua missão REPAM necessita conhecer os dados de sua realidade. Por isso tem sido realizado um serviço de mapeamento e coleta de informações no território pan-amazônico. Esse é o tema explanado por Suzana Espinoza (Equador), que coordenou o Núcleo Mapeamento e Investigação: Quando a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM)

foi criada, uma de suas prioridades era fazer um diagnóstico da presença da Igreja nos territórios. Dessa forma, em outubro de 2016, iniciou-se um mapeamento geral. Na reunião anual do Comitê Ampliado da REPAM, foram dadas as definições dos temas que interessavam à Rede e que poderiam facilitar os caminhos de articulação. O mapeamento incluiria todas as jurisdições eclesiais que estavam dentro do bioma amazônico. Na época, havia 97 (noventa e sete) jurisdições em 9 (nove) territórios nacionais diferentes.

Os principais temas desse diagnóstico foram: a presença da Igreja (composição das jurisdições eclesiais, congregações religiosas, áreas pastorais); a presença de organizações da sociedade civil; os principais problemas sociais e as violações de direitos humanos; informações sobre povos indígenas e experiências nos campos da formação, itinerância, justiça socioambiental, comunicação.

As informações foram coletadas durante 18 meses. Em seguida, o grupo encarregado dessa tarefa e as equipes pastorais elaboraram os produtos de acordo com as informações coletadas. Hoje, a REPAM possui um atlas que resume grande parte dos resultados desse processo e que serviu para se conectar com os temas do Sínodo Ama-

zônico. O Sistema de Informação da Realidade Eclesial Pan-Amazônica (SIREPAM), apresenta de forma interativa o banco de dados que foi obtido a partir do processo de mapeamento.

Jovens a serviço da Casa Comum

A população amazônica é notadamente integrada por crianças e jovens. Por isso, Diego Aguiar (Brasil) e Irmão Daniel Niño (Colômbia), do núcleo Juventudes e Amazônia, destacam: nos 10 anos da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), as juventudes se tornaram uma força que permitiu que a Rede avançasse com os pés no presente, semeando vida e esperança para o futuro da Pan-Amazônia. Estamos falando de juventudes de diferentes faces: indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas, migrantes, habitantes de áreas rurais e urbanas de nossas cidades, moradores das periferias e fronteiras.

As juventudes sofrem as consequências de vários projetos de exploração que afetam esse imenso território. Os jovens pedem à Igreja que continue tecendo redes, aprofundando a consciência amazônica, as questões socioambientais, a *espiritualidade ecológica* e a justiça intergeracional;

especialmente no que diz respeito às suas lutas e aspirações.

O núcleo “Juventudes e Amazônia” da REPAM dinamiza e apoia processos de formação, fortalece o diálogo com a juventude pan-amazônica e promove seu protagonismo na rede. É um espaço de escuta e acolhimento, contribui para que os projetos de vida assumam a *Ecologia Integral* como dimensão fundamental da existência, ampliando a divulgação da mensagem do Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si’*.

A partir do projeto “Caminhos Amazônicos de Formação”, as escutas sinodais, os encontros formativos, os debates, dos fóruns, da série audiovisual “Juventudes e Amazônia” e os materiais de apoio voltados para a conscientização socioambiental, as metodologias e dinâmicas formativas foram construídas e aprofundadas para melhor compreender e analisar as realidades e os desafios das juventudes.

Continuamos navegando juntas/os!

Dorismeire Vasconcelos (Brasil), do núcleo Mulheres e Amazônia, defende outro tema fundamental para a Amazônia: Mulheres em movimento, uma força vital na Igreja e na sociedade. A Rede Ecle-

sial Pan-Amazônica comemora 10 anos de existência. Nessa trama de ações e testemunhos a serviço da vida no coração da Amazônia, ela celebra e reconhece a missão das mulheres na Rede; uma missão centenária na Igreja amazônica, exercida por mulheres de vida consagrada e leiga, na missão de seguidoras de Cristo, com o coração e os pés ardentes no caminho dos povos originários.

São mulheres que fortalecem a vida comunitária, orante e missionária; cuidam de suas famílias; são samaritanas e profetas, acompanham sindicatos, movimentos e manifestações para defender a vida dos povos e os direitos das gerações futuras. A rede artesanal de mulheres, tecida com muitos rostos e modos de ser amazônicos, tem articulação, mobilização, organização e luta enraizadas em seus fios. Em 2018, essas mulheres iniciaram um processo de escuta, de irmandade e de discernimento para construir espaços na Igreja e na sociedade.

O Núcleo “Mulheres e Amazônia”, da REPAM, tem acreditado e apoiado a mobilização e resistência das mulheres, trabalhando por sua valorização, empoderamento, inclusão e ação na luta pela defesa de seus territórios e seus direitos. A cada ano, o Núcleo prepara um calendário temá-

tico, visto como uma ferramenta formativa e informativa que reaviva a mobilização e a participação das mulheres na vida da Igreja e da sociedade.

A Amazônia se integra numa imensa bacia hidrográfica onde o principal caminho são os rios e igarapés. Há também, no seu contexto, a realidade das estradas e dos varadouros. Daí a importância de se constituir a Rede Itinerante: tecendo redes missionárias para o território. O tema vem abordado pela Irmã Joanhina Honório Madeira (tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Venezuela), da coordenação da Rede Itinerante:

Nesse momento, há muitas coisas para comemorar pelo 10º aniversário da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM). A memória torna-se latente e os dedos tornam-se ágeis na escrita. A Rede Itinerante, após cinco anos, continua a contribuir para a perspectiva de tornar visível a vida dos territórios; nasceu às vésperas do Sínodo para a Amazônia com o objetivo de ser um fio condutor entre a REPAM e a Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos (CLAR). Muitas das inspirações sentidas e compartilhadas durante a criação da Rede foram levadas ao Sínodo e várias delas foram aprovadas no documento final:

As equipes missionárias itinerantes na Amazônia, tecendo e construindo comunidades ao longo do caminho, ajudam a fortalecer a sinodalidade eclesial. Podem reunir vários carismas, instituições e congregações, leigos e leigas, religiosos e religiosas, sacerdotes. Somar para ir juntos onde não podemos ir sozinhos... Propomos uma rede itinerante que reúna os diversos esforços das equipes que acompanham e dinamizam a vida e a fé das comunidades da Amazônia.

A Rede Itinerante se estrutura dia a dia e ao mesmo tempo está presente nos territórios. Em colaboração com outros, estamos avançando e alcançando instâncias internacionais onde as pessoas podem levantar suas vozes e exigir seus direitos. A Rede Itinerante deseja continuar se somando à REPAM e prestando esse apoio aos povos presentes no Grande Território Amazônico.

A equipe de comunicação da REPAM visibiliza outro tema de capital importância para o território, que é a **Comunicação para transformação social**: os processos que têm acompanhado a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) em seus 10 anos de existência têm o objetivo de gerar incidência dentro das comunidades amazônicas. A construção de uma realidade – onde os direitos dos seres humanos que habitam

a Pan-Amazônia e o próprio território como garantidor da vida são respeitados – é um processo que se dá em diferentes cenários. A comunicação é um aspecto que a REPAM nunca deixou de lado, pois entende a necessidade de desenvolver estratégias que não apenas mostrem a realidade dos territórios e as lutas de quem os habita, mas também promovam o discernimento e a reflexão, buscando uma sociedade mais justa na Pan-Amazônia.

O Núcleo “Comunicação para a Transformação Social” acompanha uma série de processos com o objetivo de promover uma cultura comunicativa que esteja alinhada com as diretrizes da REPAM. O plano de comunicação do Núcleo afirma:

À luz do processo de formação de uma Igreja com rosto amazônico, queremos gerar uma comunicação transformadora, capaz de fortalecer os processos eclesiais na Pan-Amazônia, no acompanhamento e proximidade com os povos, na construção de processos de comunicação social, cultural, ecológica e pastoral na defesa e no cuidado da vida, das culturas e de uma ecologia integral.

A REPAM entende que a comunicação vai além da troca de informações. Para a Rede, os processos comunicativos organizam e

mobilizam os povos com o objetivo de cuidar da *Casa Comum*.

Interloquções da REPAM no caminho eclesial com rosto amazônico

Na sua caminhada de 10 anos, a REPAM tem participado da criação e dinamismo de organizações irmãs que ajudam no aprofundamento do rosto amazônico da Igreja. Trata-se de iniciativas eclesiais inspiradas nas propostas do Sínodo da Amazônia (Roma, 6 a 27 de outubro de 2019):

A Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), fundada em 29 de junho de 2022 é uma organização da Igreja Católica com personalidade jurídica, canônica e pública. A Conferência está destinada a promover a Sinodalidade e a pastoral de conjunto ente as Igrejas dos territórios amazônicos, fomentar a interculturalidade da fé, ajudar a delinear o rosto amazônica da Igreja e proporcionar a tarefa de encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora incorporando a proposta da ecologia integral e aprofundando assim a fisionomia da Igreja na região. (Estatutos da CEAMA, Art. E1 e 3).

A Rede de Educação Intercultural Bilíngue Amazônica (REIBA) é uma organização sem

fins lucrativos que está ligada a Conferência Eclesial Amazônica (CEAMA). A REIBA incentiva, coordena e promove a colaboração mútua entre propostas educacionais na educação básica regular (infantil, fundamental e ensino médio) na região amazônica, especialmente aquelas desenvolvidas com os povos originários. A missão da REIBA é acompanhar os povos originários no fortalecimento de sua educação e cultura.

O Programa Universitário Amazônico (PUAM) iniciou o processo em 2020, no final do Sínodo da Amazônia, e foi formalizado em 2022. O Programa procura ser uma instância de serviço de referência no campo socio acadêmico que lidera processos de formação intercultural de ensino superior de qualidade, com uma abordagem transformadora das realidades marginalizadas da Pan-Amazônia. A partir da escuta e do acompanhamento permanente do território, e baseado nos valores do Evangelho e nos princípios da Doutrina Social da Igreja, o PUAM vai promover a criação de novos paradigmas de formação e desenvolvimento universitário que permitam às populações amazônicas serem protagonistas da sua própria história.

Celebrar, viver e cuidar da Amazônia!

Há muitas maneiras de ver e conceber a Amazônia. Há a visão a partir de dentro, das pessoas que ali vivem e conhecem seus encantos, seus mistérios e suas dificuldades. Há também aqueles que a olham de fora, de um ponto de vista interessado, tanto no sentido positivo do conhecimento e do cuidado, quanto no interesse de explorá-lo. Há os indiferentes, que desconhecem a importância do ecossistema amazônico para a humanidade.

Nessa pluralidade de percepções, a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) se posiciona tanto para o conhecimento da Amazônia quanto para o seu cuidado, para a defesa de suas belezas naturais e de suas comunidades, tão plurais e ameaçadas. A REPAM constrói uma relação intrínseca com a Amazônia, pois o cuidado desse território é a razão de ser da fundação da Rede.

Estamos felizes que nossa REPAM já tenha completado 10 anos cuidando da querida Amazônia. Seu estímulo é sempre renovado à medida que contempla, cuida e defende qualquer emergência socioambiental que ameace essa bela e cobiçada região. A REPAM tem um olhar amoroso, solidário e esperançoso sobre a Amazônia.

Nesse contexto jubilar, há muitas pessoas comprometidas com essa bela parte da nossa *Casa Comum*. A missão da Rede para o futuro é incentivada, motivada e até desafiada. Pedem que a REPAM seja fortalecida e continue defendendo os direitos do território amazônico e dos diferentes grupos populacionais; que os Núcleos Temáticos e sua organização sejam articulados nos países e em nível pan-amazônico para serem mais efetivos na participação, organização e incidência; que as jurisdições eclesiais, as organizações de vida consagrada e os leigos sejam mais abertos e trabalhem em conjunto com as organizações eclesiais e extra eclesiais na defesa dos interesses dos territórios; que, com a sua experiência pioneira como Rede Eclesial territorial, contribua para fortalecer as novas redes eclesiais nos continentes e atue em conexão com elas.

A REPAM pretende ser uma família extensa na região pan-amazônica; que continue sendo uma rede de organizações que articula a defesa da vida, da terra e dos direitos dos povos originários e amazônicos, promovendo a interculturalidade entre as comunidades tradicionais e o mundo urbano. Insiste-se que a REPAM esteja vigilante na aplicação de decisões políticas, como os acordos dos tratados da reunião de presidentes dos países amazôni-

cos, em ações de incidência nas Nações Unidas, na Organização dos Estados Americanos por meio da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, nos fóruns interinstitucionais que acontecem em seus territórios ou em âmbito internacional (como as COPs sobre a Biodiversidade e sobre o Clima) onde são discutidas questões de defesa dos direitos humanos, soberania alimentar, cuidado com o clima, biodiversidade e povos.

A REPAM se conecta também e trabalha de modo articulado com a *Ecclesial Networks Alliance for Integral Ecology* (ENA) que integra as Redes Eclesiais de Ecologia Integral que se formam nos vários continentes: Rede Eclesial da Bacia do Congo (REBAC), Rede Eclesial Mesoamericana (REMAM), *Rede Eclesial Gran Chacho y Aquifero Guarani* (REGCHAG), *River Above the Ocean Ecclesial Network* (RAOEN) para a região da Asia- Pacífico e Oceânia, e outras redes do Canadá, Estados Unidos e Europa. Essas redes eclesiais buscam aplicar as inspirações e orientações do magistério do Papa Francisco

expressas, dentre outros, na Encíclica *Laudato Si'*, nos documentos oriundos do Sínodo da Amazônia e Sínodo da Sinodalidade e na Exortação Apostólica *Laudate Deum*.

Ao celebrar o aniversário de 10 anos de sua caminhada, a REPAM se propôs visibilizar a história e a caminhada sinodal na defesa da Amazônia e da ecologia integral, **celebrar** os frutos do trabalho de pessoas e organizações que constroem a rede e projetar novos caminhos para a articulação em Rede e sinodalidade na igreja da Amazônia.

A VRC contribui de forma eficaz para esse caminho da igreja em nível Pan-Amazônico. As congregações religiosas têm sido presença e testemunho profético do Deus da criação nas mais distintas e desafiadoras realidades socioambientais, nas quais se manifesta a urgência do cuidado com a vida.

Que a REPAM continue a proclamar o reino da vida, firmemente ancorada no Deus Criador, delineando novas características para uma Igreja com rosto amazônico!

Para sentipensar em comunidade:

1. Conhecemos algum religioso ou religiosa que participe ou tenha participado da Rede Eclesial Pan-amazônica?
2. De que modo as realidades socioambientais em que vivemos se fazem presentes em nosso modo de ser VRC e Igreja?

Claretiano
ITVCA
▶ CURSO ON-LINE



**01 de julho até
28 de julho de 2025**

Aulas síncronas:
01, 07, 14 e 21/07/2025
19h30 às 21h (Horário de Brasília)

**Comunicação
Não Violenta**

PROFA. MA. RITA MARTINS PEREIRA
DE OLIVEIRA CRUZ

INSCREVA-SE até 26/06/2025
extensao.claretiano.edu.br

APOIO:  REALIZAÇÃO: 

Para mais informações: ☎ (16) 3660-1752

Claretiano
ITVCA
▶ CURSO ON-LINE



**05 de maio até
31 de maio de 2025**

Aulas síncronas:
05, 12, 19 e 26/05/2025
19h30 às 21h (Horário de Brasília)

**Cuidar de nós
mesmos para cuidar**

PROFA. ME. KEIKO MALY GARCIA D'AVILA BACARJI

INSCREVA-SE até 29/04/2025
extensao.claretiano.edu.br

APOIO:  REALIZAÇÃO: 

Para mais informações: ☎ (16) 3660-1752

Claretiano
ITVCA
▶ CURSO ON-LINE



**10 de março até
07 de abril de 2025**

Aulas síncronas:
10, 17, 24, 31/03
às segundas-feiras
19h30 às 21h (Horário de Brasília)

**Vida Religiosa e
Fratelli Tutti**

ME. PE. CALMON RODOVALHO MALTA, CMF

INSCREVA-SE até 05/03/2025
extensao.claretiano.edu.br

APOIO:  REALIZAÇÃO: 

Para mais informações: ☎ (16) 3660-1752

A COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL PE. JOSIMO: UM CAMINHO DE ECOLOGIA INTEGRAL

Frei Wilson Zanatta¹

Resumo: Fundada em 1995, a Comunidade Intercongregacional Pe. Josimo celebra em 2025 seus 30 anos de caminhada. O texto relata o percurso dos frades franciscanos menores e franciscanos capuchinhos que, tendo como de partida o acompanhamento das famílias assentadas da Reforma Agrária, ampliaram sua atuação para além da assistência espiritual e, através do Instituto Cultural Padre Josimo, desenvolvem atividades de agroecologia, medicina popular, resgate de saberes tradicionais, proteção e recuperação do meio ambiente e capacitação técnica dos assentados e pequenos agricultores. Constata-se no caminhar da comunidade uma expressão prática da proposta do Papa Francisco de uma Vida Religiosa Consagrada que integre a ecologia integral no seu modo de viver e atuar.

Palavras-chave: Intercongregacionalidade. Ecologia integral. Agroecologia. Casa comum. Solidariedade.

A Comunidade Intercongregacional Padre Josimo

A comunidade Padre Josimo nasceu com decisões capitulares tomadas pelas províncias dos Ca-

puchinhos (OFM Cap) e Franciscanos (OFM) do Rio Grande do Sul no ano de 1994. No ano seguinte 4 frades, dois Franciscanos e dois Capuchinhos passaram a morar no Assentamento Segre-

¹ Frade Menor Capuchinho. Membro da Comunidade Intercongregacional Pe. Josimo. Endereço para contato: zanattaw@yahoo.com

do Farroupilha composto por 113 famílias, no município de Encruzilhada do Sul, a 170 km de Porto Alegre. O município faz parte da Diocese de Santa Cruz do Sul.

Em um primeiro momento, os frades moraram na antiga sede da fazenda. Logo em seguida foi construída uma pequena casa para os frades morarem e a antiga sede da fazenda foi transformada em escola para os filhos dos assentados poderem estudar. Eram em torno de 140 estudantes do Ensino Fundamental.

A comunidade dos freis teve como objetivo ser itinerante, permanecendo, portanto, um período de 5 anos em cada local. Neste tempo de permanência em Encruzilhada do Sul, vivendo com os Assentados da Reforma Agrária, procurou-se ter uma relação de aprendizado recíproco. Para transformar o propósito em prática, os frades acompanhavam as famílias nos serviços da roça, lavrando a terra, plantando, capinando, junto às famílias que mais precisassem. Além dos serviços manuais, também acompanhavam a construção de prédios de escolas e igrejas com suas comunidades. Trabalho teórico e prático estavam sempre bem interligados.

Além do dia a dia do trabalho manual com as famílias e forma-

ção nas escolas e comunidades de fé com suas celebrações, os frades foram se envolvendo com a organização do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) sendo presença efetiva nos acampamentos, assentamentos, marchas, seminários, e presença nos setores da organização em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Neste período de permanência na primeira moradia em Encruzilhada do Sul, surgiu o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Ele nasceu em janeiro de 1996 devido uma grande estiagem que assolou os camponeses do Rio Grande do Sul. Sofrendo as consequências de calamidade e de abandono por parte do governo da época, os camponeses não ligados ao MST, obrigaram-se a se organizar para buscar seus direitos prejudicados pela estiagem, que castigava a produção. Com a nova organização, no caso o MPA, os serviços se multiplicaram para a comunidade dos freis. Foram formados na época três acampamentos: um em Encruzilhada do Sul, outro em Caseiros e o terceiro com mais de 20 mil pessoas em Sarandi.

Depois de cinco anos de permanência no assentamento de Encruzilhada Sul, a comunidade se deslocou, em acordo com a Igreja local, as respectivas Províncias

dos frades e os Movimentos Populares, para Tupanciretã, centro do Estado, Diocese de Santa Maria. Esta situação facilitou para acompanhar mais de perto, além dos 18 assentamentos da Região (MST e Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB), a organização dos movimentos no Estado.

Hoje a comunidade é formada por quatro frades, três deles Franciscanos Menores – José Frey, Marcio Birk e Sergio Gorgen – e um Franciscano Capuchinho, Frei Wilson Zanatta.

Mesmo estando envolvidos com os movimentos sociais, os frades sempre mantiveram suas atividades pastorais com as comunidades dos assentamentos através da Rede de Comunidades Santo Isidoro Camponês, composta por 30 comunidades organizadas com os serviços pastorais e com o atendimento mensal a todas elas.

Entre os serviços existentes na comunidade que formam o conselho Comunitário de Pastoral, foi implementado o serviço de pastoral socioambiental, com a construção da casa do chá e das sementes, para resgatar e distribuir entre os agricultores, incentivar o cultivo e assim obter uma alimentação saudável e não cair nas amarras das grandes empresas das sementes transgênicas. Trabalho desenvolvido também

com os guardiões das sementes crioulas das comunidades.

Da luta pela terra à ecologia

O contato quase que diário da realidade dos camponeses e as informações sobre o meio ambiente foram despertando a necessidade de olhar mais para o que nos cerca, pois tudo está interligado. E segundo a “Hipótese Gaia” do cientista James Lovelock (2006; 2006), a Terra é um organismo vivo podendo ter saúde ou adoecer. E nós que moramos nesta casa podemos adoecer juntos. O Papa Francisco na *Laudato Si* (2015) se apropria desta afirmação e a amplia assumindo a Terra como “Casa Comum”.

A realidade e as reflexões nos convidaram para tomarmos cuidados práticos para fazer acontecer ao nosso redor o que convém para um ambiente sadio. Além do plantio de árvores nativas e frutíferas, o cuidado de uma boa horta orgânica e o incentivo para que as demais famílias também caminhassem nesse rumo, levaram a um trabalho de conscientização sobre o meio ambiente.

Neste período de permanência em Tupanciretã, no ano de 2004, foi criado o Instituto Cultural Padre Josimo (ICPJ) para ser uma referência em defesa e promoção

do meio ambiente. Já de princípio surgiu como proposta salvaguardar as sementes crioulas, as mais variadas possíveis, para os agricultores não perderem sua identidade e não se tornarem dependentes do mercado das sementes transgênicas. Com esta proposta surgiu a casa da semente “Mãe Terra” na Diocese de Bagé, com o propósito de estimular um troca-troca de sementes.

Em 2006, a comunidade, em sua dinâmica de itinerâncias, mudou-se para o Sul do Rio Grande do sul, para a Região do Pampa, e estabeleceu-se no município de Hulha Negra, na fronteira com o Uruguai. A casa da comunidade foi construída no Assentamento Conquista da Fronteira, num conjunto de 56 assentamentos pertencentes aos municípios de Hulha Negra, Aceguá e Candiota. Todos os assentamentos são fruto da Reforma Agrária. São 47 mil hectares, integrando 1.860 famílias assentadas do MST.

A consciência sobre o meio ambiente e a necessidades de defender e promover um mundo mais saudável, despertou para a construção da casa de permacultura, com os materiais existentes na região, como eucaliptos, fenos de arroz com reboco de terra, e cobertura de eucaliptos, taquara, lona e terra. Além de proteger o

meio ambiente, a casa construída no sistema de permacultura, tem vantagens térmicas e um baixo custo.

A partir da realidade local, foi dado continuidade, junto aos assentados e outras comunidades dos arredores, à conscientização sobre a necessidade de manter uma relação saudável com o meio ambiente e incentivou-se o plantio de sementes crioulas, árvores e hortaliças.

Em 2012 o ICPJ assumiu um projeto de compensação social da CGTEE, (Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica) com o plantio de um milhão e quinhentas mil árvores nativas. Este projeto veio beneficiar aos agricultores assentados com o plantio de mil hectares. Os camponeses da reforma agrária da região participaram, em suas propriedades, com o plantio de um a três hectares não aproveitáveis para agricultura. Eram terrenos degradados por boçorocas ou barrancos impróprios para a agricultura, mas adequados para o cultivo de árvores, favorecendo com isso ao meio ambiente, ajudando no cultivo de abelhas, com a produção de mel e mais tarde, proteção para os animais.

Além do fornecimento das mudas para o plantio, foram designados pelo projeto valores cor-

respondentes ao plantio, beneficiando a estruturação econômica das famílias através da criação de galinhas caipiras, telas para hortas, instrumentos de trabalho. As famílias recebiam um valor de 900 reais por hectare de árvores plantadas, revertidos em produtos necessários para a família.

Da ecologia à fitoterapia e reeducação alimentar

O trabalho com fitoterápicos surgiu como uma necessidade que, com o tempo, se transformou em realidade nas comunidades dos assentamentos da Rede de Comunidades Santo Isidoro Campônês. A partir da divulgação pela Rádio da Comunidade de receitas dos remédios caseiros, constatou-se o interesse das pessoas pelo tema. Do anunciado pela Rádio passou-se a escrever as receitas para as famílias terem o material em mãos. O volume aumentou e transformou-se em apostila e da apostila no livro “Sabedoria camponesa: ervas medicinais, remédios e receitas caseiras” (2015) e em várias outras produções que devolveram às comunidades camponesas, indígenas e quilombolas a sabedoria ancestral que estava ameaçada de esquecimento (2017; 2019; 2019b; 2019c; 2023).

Outros materiais foram agregados e organizados cursos de formação em fitoterapia nas comunidades da Rede de Pastoral. O resgate das receitas das ervas da “farmácia de Deus” avançou e hoje o trabalho é reconhecido pelo próprio IBGE., foi bom, onde o próprio IBGE constatou, os municípios que mais se tem a prática de uso das ervas medicinais do Estado, acontece em Hulha Negra e Candiota.

Aos poucos este trabalho foi se ampliando com a compilação de receitas caseiras provenientes de pessoas que guardaram a tradição. Com isso surgiram outros livros, confrontados com aquilo que a ciência também confirma.

O trabalho com as “ervas da farmácia de Deus”, como as pessoas envolvidas gostam de chamar, foi assumindo uma dimensão maior com municípios, comunidades de Dioceses, movimentos sociais, MPA, MST, Indígenas e Quilombolas. Ou seja, existe um grande interesse das pessoas resgatar esta prática das ervas medicinais.

Muitas doenças são consequências de um sistema social, político e econômico que está implementado na sociedade. Na base deste sistema está o consumismo desenfreado baseado na destruição da natureza em vista do pra-

zer, ou do querer viver com luxo desenfreado sem se importar com a natureza. As matas, as águas, as terras, estão sendo sacrificadas para se ter lucro para uma minoria, mas gerando consequências que atingirão a todos. Lembremos da pandemia de Covid 19, onde todos foram de alguma forma atingidos, mas as condições de enfrentar os riscos e as consequências eram diferentes entre os mais ricos que podiam ficar isolados em suas casas com todo conforto e, que em caso de contágio tinham condições de contratar serviços de saúde de alta complexidade no sistema privado, enquanto os mais pobres, sujeitos a condições de vida precárias, sem ter como parar de trabalhar, enfrentando os riscos extremos de contágio para garantir seu sustento e, em caso de contágio, expostos as limitações do sistema público de saúde que se encontrava estrangulado.

Dentro deste sistema encontramos como causa de muitas doenças a própria alimentação. Dizia Hipócrates, pai da Medicina na Grécia antiga, já antes de Cristo, “Que a tua comida seja teu remédio e o teu remédio seja a tua comida”. Na maior parte das vezes é preciso administrar remédios devido a uma alimentação inadequada ou insuficiente (falta de nutrientes). Se a alimentação

for completa, a tendência é que o corpo seja saudável. Podemos observar como determinados índices de doenças aumentam na medida em que avança a industrialização da alimentação através dos ultra processados, associados a produtos sintéticos, desde meados do século passado. É o caso dos problemas cardíacos e neurológicos, como infartos, aneurismas e acidentes vasculares cerebrais, do mesmo modo cresceram de forma alarmante com o surgimento da industrialização da comida. Outras enfermidades estão também relacionadas diretamente com a realidade do tipo de alimentação: como colesterol, diabetes e obesidade.

Constatamos esta realidade nos cursos realizados nas comunidades e movimentos sociais nos municípios do Rio Grande do Sul e em outros estados, por onde passamos. Ao serem provocados nos cursos para falar quais são as principais doenças que atingem o povo, sempre aparecem seis enfermidades, praticamente nesta ordem: depressão, câncer, osteoporose, diabete, colesterol e hipertensão. Outras aparecem em menor proporção: reumatismo, pedras nos rins, esteatose hepática (gordura no fígado), entre outras.

A alimentação saudável é a base para se ter um corpo e uma

mente com saúde. Vamos pensar, por exemplo, na questão dos agrotóxicos e como eles contaminam o alimento e, em consequência, o corpo e a mente das pessoas. Ao refletir sobre a depressão verifica-se que a incidência é maior em pessoas que mantêm hábitos alimentares baseados em gêneros contaminados por agrotóxicos e ultraprocessados, do que em relação àqueles e aquelas que mantêm hábitos alimentares saudáveis. Porém, principalmente nos grandes centros, existem poucas opções de alimentos não contaminados por agrotóxicos e, quando existem, são comercializados a valores mais elevados, deixando as camadas mais humildes da população sem possibilidade de acessá-los. O agrotóxico está presente praticamente em todos os gêneros de alimentos que se encontram fora do segmento orgânico/agroecológico. E além do agrotóxico estar nos alimentos, ele está presente no ar e na água. Os lençóis freáticos já estão contaminados com os venenos que são aplicados na agricultura. E a questão do ar? Os agrotóxicos aplicados nas lavouras sofrem deriva e são levados pelo vento para outras plantações, como por exemplo parreirais (produção de uvas), frutíferas (laranja, bergamotas, mamão, chuchu...) e tantas outras plantações que acabam

abortando os frutos e, até mesmo para áreas habitadas por humanos ou por animais.

Os agrotóxicos acabam matando moléculas no ventre das pessoas, provocando a disbiose, isto é, a ausência de microrganismos que processam a alimentação para a sustentação do corpo, ocasionando com isso, o enfraquecimento da pessoa contaminada. Isso é mais comum do que se imagina. Outro fator que precisa ser considerado é como os agrotóxicos impedem a absorção de vitaminas e minerais pelo organismo e impossibilitam a produção de hormônios como a serotonina, também conhecida como o hormônio da alegria, cuja ausência no cérebro ajuda a desencadear ansiedade e depressão.

Hoje podemos afirmar com segurança que entre as principais causas da depressão estão a alimentação contaminada por agrotóxicos, produtos alopáticos e drogas, assim como a quebra dos relacionamentos familiares, comunitários e sociais. Este é um problema de saúde sério de norte a sul deste País.

E a segunda causa ocorre devido o relacionamento ruim entre as pessoas. A questão emocional perturbada acaba sendo somatizado. Ou seja, se existencialmente a pessoa está vivendo numa situação de conflito, acaba atingin-

do alguma parte do corpo que está mais frágil. Esta situação, além da depressão, pode provocar hipertensão e favorecer a diabetes e o colesterol, entre outras.

A ausência de espiritualidade também é um fator que podemos citar entre as causas da depressão. A espiritualidade é mais que cumprir regras e normas estabelecidas por religiões. Trata-se da relação da pessoa com o sobrenatural, com os outros e com a criação. Relação de reciprocidade, como aponta Francisco de Assis, capaz de ver tudo e todos como irmãos e irmãs. Esta maneira de viver leva a pessoa a defender a vida, colocar-se junto com o outro/a que precisa, que necessita de ajuda. O Papa Francisco costuma fazer referência a necessidade da expressão da solidariedade junto aos mais pobres, aos que são afetados pelos conflitos e guerras, aos que são vítimas do preconceito, aos Povos Originários, aos Negros, às Mulheres, aos sem-teto, aos sem-terra e aos sem trabalho. Enfim, todos que precisam de solidariedade. A espiritualidade não é privilégio de quem tem religião. Um ateu também pode ter espiritualidade. Todos que se desafiam a ir ao encontro do outro para caminhar juntos, se desacomodando, estão fazendo o bem para a sua própria saúde mental, corporal e

espiritual. Pois, nós somos Mente, Corpo e Espírito.

Os povos originários, quilombolas e camponeses mais ligados à produção natural, demonstram uma ligação maior com a natureza, portanto, estão mais ligados à medicina tradicional, usando a natureza para prevenir e curar as enfermidades.

Cada cultura determina o modo de ser, pensar e se relacionar com os outros e com a natureza. Nas cosmovivências dos povos originários e afrodescendentes, quando respeitados em seus ambientes, sem interferência da cosmovisão dos brancos, constata-se uma vida mais saudável em todas as dimensões. A comida é mais pura e a convivência entre a família e a comunidade é mais natural. A ganância não anda solta, nem o ciúme de ter o que o outro tem, porque, o que têm é comum a todos. A começar pela terra sem cercas, nem propriedades particulares. A solidariedade ali se faz presente.

Junto aos povos originários e quilombolas

O ICPJ vem trabalhando através da fitoterapia em várias das 80 comunidades de remanescentes dos povos originários no Rio Grande do Sul. Umhas menores,

outras maiores e várias à beira de estradas esperando pela demarcação de suas terras. Encontramos muito sofrimento nas aldeias, principalmente aos que tem pouco terra e os que ainda estão em busca dela.

Nos últimos anos, com a colaboração de entidades e amigos, logrou-se distribuir sementes de milho crioulo, feijão, ramas de mandioca, sementes de hortaliças, árvores frutíferas e medicinais para Aldeias do RS, SC e MS e Quilombolas RS. O objetivo da distribuição é devolver aquilo que era e sempre foi deles e que, no caminhar da história, foi-lhes retirado. Um resgate que está devolvendo uma vida mais digna para estes povos.

Este projeto envolve os chamados “guardiães de sementes crioulas”:

- Agricultores assentados da reforma agrária e camponeses. São os responsáveis pela produção das sementes crioulas. São símbolos de luta e resistência e cumprem o papel fundamental na conservação da biodiversidade, resguardo do patrimônio genético, multiplicação e comercialização das sementes.
- As comunidade e povos tradicionais. São comunidades

remanescentes de quilombolas, aldeias indígenas guaranis e kaingang, gravemente vulnerabilizados pelos processos históricos da exclusão social, marginalização socioeconômica e cultural.

- Movimentos e organizações comprometidas com o desenvolvimento economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente sustentável, atuando em rede para viabilizar o programa do ponto de vista material, na articulação interinstitucional, gestão administrativa e assessoria técnica.

Protegendo as águas do Pampa

A população da região sul do estado do RS, no Bioma Pampa, sempre conviveu com a dificuldade para ter águas adequadas para as famílias e para os animais. Quanto aos animais, foi e é um pouco mais fácil solucionar a carência com a construção de pequenas barragens. Para as pessoas, no entanto, as águas devem ser de melhor qualidade. Primeiramente tentou-se solucionar o problema através de poços artesianos. As águas subterrâneas da

região são salobras e a tentativa resultou frustrada.

Passou-se então para a recuperação de fontes e construção de cisternas para a captação da água da chuva. Com ajuda do Governo Federal e em parceria com a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o ICPJ formou equipes de técnicos para a proteção e conservação das nascentes. Este projeto veio para beneficiar as famílias e as entidades existentes nos assentamentos.

O projeto é assim descrito na Cartilha Ecológica da Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes do Assentamento Santa Elmira:

O projeto visa a proteção de fontes e nascentes de águas e a educação Ambiental focada na preservação do Pampa, procurando semear conhecimentos, alfabetização e conscientização ecológica das questões socioambientais de maneira comprometida com a vida e com o bem-estar de cada um e da sociedade como um todo, recuperando as nascentes de água, por meios de parceiros, através de ações permanentes de educação. Essa parceria entre escola, instituições e moradores locais na busca de soluções cabíveis e necessárias para a prevenção e recuperação das nascentes de água, para a redução de desperdícios de recursos naturais, e para encontrar alternativas de uso para

os materiais recicláveis disponíveis, desenvolve interdisciplinaridade, permanecendo as diversas áreas do conhecimento e níveis de ensino, percebendo o ambiente como um tema transversal na educação dos educandos. (2018).

No trabalho realizado pela equipe técnica do ICPJ com as famílias, também acontece um processo de formação visando refletir sobre a situação climática e a real necessidade de cada um fazer sua parte e, juntos, buscar resolver o problema existente para obter água de qualidade.

De todas as fontes feitas, as águas foram testadas em laboratório da UNIPAMA para constatar a viabilidade de uso para as pessoas. Em todas as fontes constatou-se ser uma água de qualidade, não perdendo nada para outras águas consideradas ideais para o consumo humano.

Além da água para consumo humano imediato, a proteção das fontes,

proporciona o aumento da vazão de água disponível para a captação nas nascentes, reduzindo o risco de escassez, já que ao proteger uma nascente estaremos proporcionando o crescimento da vegetação ao seu redor, o que faz com que a água ali permaneça mesmo em tempo de estiagem; possibilitar a redução do

risco de contaminação e melhoria da qualidade da água disponibilizada para o uso; conhecer a importância do reflorestar para preservação das nascentes. Cartilha Ecológica, protegendo as águas do Pampa.

Na Região da Campanha, nos municípios de Candiota, Hulha Negra e Aceguá, em assentamentos e comunidades quilombolas, foi viabilizada, nos últimos dois anos, a estruturação de 200 vertentes e mais de 300 cisternas. Ao visitar as famílias, percebe-se a alegria de ter água em casa e ouve-se, muitas vezes, a afirmação de que “agora me sinto melhor ao receber visitas, porque tenho água e boa para beber”.

O ICPJ, através de um novo projeto viabilizado com recursos do Governo Federal e do Consórcio Público Intermunicipal de Desenvolvimento Econômico dos Municípios da Bacia Jaguarão (CIDEJA) projetou, para os próximos dois anos, a construção de 509 cisternas em 18 municípios que compreendem o Bioma Pampa. A construção de cisternas próximo às casas tem por objetivo captar a água das chuvas provenientes dos telhados para ser estocada, protegida e consumida pela família. As cisternas familiares podem acumular até 16 mil litros de águas. Nas estruturas comunitárias – associações e coo-

perativas - e produtores de leite em escala mais elevada, a capacidade pode chegar a 52.000 litros.

Além de solucionar o problema do acesso à água, o ICPJ, em convênio com o Movimento dos Pequenos Agricultores, assumiu o programa de assistência técnica rural da região. O objetivo do programa “ATER Bem Viver Pampa” é alcançar o desenvolvimento territorial rural sustentável, fortalecendo a agricultura familiar, incentivar a agroecologia e garantir a segurança hídrica e alimentar e nutricional. (CORBARI, 2024).

Na emergência, sementes de solidariedade

As enchentes que, em setembro de 2023 e abril/maio de 2024 afetaram o Rio Grande do Sul chocou e despertou a muitos para estender a mão em solidariedade aos atingidos.

Na enchente de 2023, uma das regiões mais fortemente atingidas foi o Vale do Taquari. Na região, as águas devastaram plantações, casas e estruturas das propriedades do interior e de cidades de vários municípios.

O Instituto Cultural Padre Josimo, juntamente com outras 22 entidades, realizou naquele momento um trabalho de visitas às famílias de camponeses atingidas

para dar apoio e, ao mesmo tempo, realizar um levantamento da situação visando a atenção das necessidades. As famílias que perderam seus bens foram socorridos com sementes de milho, feijão, ramas de mandioca, sementes de hortaliças, mudas de árvores frutíferas e nativas.

Quando a situação estava voltando ao normal aconteceu o pior. No mês de maio de 2024, uma nova enchente atingiu 80% do território gaúcho e o Vale do Taquari foi uma das mais atingidas.

Diante da nova calamidade, o ICPJ, juntamente com as demais entidades implementou “a missão de sementes de solidariedade”. Com a participação de lideranças de movimentos populares de vários estados do país, foram retomadas as visitas de casa em casa para constatar a realidade de cada família camponesa e, posteriormente, proporcionar às famílias o necessário para viabilizar a vida no meio desta catástrofe.

A Missão de Sementes de Solidariedade conseguiu auxiliar 5.162 famílias em 278 comunidades atingidas localizadas em 77 municípios. Com doações provenientes de praticamente todo o território nacional e até do exterior foi arrecadado um valor de R\$1,2 milhões que, além de suprir os custos operacionais, via-

bilizaram a destinação de 59.318 kg de sementes de milho, 16.140 kg de sementes de feijão, 37,331 sachês de sementes de hortaliças, 4.800 kg de sementes arroz, 3.563 feixes de ramas de mandioca, 33,031 mudas de árvores nativas, 18,818 mudas de árvores frutíferas, 2,953 mudas de batata-doce.

Três décadas de presença e missão

No dia 10 de março de 2025 a comunidade Padre Josimo completará 30 anos de inserção em assentamentos MST e de envolvimento com os demais movimentos ligados à vida no campo. A comunidade, durante estes anos, fez um processo de acompanhamento aos movimentos populares e organizações comprometidas com a causa da terra, da justiça e da libertação.

A inspiração para o trabalho de inserção nos meios populares provem do nosso carisma franciscano. Com base no Evangelho, o grupo de frades vive o compromisso de libertação como São Francisco tentou realizar no seu tempo. Com gestos, mais do que palavras, busca ser semente na construção do Reino de Deus entre as pessoas para “que todos tenham vida e vida em abundância”.

O envolvimento direto com as pessoas historicamente excluídas da sociedade nos faz ver que a vida muda quando se toma **consciência** das causas de exclusão. E quando as pessoas percebem que a **organização** é outro valor, **lutam juntos** pelos direitos historicamente negados. Uma vida com os valores básicos de dignidade, ainda nos dias de hoje, é fruto da conquista e não da benevolência de poucos.

Padre Josimo, na Carta Testemunho escrita poucos dias antes de seu assassinato assim se expressa: “Estou empenhado na luta pela causa dos lavradores indefesos, povo oprimido nas garras do latifúndio. Se eu me calar, quem os defenderá? Quem lutará em seu favor?”

E concluía a carta dizendo: “A minha vida nada vale em vista da

morte de tantos lavradores assassinados, violentados, despejados de suas terras, deixando mulheres e filhos abandonados, sem carinho, sem pão e sem lar”.

O Papa Francisco (2015), ao encontrar-se com os movimentos populares na Bolívia, afirmou a real necessidade dos movimentos populares lutarem para ver respeitados seus direitos de ter “terra, trabalho e teto”. É o básico para construir uma família com dignidade.

Inspirados em Francisco de Assis e em seu “Cântico das Criaturas” que completa, neste ano de 2025, 800 anos de sua composição, queremos chamar a todos e todas, humanos e todas as criaturas, de irmãos e irmãs para que possam conviver e construir práticas para salvar nossa “Casa Comum”.

Para sentipensar em comunidade:

1. Você conhece alguma comunidade religiosa intercongregacional presente junto aos mais necessitados?
2. Quais os apelos ecológicos que sentimos em nossa realidade concreta?
3. Como podemos juntar forças com outras comunidades religiosas e outras instituições sociais para responder a estes apelos?

- BRIAIO, Denise et al. Utilização de plantas medicinais em um município inserido no Bioma Pampa brasileiro. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 206-219, ago./dez. 2016.
- CORBARI, Marcos Antônio. **MPA, ANATER e Instituto Padre Josimo dão início ao programa Bem Viver Pampa no RS**. Disponível em: <https://mpabrasil.org.br/noticias/mpa-anater-e-instituto-padre-josimo-dao-inicio-ao-programa-bem-viver-pampa-no-rs/> Acesso em: 30 dez. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares**. Santa Cruz de La Sierra, 09 de julho de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html Acesso em: 30 dez. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Brasil, Intrínseca, 2006.
- LOVELOCK, James. **Gaia**. Cura para um Planeta Doente. Brasil: Cultrix, 2006.
- PROTEGENDO as águas do Pampa. **Cartilha Ecológica da Escola Estadual de Ensino Fundamental Chico Mendes**. Hulha Negra: UTE/ Instituto Padre Josimo, 2018.
- ZANATTA, Wilson. **Receitas Caseiras 1**: plantas medicinais para a saúde humana. Candiota, RS, Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.
- ZANATTA, Wilson. **Receitas Caseiras 2**: alimentos, temperos, bebidas, bem estar pessoal. Candiota, RS, Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.
- ZANATTA, Wilson. **Receitas Caseiras 3**: agricultura, animais, usos domésticos, curiosidades. Candiota, RS, Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.
- ZANATTA, Wilson. **Sabedoria camponesa**: ervas medicinais, remédios e receitas caseiras. 2. ed. rev. e ampl. Candiota, Instituto Cultural Padre Josimo, 2015.
- ZANATTA, Wilson. **Sabedoria camponesa**: ervas medicinais, remédios e receitas caseiras. O poder curativo da Guaçatonga. Candiota, RS: Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.
- ZANATTA, Wilson; GOERGEN, Sérgio. **Depressão**: informações e terapias naturais para prevenir, cuidar e superar. Candiota, RS: Instituto Cultural Padre Josimo, 2023.

ECOLOGIA INTEGRAL E MUNDO URBANO

Frei Marcelo Toyansk Guimarães¹

Resumo: Tendo como ponto de partida a Ecologia Integral, proposta pelo Papa Francisco na *Laudato Si*, o texto considera as novas realidades urbanas – moradia, trabalho, comunicação, interações, religião –, nas quais parte significativa da sociedade brasileira vive e às quais a Igreja Católica e a Vida Religiosa Consagrada ainda não incorporaram em seu modo de ser e de agir missionariamente. A constatação é a necessidade de transformações estruturais, que permitam à Igreja e à VRC reposicionar-se, em cada contexto urbano específico, junto às lutas daqueles que sofrem as consequências da degradação socioambiental, pela qual passa a casa comum.

Palavras-chave: Ecologia integral. Cidade. Periferia. Igreja. Pastoral. Vida religiosa Consagrada.

Situando a ecologia integral

O Cântico das Criaturas, que inspirou a Encíclica *Laudato Si*’ do Papa Francisco, foi um ponto de chegada do percurso intenso da vida de Francisco de Assis. A Encíclica do início do pontificado

norteou posicionamentos, gestos e várias iniciativas, como o Sínodo para a Amazônia, a Economia de Francisco e Clara, o Pacto Educativo Global e está intimamente sintonizada a outras, como

¹ Frade menor capuchinho. Bacharel em Teologia. Especialista em Bíblia. Coordenador do Serviço de Justiça, Paz e Integridade da Criação dos Frades Capuchinhos do Brasil. Membro da Coordenação nacional da Pastoral da Moradia e Favela. Assessor da Comissão Justiça e Paz da CNBB Sul1. Endereço para contato: fr.marcelotg@yahoo.com.br

o processo sinodal em toda a Igreja, que visa uma participação de todos com uma “visão dialogal e integradora”.

Esta Encíclica se tornou um marco no Ensino Social da Igreja e também para cientistas, ambientalistas e tantos comprometidos com o “cuidado da casa comum”. Diferente de outras Encíclicas papais, esta é direcionada a “toda família humana”, pois “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13). Isso se deve à ciência do Papa de que a Igreja tem uma participação irrenunciável no “cuidado da criação”, a qual, por vezes, omitiu-se, corroborando com sistemas exploratórios da vida humana e do meio ambiente, mas hoje tem a oportunidade de ser e agir diferente. Diante dos graves limites em que o Planeta se encontra, todos os setores, organizações e pessoas são importantes neste inadiável e “urgente desafio”.

De um mundo fragmentado à Ecologia Integral

Para compreender esse urgente desafio, trazemos algumas premissas relativas à “questão ecológica”. A ciência ecológica se

autodefine como o estudo das relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem. Nessa definição o termo “relação” é de grande importância para se entender sobre o que trata a ecologia: “Na compreensão de seu primeiro formulador, Ernst Haeckel (1834-1919), a ecologia é o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente (...), Não se trata de estudar o meio ambiente ou os seres bióticos (vivos) ou abióticos (inertes) em si mesmos (...) mas na interação e na inter-relação entre eles” (BOFF, 2015, p. 18).

A “ecologia” não trata, pois, de realidades isoladas ou de ver a criação de modo dissecado. Ao invés, aborda as “interações”. Nesse sentido, “o documento pontifício [*Laudato Si*], o primeiro do magistério a assumir uma visão sistêmica, holística e integral, não se trata, como erroneamente se disse, de uma encíclica verde. Tem a ver com uma *ecologia integral* que aborda de forma articulada e sempre interdependente o ambiental com o social, com o mental, com o cultural, com o cotidiano e com o espiritual” (BOFF, 2016, p. 28). Isso contrapõe a uma visão mecânica ou meramente utilitarista de qualquer forma de vida, como se pudesse ser algo estático, sem dinâmica ou interação.

Todavia, “dois pais fundadores de nosso modo de ver o mundo, René Descartes (1596-1650) e Francis Bacon (1561-1626) viam a matéria como algo totalmente passivo e inerte. A mente existia exclusivamente nos seres humanos. Estes podiam sentir e pensar, enquanto os demais animais e seres agiam como máquinas destituídas de qualquer subjetividade e propósito” (BOFF, 2016, p. 25). É uma visão mecanicista, pautada na formulação “penso, logo existo”, com a qual o raciocínio humano buscou a tudo enquadrar em sua lógica cientificista, numérica e funcional.

Em certo momento, as ciências podem significar certo avanço, mas essa compreensão mecanicista tomou proporções extremas, a ponto de visar pautar toda a compreensão de mundo. Entretanto, esse modo de ver o mundo fragmentado corrobora para ver os problemas e as realidades desligados uns dos outros, dificultando compreender as causas e as consequências dos problemas, bem como as suas inter-relações. Contrapõe muito ao princípio ecológico, sistêmico, orgânico e relacional.

Dessa forma, se cunhou o entendimento popular do que é relacionado à natureza é inferior e só para ser usado, enquanto o que é relacionado à cultura e ao saber tem mais valor e deve reger as re-

lações, por isso, “o doutor entende sempre mais do que o trabalhador braçal”. herdando esse modo de ver o mundo, o atualizando no século XXI, se caminha drasticamente em direção de 1,5º C a mais de aquecimento global do que na época pré-industrial, ou seja, 200 anos atrás. Este limite não pode ser ultrapassado, para o Planeta não sofrer danos irreversíveis. Mas o cenário atual aponta para uma elevação superior a este limite nas próximas décadas.

Como diz o Papa Francisco, “embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica” (LS 18). Por exemplo, são muitos anos para um bosque crescer, mas em poucas horas podem ser cortadas as suas árvores e as suas características destruídas; ou mesmo o desenvolvimento integral de uma pessoa leva muitos anos, enquanto o assassinato dela pode se fazer em alguns segundos. Essa mudança acelerada e destruidora é, em grande parte, para o acúmulo de ganhos para grandes corporações. Assim, o Papa atribui ao sistema econômico e tecnológico predominante (LS 20) a maior responsabilidade pela atual crise socioambiental.

Temos, por isso, as políticas públicas se pautando em números de indivíduos atendidos, mas

desconsiderando as interações ou mesmo o conjunto de fatores que influenciam ou que são impactados. Muitas vezes tratam números – como milhões de famintos – sem uma abordagem do todo, buscando sanar a fome, sem focar na geração de empregos ou outros fatores, ao que chamamos de “assistencialismo”. A mesma fragmentação podemos perceber em uma fábrica, que foca demais em seus lucros sem considerar os prejuízos que provoca ao poluir um rio ou mal remunerando seus empregados, provocando diversos prejuízos à sociedade.

Essa fragmentação permeia toda a nossa forma de viver. Vemos as relações familiares, por vezes, reduzidas a contatos dispersos, mediados por redes digitais; nas relações distantes entre vizinhos, em um mundo acelerado; no cuidado com a saúde, em que há especialistas para cada parte do corpo, porém, por vezes, sem ver o todo da pessoa; na educação, em que currículos comportam matérias desconectadas, sem gerar um processo integrado; em espaços de decisões políticas e administrativas, em que muitas vezes um setor pouco dialoga com o outro, resultando políticas mal elaboradas ou ações desconexas; também no campo religioso, fre-

quentemente, vemos a atenção com o número de participantes, sem a mesma atenção ao processo de crescimento que fazem ou, ainda, “uma coisa é o que se celebra na Igreja, outra coisa diferente é o que se vive fora”. Em todos esses vários exemplos, se evidencia uma fragmentação nas relações e na visão de mundo em que somos formados.

Por isso,

torna-se cada vez mais evidente que os principais problemas de nosso tempo – energia, meio ambiente, mudança climática, segurança alimentar e financeira – não podem ser compreendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, e isso significa que todos eles estão interconectados e são interdependentes. Em última análise, esses problemas precisam ser considerados como facetas diferentes de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 13).

Ou, como ilustra o Papa Francisco

é a mesma lógica que leva à exploração sexual das crianças, ou ao abandono dos idosos que não servem os interesses próprios... É a mesma lógica do ‘usa e joga fora’ que produz tantos resíduos, só pelo desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade” (LS 123).

No entanto, o Papa é esperançoso, pois acredita que “as coisas podem mudar” (LS 13), “há sempre uma saída... sempre podemos mudar de rumo” (LS 61) e exorta não sermos “testemunhas mudas” de gravíssimas desigualdades e destruições:

Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. (LS 194).

Esta redefinição é chamada, na *Laudato Si'*, de “conversão ecológica integral”. “Integral” porque tem de tocar todas as dimensões da vida, da percepção de mundo à condução sociopolítica que, aliás, estão todas estreitamente conectadas. Diante disso, o Papa nos traz na Encíclica de que “tudo está relacionado” (LS 117), discorrendo uma a uma as “ecologias” que comportam as várias dimensões inter-relacionadas da vida. Se “ecologia” vem de “relação” integrada e “saúdável”, ao aprofundar as relações nos vários âmbitos da vida, o Papa as nomeia como ecologia ambiental, econômica, social, cultural, humana e espiritual.

A realidade do mundo urbano

Se a ecologia integral permeia e integra todas as relações, precisamos estar atentos ao fato de que a maioria das pessoas atualmente vive no “ambiente” urbano e precisa compreender esse paradigma nesse chão em que habita. A seguir, vamos abordar as inter-relações no mundo urbano, compreendendo não somente o chão exclusivamente das cidades, mas ciente de que o estilo de vida citadino e a influência urbana se encontram até mesmo em áreas rurais e remotas. A urgência, que aflige o Planeta, se faz presente com igual gravidade na realidade urbana, seja pelos impactos climáticos nas cidades, seja pela migração forçada pelos impactos socioambientais, entre outros.

Contudo, ao afirmar que é preciso “ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços” (EG 223), o Papa Francisco lembra que os processos e mecanismos que conduzem a vida no mundo urbano, são de grande prioridade a serem compreendidos e influenciados. Sem isso, analisa-se apenas os impactos e resultados, focando energias e esforços em locais em que não transformarão as situações. E a redefinição do modo de vida não pode

ser mero ajuste ou conciliação, é urgente redefinir o “progresso”! Segue, assim, alguns processos influentes no mundo urbano, a partir de quatro autores, em que visualizaremos fragmentações e oportunidades de mudança.

A terra urbana em disputa

Para Ermínia Maricato

a política urbana está tão ausente dos debates (...) que nos países capitalistas periféricos, sobretudo, essa invisibilidade é histórica... a habitação dos trabalhadores não é problema para o capital e, na maior parte das vezes, nem para o Estado. Por isso, os bairros de moradia dos trabalhadores são construídos por eles mesmos, nos seus horários de descanso (2015, p. 19-20).

Enquanto isso, “o poder social, econômico e político sempre esteve associado à detenção de patrimônio, seja sob a forma de escravos (até 1850), seja sob a forma de terras ou imóveis (de 1850 em diante)” (MARICATO, 2015, p. 27), a partir da “Lei de Terras”, excluindo sobremaneira os escravos livres em conseguirem adquirir terras.

A moradia, pois, não é vista como direito neste país, apesar de garantida pela Constituição Federal do Brasil. Muito antes se culpabiliza os que não têm mora-

dia própria, os que moram de aluguel, em coabitação, em áreas de risco, em realidades periféricas e em favelas como se fossem “pouco esforçados” para “conquistar” suas casas. Em um país de histórica exclusão, desde a infância, muitos, que moram precariamente, não têm condições mínimas de escolaridade, alimentação, saúde... como os que “conquistaram” suas moradias conforme às regras do mercado. Em geral, “conquistam” sua moradia contando com algum apoio, seja através de oportunidade de um financiamento ou por estarem colocados em um emprego de boa remuneração, seja por receberem um apoio familiar ou outros suportes.

Por outro lado, esses apoios não são quase presentes em famílias de realidades periféricas, ao contrário, sofrem com a espoliação do pouco que têm, com a frequente remoção de favelas e áreas periféricas – hoje 1,5 milhão de pessoas estão em ameaça iminente de despejo –, se sustentam com trabalhos informais, precários e pouco remunerados, sofrem com a violência policial, tão forte sobre as pessoas mais pobres... Vemos dia a dia assassinatos de jovens nas periferias e a presença do Estado, nas favelas, frequentemente é somente através da força policial. Soma a isso, “como o transporte é ruim e caro,

os moradores, em especial os jovens, vivem o destino do ‘exílio na periferia’, como cunhou Milton Santos. Nunca é demais lembrar que pobreza e imobilidade é receita para a violência” (MARICATO, 2015, p. 45).

Importante salientarmos “que a terra urbana, ou um pedaço de cidade, constitui sempre uma condição de monopólio – ou seja, não há um trecho ou terreno igual a outro [como um carro], e sua localização não é reproduzível – estamos diante de uma mercadoria especial que tem o atributo de captar ganhos sob a forma de renda. A cidade é um grande negócio” (MARICATO, 2015, p. 23) para o mercado imobiliário, entre outros, com esquemas escusos ainda pouco visibilizados pela maioria das pessoas. Também a Igreja ainda ignora ou pouco compreende muitos processos no mundo urbanizado. Mesmo a Igreja sendo “perita em humanidade”, diante da urbanização no Brasil, que vem acontecendo de modo muito acelerado, é questionada fortemente em sua atual forma de evangelização. Pois se “na década de 1960, o Brasil tinha 44,67% da população nas cidades (censos IBGE). Em 1980, já eram 67,59%” (MARICATO, 2015, p. 30) e o último censo de 2022 cita 87,41% da população em cidades.

Vemos como são desafiantes os serviços pastorais no mundo urbano, tão acelerado e fragmentado, seja pela Igreja ainda necessitar da “conversão pastoral” (DAP 370), tão insistida pelo atual Papa, mas lentamente respondida em muitas Igrejas locais, seja por ainda manter características, costumes ou benefícios mais próprios de um mundo mais “rural” ou de cidades pequenas, em que chegamos a escutar que “o pároco tem mais voz que o prefeito e o delegado”. Somado a isso, o Brasil é marcado pela existência de “dois mundos diversos”: os bairros e a região central das cidades em contraposição às periferias! Escutamos facilmente, em algumas paróquias mais centrais, dizer-se que não existe a fome no Brasil. Na periferia, infelizmente, vemos com facilidade essa triste situação.

Tudo isso nos indaga muito, diante dessa invisibilidade ou parca compreensão de tantos processos de grave exclusão no mundo urbano: como conhecemos esses processos de exclusão e respondemos a eles, enquanto VRC? Será que alimentamos esses processos, que muitas vezes se disfarçam, mas que excluem grande parte das pessoas?

Sociedade do desempenho ininterrupto

Já no âmbito da pessoa, “a violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade” e “o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos” (HAN, 2024, p. 15 e 24), tão presentes, por exemplo, no uso contínuo atual das redes digitais, sempre com uma superexposição “positiva”, como vemos nas postagens frequentemente “positivas de si”.

Anteriormente, “a sociedade disciplinar [ainda estava] dominada pelo *não*. Sua negatividade [gerava] loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados... A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2024, p. 24-25). Isso explica o porquê do “chão de fábrica disciplinador” ter sido substituído pelo “chão de asfalto uberizado”, onde o sujeito se pensa como um empreendedor.

Contudo, em uma sociedade com o “*não*” se incita a respostas e protestos, mas em uma sociedade

em que o próprio “eu” necessita sentir-se em constante desempenho e se cobra para isso, vive-se em constante atividade, frequentemente de modo isolado e desconectado, e quase não se tem uma coação externa para isso. O conflito é internalizado, colocando o desgaste e o enfrentamento dentro de cada um de nós, numa sociedade do *burnout*, programados para desempenhar, mas no fundo adoecidos e superficiais², sem uma plena realização, pois fomos criados para uma vida digna de calorosas relações.

Um remédio a esse processo é a espiritualidade. Viver a espiritualidade integrada supõe antes “perder tempo”, pois não se produz nem se tem efeitos imediatos quando se dedica à oração ou a meditação. Também na espiritualidade cabe o diálogo desinteressado ou o “gastar tempo” com alguém em dificuldade ou para a mudança de uma situação de dor. Ao mesmo tempo que a espiritua-

² “O modelo de conflito domina a psicanálise clássica. A cura para isso consiste em *reconhecer*, ou seja, esclarecer propriamente na consciência que há um conflito intrapsíquico. Mas o modelo de conflito pressupõe a negatividade da repressão e da negação. Por isso, hoje já não pode ser empregado para explicar a depressão... o sujeito do desempenho não aceita sentimentos negativos (...) O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa autocoção... acaba sendo fatal para ele” (HAN, 2024, p. 98-100).

lidade integrada vai na contra-mão da sociedade do desempenho, ela reprograma a dinâmica de vida, para um viver com inspiração e que transpira criatividade, em um processo de liberdade e gratuidade, que celebra a vida, por isso, é intenso sem ter de viver para consumir tudo o que o mercado capitalista menos quer.

Por esse motivo, o mercado é muito atento em flertar com uma “religiosidade” que corrobore com o desempenho contínuo – o outro lado da moeda do “consumo contínuo” – como a “teologia da prosperidade” ou um neopelagianismo com a necessidade de desempenho permanente da pessoa, seja pela oferta econômica contínua, seja pela oração tipo pentecostal com gritos ou louvores altos para expressar a própria atuação, mas que nega o outro e o diferente. Esses mecanismos do mercado vêm com a desintegração: a antiga repressão do outro se transveste na depressão da autocoação.

Diante disso, recordemos que Jesus, Maria e José são pobres, vivem uma vida simples em Nazaré e Jesus, em seu ministério, com sua vida de doação e cruz, não tem a eficiência que o mercado esperaria. E o Papa também traz um remédio: “nem todos podem tudo”, e que, nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e de uma vez por todas, pela graça” (GE 49), li-

bertando da “obsessão” em estar sempre positivo, com a negação da perda e da própria cruz.

Crime e religião na realidade brasileira

No cenário religioso, associado ao empreendedorismo, frequentadores de cultos religiosos ou mesmo líderes religiosos vêm se conectado ao crime e, paradoxalmente, considerados “cidadãos de bem”, com a lógica da pregação neopentecostal da prosperidade, numa aproximação entre crime e religião.

Segue um exemplo de como isso se forma:

Peixão se converteu ao Evangelho, decidiu deixar o crime e foi ordenado pastor... Mas as favelas que ele costumava comandar passaram a enfrentar problemas de desordem, e os moradores pediram para ele voltar. Peixão retornou, mas não abandonou sua fé, dando um jeito de adaptá-la à vida no crime (...) Peixão era um leitor da Bíblia (...) e comparava sua trajetória à de personagens sagrados, nas guerras de conquistas territoriais do Antigo Testamento... [em] suas ações e planos de avançar sobre outros bairros. (MANSO, 2023, p. 60-61-64).

Essa interpretação, que adultera o sentido cristão no mundo, resgatando o Deus belicoso do Antigo Testamento, está bem pre-

sente e fundamentando as práticas de muitos, seja no tráfico, seja na violência policial. Não é, contudo, simplesmente má-fé ou mera ignorância. Sem contextualizar, parece somente absurdo, mas a vida nas periferias não caminha conforme à tranquilidade e os recursos que permitem decidir como no conforto de uma mesa de escritório. Primeiramente, “as igrejas pentecostais abriram as portas a essas pessoas se integram a uma nova rede, ofereciam verdades para transformar os desencaxados em cidadãos de bem” (MANSO, 2023, p. 28), oferecendo aos traficantes que “tudo podem” a se reencontrarem na fé, diante “da postura [de “vilão” que] podia lhes parecer encantadora, mas, com o tempo, foi se transformando num fardo”. (MANSO, 2023, p. 38).

Depois, a vida nas cidades é dura e é cada um por si, diferente da vida no campo, com vizinhança, uma mútua-ajuda e redes de apoio³. Também em uma sociedade altamente consumista, em que se incita demasiadamente o

ter, essas igrejas pregam o sucesso e a possibilidade de encontrar uma recompensa em meio às suas mensagens. Claro que isso não diminui a intenção política do comando dessas instituições⁴, que formam seus fieis para as pautas morais e para defender seu próprio grupo no parlamento, mesmo que para isso passem por cima da própria ordem democrática, pois pregam “defenderem a lei divina”, embora, por vezes, estão com “os poderes que criaram suas próprias leis”, mesclando crime e sobrevivência.

Nesse sentido, do mundo fabril para o mundo uberizado, com o esfacelamento dos empregos e os governos incapazes de garantir as mínimas condições de vida,

as novas redes costuradas pela religião e pelo crime ampliavam as oportunidades e o *networking* para beneficiar os negócios de seus membros... e ajudavam a pavimentar o caminho para o empreendedorismo e para o enriquecimento. Restava aos governos, mais do que implementar políticas públicas para reduzir a desigualdade, flexibilizar as regras para que todos pudessem faturar ((MANSO, 2023, p. 259).

³ Interessante que “os oito estados com menos de 20% de evangélicos estavam no Nordeste... Os laços entre os que ficaram em terras nordestinas, apesar de abalados, não precisaram ser refeitos na mesma dimensão que os de quem foi para os centros emergentes... as mulheres também representam [entre os evangélicos] 58% dos fiéis... [e tem] mais fiéis entre pardos e pretos... [e] eles são mais jovens... De forma geral, suas igrejas acabaram se tornando parte da paisagem das periferias brasileiras” (MANSO, 2023, pp. 76-77).

⁴ Um exemplo da relação entre crime e instituição: “O bispo Edir Macedo, em 1991, foi acusado... de ter usado 450 mil dólares doados por um ex-traficante do cartel de Cali para pagar a segunda parcela de compra da TV Record... ‘Para Jesus, até gol de mão vale’, teria lembrado o bispo, quando confrontado” (MANSO, 2023, pp. 240-241).

Esta é uma realidade cada vez mais de nosso país. No mundo urbano e nas periferias, às quais o Papa insiste à Igreja sair em encontro, é uma realidade que cada vez mais se costura, talvez até corroborada pela lacuna da presença católica mais afetiva e efetiva nas periferias nessas últimas décadas. Hoje, por isso, alguns analistas dizem que caminhamos para um narcoestado no Brasil. Outros falam também de um país “Evangelistão” com valores fundamentalistas. Conjecturamos que pode ser uma junção dessas duas tendências em um tom bem neoliberal, somando a crença no empreendedorismo, que não reivindica políticas públicas ou controle do mercado, antes consente com a competição e a “conquista com os próprios méritos”.

Tudo isso provoca muito a pregação religiosa a partir do centro urbano e bairros com mais infraestrutura, cujas pregações podem até dialogar com a crise econômica, ambiental ou política, mas sem partir de como estas acontecem na vida cotidiana das periferias, torna-se algo distante para realidades que sofrem dia a dia as mais diversas exclusões. E referindo-se à realidade periférica, seja geográfica ou existencial,

é cerca de metade da população brasileira⁵.

Todavia, muitas vezes a Igreja Católica reflete a partir das áreas mais centrais, onde se encontra mais presente, do que a partir das periferias. No balanço nacional, numericamente o catolicismo decresce muito e se mantém com característica de uma Igreja com bastante desafio missionário.

Não é urgente, então, passos concretos em direção às periferias, para melhor compreender as suas realidades e as respostas que vêm sendo dadas, mesmo que aparentemente um pouco confusas ou até mesmo contraditórias? Falta à Igreja católica ser mais presente nas periferias e compreender melhor seu “mundo”, anseios e valores: Efetivamente, com mais espaços celebrativos e comunitários, com mais lideranças e agentes de pastorais nas periferias, e em parceria com quem também está nas periferias, como os movimentos populares. E afetivamente, compartilhando as

⁵ Segundo o IBGE, o número de favelas dobrou no país na última década, de 6 para 13 mil. Também segundo o Data Favela, são cerca de 12 milhões de famílias em favelas e cortiços, ou seja, cerca de 50 milhões de brasileiros, ao que se pode somar famílias em outras vulnerabilidades habitacionais, como em áreas de risco, com ausência de infraestrutura urbana, em coabitação, que comprometem demasiadamente a renda com o aluguel. Outros fatores também evidenciam a vulnerabilidade no Brasil, como a alta insegurança alimentar e a alta informalidade do trabalho e sua precarização.

dificuldades e os desafios, sentindo as dores diversas dos pobres, excluídos em muitos sentidos, inclusive da proximidade da espiritualidade (EG 200), para dedicar “tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação” (DAp 397). Ecoando o Sínodo para a Amazônia, com a intuição de uma Igreja de rosto amazônico, urge avançarmos para a “Igreja de rosto periférico”.

Estrutura social excludente

Por fim, observando a estrutura social brasileira, temos um país marcado por quatro séculos de escravidão e com poucos momentos de real vivência democrática e participativa, de modo que a exclusão não pode ser entendida como mera casualidade, mas é um projeto bem elaborado e enraizado.

No Brasil, não se superou realmente os pressupostos que estruturaram a escravidão das pessoas negras e, posteriormente, a “escravização” da terra, a partir de 1850, com a terra em mãos de poucos. Esses pressupostos, disfarçados no país caricaturizado como do carnaval, em que todos acolhem todos, por vezes, é visto com

clareza na violência policial maior sobre negros jovens ou no “exílio” da população parda e negra nas periferias do país. É necessária, pois, uma atenção a esses mecanismos, muito ocultados na mídia e nos debates mais decisivos.

Com o fim da escravidão oficial, muitos, sem ter para onde ir, são marginalizados nas favelas e periferias que despontam. Em períodos seguintes, se constrói um estereótipo do brasileiro, em vista de criar uma identidade nacional, valorizando o “bom mestiço”, mas o reduzindo às características do corpo e do trabalho braçal, homem do carnaval e do “jeitinho brasileiro”, pouco afeito à cultura e a intelectualidade. “Basta que pensemos nas produções Disney, com o preguiçoso e malandro Zé Carioca, que se torna paradoxalmente um herói brasileiro, nos musicais de Carmen Miranda, ridicularizada com um chapéu de frutas na cabeça” (SOUZA, 2021, p. 156).

Para Jessé Souza

para tornar invisíveis todas as relações de exploração, racismo, humilhação e dominação de classe, criando generalizações descabidas, como se as sociedades criassem tipos sociais homogêneos... A desigualdade social e o desvelamento de sua gênese são ofuscados pela suposta criação de um tipo social único. (2021, p. 172).

Tais rótulos do brasileiro se evidenciam ainda nos dias atuais. Foram reformulados, mas sem perder sua intenção de dominação e controle das consciências e da dimensão simbólica. Muito claro quando temos um país dividido em uma polarização entre os de direita e os de esquerda, com grande parcela da população sem nem saber ao certo o que compreende isso tudo.

Ademais, essa fragmentação, para se controlar e dominar, se mostra muito eficaz mesmo na sociedade pós-moderna que se diz evoluída. “Paradoxalmente, existem medos ancestrais que não foram superados pelo progresso tecnológico; mais ainda, souberam esconder-se e revigorar-se por detrás das novas tecnologias” (FT 27). Assim, “cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores... O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam numa vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia” (FT 11).

O controle da mentalidade do brasileiro, assim como em outros países periféricos, contribui para a dominação econômica e política, por isso se atualiza com novos contornos. Quando ameaçada, tal dominação se transveste em golpes de Estado e anos de ditadura. Mas na tendência atual em se ver

tudo a partir de dígitos ou *likes*, com relações imediatistas e superficiais, perde-se o objetivo de melhor qualidade de vida e convivência, embora cresça com mecanismos de controle que garantam produzir e consumir mais.

Dilui na pessoa o ser de relações e também a reflexão sobre si e o mundo, vivendo “mecanicamente” conforme ditam estas estruturas tão bem formuladas no simbólico e inconsciente. Um “estilo de vida” que garanta a divisão e a fragmentação social. Privilegia-se a intelectualidade acessível a poucos e os empregos são afinados em manter o poder da tecnologia, de modo que os que têm maiores condições formam suas crianças para a educação e a cultura, em vista de atenderem a esse mercado de trabalho. Por outro lado, muitos são privados desses acessos educacionais, para mantê-los confinados aos trabalhos precários. É um projeto de sociedade.

A classe média, mesmo sem as oportunidades para acessar os melhores postos, rejeita com frequência ser igualada com a classe mais precarizada, o que é expresso aceitando a exploração dos últimos e até a negação de seus direitos, como uma forma subliminar destes “bodes expiatórios” livrarem a parcela um pouco

mais beneficiada de ser atingida em suas posições⁶. Soma-se a isso, a construção histórica de um “moralismo de fachada brasileiro que visa criminalizar o Estado, a política e a soberania popular” (SOUZA, 2021, p. 233).

Estrutura perversa que urge compreendermos. Não se consegue abordar o Ensino Social da Igreja, mesmo em comunidades católicas, sem compreender essas estruturas simbólicas e pré-reflexivas. A dimensão emocional e pré-reflexiva é muito mais antiga na humanidade que a dimensão racional (BOFF, 2013, p. 38), por isso todos somos muito conduzidos por ela. Isso não contradiz à estrutura humana, mas também precisa ser integrada com as outras dimensões. Conhecer os processos de perversão e manipulação da mentalidade popular é fundamental para se dialogar e argumentar a partir dos pressupostos do Evangelho. Fechar-se na polarização ou não aprofundar meios e espaços para se buscar pontos de contato e aprofundar o diálogo com o outro, não é o caminho.

⁶ “Três tipos de “ser humano” ou de *habitus* específicos e socialmente construídos: o *habitus* estético das classes do privilégio, o *habitus* disciplinar das classes trabalhadoras e o *habitus* precário das classes marginalizadas. Toda sociedade moderna produz gente desses três tipos, criando mecanismos de solidariedade e preconceito, desigualdade e racismo sob a aparência da vigência do império da lei em que todos seriam formalmente iguais” (SOUZA, 2021, p. 205-206).

Portanto, “a propriedade permanece com a elite, enquanto os privilégios educacionais – o caminho institucionalizado para a aquisição de capital cultural – permanecem nas mãos da classe média” (SOUZA, 2021, p. 267). Nesse sentido, muitas escolas católicas surgiram para a educação dos pobres, exprimindo o cuidado com os últimos e com quem sofrem, mas como mantemos essa intencionalidade, quando o sistema educacional da vida religiosa atende prioritariamente às classes médias? E como colocamos as nossas estruturas e propriedades a serviço da justiça e dignidade humana de todos?

Por fim, salientamos que notoriamente “o ‘delinquente’ não é quem empobrece milhões de pessoas pelas negociatas com banqueiros para privatizar todas as riquezas nacionais ou construir dívidas públicas fraudulentas. Na ética elitista dominante, esse pessoal é financista e empresário brilhante, que ganha prêmio e capa de revista no final do ano. Delinquente passa a ser o pobre que vende maconha na esquina porque não tem outro emprego possível. Boa parte dos presos no Brasil é encarcerada por esse tipo de motivo fútil, mera máscara para o racismo que grassa no Poder Judiciário e na sociedade brasileira” (SOUZA, 2021, p. 274-275). Como

nos posicionamos profeticamente diante dessa estrutura social brasileira? Como participarmos efetivamente de processos formativos que transformem as nossas comunidades, instituições e a sociedade conforme o Ensino Social da Igreja? Urge também participarmos ou, pelo menos, apoiarmos organizações comprometidas com a mudança da estrutura excludente no país.

Cuidado da casa comum: construção da casa habitável para cada um

Assim como o “dominar a criação” (Gn 1,26s) se compreende no “cuidado” e não no subjugar, como o pastor que “olha de cima a todos” para cuidar e se doar por cada um, no mundo urbano urge a presença fraterna, solidária e profética, que dá a vida pelos que sofrem as mais variadas mazelas, cujas causas são frequentemente ocultadas. Nas cidades habita, pois, a maioria da população e os desafios e exclusões estão à nossa porta. Diante disso, sem dúvida, os poderes dominantes estão muito atentos aos mecanismos de controle nesse “ambiente”, pois as pessoas oprimidas se encontram próximas e, se conscientes das exclusões, é muito possível haver reações.

Com uma análise mais aprofundada, no entanto, parece até surreal que convivamos tão passivamente com tais descaradas explorações, que se mantêm por controlarem a fundo processos fundiários, midiáticos, religiosos ou simbólicos, entre outros. É um poder grande, expresso por adeptos da teologia do domínio quando entendem precisarem avançar em “Sete Montes: família, religião, educação, mídia, entretenimento, finanças e governo” (MANSO, 2023, p. 212).

Todavia, não é de hoje que a experiência cristã está em contextos tão cobiçados e disputados. No tempo de Jesus, o templo é nordeado pela “lei do puro e impuro”, que segrega e extorque, diante do qual Jesus entra em forte confronto. São Paulo vive igualmente em meio ao Império Romano, cujo tabu é a realidade escravagista, diante da qual ele escreve para que Filemon trate como irmão ao escravo. Francisco de Assis também convive no tempo em que a Igreja talvez foi mais rica, diante da qual testemunha a pobreza evangélica.

Saibamos, então, encontrar a inspiração cristã para a realidade urbana hoje, que nos desafia também em todos os sentidos. Talvez estejamos um pouco atrasados ou distantes do mundo urbano, em

particular o periférico, mas contamos com boas inspirações e fortes impulsos a ser Igreja em saída às periferias! Assim, como o Deus de Jesus, que tem seu “chamado” para vir a este mundo, também urbano, ao “ver, ouvir, conhecer e sentir” (Ex 3,7) a aflição do povo oprimido, somos igualmente chamados, como cristãos consagrados, a responder com a libertação de quem sofre (Ex 3,7). Pois nada toca mais o coração de Deus que salvar, cuidar e amparar quem sofre, pois “ergue da poeira o indigente e retira do lixo o pobrezinho” (Sl 113,7).

Jesus ainda diz que “os mansos herdarão a terra” (Mt 5,5), enquanto mansidão é a “paciência” diante das adversidades e o saber “processar” os contratempos e as diferenças, “lidando com os processos” como a terra, que não é um espaço inerte, mas é rica porque passa por um processo contínuo de cultivo e cuidado. Em seguida, Jesus também anuncia “que os perseguidos por causa da justiça, têm o Reino dos Céus” (Mt 5,10), pois “as relações integradas em todas as dimensões” são frutos da luta pela justiça com suas consequências.

Por isso, “a sobrevivência da humanidade dependerá de nossa alfabetização ecológica – nossa capacidade para compreender os

princípios básicos da ecologia e de viver em conformidade com eles” (CAPRA; LUISI, 2017, p. 440), ao mesmo tempo de uma alfabetização urbanística, com “a moradia digna como a porta de entrada para todos os direitos”: assim, é imprescindível conhecer quem manda na cidade, para onde vão os recursos públicos, conhecer a cidade real e a considerada “não-cidade”, que é a periferia excluída do direito à cidade e seus serviços, em vista da luta por “vida em abundância a todos” (Jo 10,10).

E isso com uma visão integral dos problemas e soluções, não só parciais, como a distribuição de renda, porque mais salário não compra o transporte coletivo, nem compra praças e escolas. Como o Bom Pastor que cuida do todo e de cada um, as conquistas por uma “cidade habitável para todos e cada um” vêm da luta coletiva (LS 179) em todos os sentidos. Ecologia integral e cidade habitável para todos, caminham necessariamente com a luta integrada, que toca todas as dimensões da vida, para antecipar agora o “sábado”, dia do descanso da criação e dia da celebração e promoção da vida de todos os explorados e injustiçados neste mundo urbano.

Para sentipensar em comunidade e rezar:

1. Das realidades urbanas acima descritas que contrastam com a proposta de Ecologia Integral, qual delas está mais presente em nossa realidade?
2. Que respostas estão sendo construídas pela sociedade para restabelecer a harmonia entre as pessoas, as outras criaturas e o ambiente “urbano” no qual vivemos?
3. A Igreja e a Vida Religiosa Consagrada estão comprometidas com a preservação e/ou restabelecimento da convivência harmoniosa no contexto concreto da casa comum em que habitamos?

Referências

- BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOFF, Leonardo. O desafio ecológico à luz da *Laudato Si'*. **REB**, Petrópolis, v. 76, n. 301, jan./mar., 2016.
- BOFF, Leonardo. **O Espírito Santo**: fogo interior, doador da vida e Pai dos pobres. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Gaudete et Exsultate**: sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- GUIMARÃES, Marcelo Toyansk. *Laudato Si'*: na oração de São Francisco, o grito da terra e dos pobres. Em: CNBB. **Viver o Evangelho hoje**. Brasília: CNBB, 2023, p. 122-144.

- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- MANSO, Bruno Paes. **A fé e o fuzil**: crime e religião no Brasil do século XXI. São Paulo: Todavia, 2023.
- MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

A revista: A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as. Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA;

LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. In: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. p. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/>

[content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) Acesso em: 16 nov. 2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br

VII Seminário de Religiosos Irmãos



Irmãos,
Peregrinos da
Esperança
Profetas da
Fraternidade

“Se eles se calarem,
as pedras falarão”

Lc 19,40

-Quizilino-

Seminário Nacional das/os psicólogas/os da CRB
SAÚDE MENTAL E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Curitiba – 11 e 12 de setembro de 2025



CRB NACIONAL
Confederação dos Religiosos do Brasil



PROMOÇÃO

Conferência dos Religiosos do Brasil - Faculdade Vicentina de Curitiba

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal): Cidade: UF: País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: () E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).

